

Desafios de JP ao chegar a um milhão de habitantes

Especialistas identificam problemas e soluções em aspectos como mobilidade urbana, meio ambiente e emprego. **Páginas 5 e 6**

Foto: Marcus Antonius/Arquivo



Entrevista

Foto: Arquivo Pessoal

Privatizações Doutor em Economia, Lucas Milanez comenta projetos do Governo Federal. **Página 4**

Geral

Crise ambiental aumenta risco de colapso na distribuição de água

Brasil enfrenta a pior crise hídrica dos últimos 91 anos e a falta de chuva já deixou 61 localidades paraibanas em situação de racionamento. **Página 3**

Cultura

Lei Aldir Blanc: conheça a nova fase do auxílio a artistas

Secretaria de Estado da Cultura deverá lançar, no início de setembro, cinco novos editais, beneficiando cerca de dois mil artistas e técnicos da área. **Página 9**

Almanaque

Pesquisa quer reconstituir a pré-história dos povos da PB

Inovadora, iniciativa da UEPB procura revelar detalhes da vida, costumes e trajetória dos povos indígenas tupi há centenas de anos no Sertão do Estado. **Página 21**

Colunas

/// O ministro da Economia, Paulo Guedes, (...) traduz, como ninguém melhor, a falta de empatia, de sensibilidade e de respeito aos cidadãos tão característica do governo Bolsonaro. **Página 2**

Editorial

/// Um dia, Marçal se foi, de repente. Eu pensava que os vaqueiros não iam, tanto que corriam com suas almas encouradas dentro da madeira, mandacarus, xiques-xiques, facheiros. **Página 2**

Sitônio Pinto

/// A eleição é uma intriga! Diria mais, é uma fábula de mal-entendidos (...), um curto momento onde a bizarra ilusão da imortalidade experimenta o fascínio de seu risível poder. **Página 11**

Hildeberto Barbosa Filho



João Pessoa tem potencial para se desenvolver com equilíbrio, mas as soluções não devem partir apenas do poder público, a sociedade também precisa se envolver



Foto: Edson Aciloli/Aerovo FM

Peixe-boi marinho Projeto resgata animais em situação de encalhe e, quando reinsertos na natureza, costumam visitar banhistas no Litoral Norte. **Página 20**

Esportes

Perfil Matheus Cunha (E) e Hulk (D) são, atualmente, as duas maiores estrelas do futebol paraibano e poderão estar juntos na Copa do Mundo de 2022. **Página 21**

Foto: Divulgação/Atlético de Madrid



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG



Foto: Marcus Antonius/Arquivo

Cada vez mais presente Frota de carros elétricos ou híbridos aumentou 2.500% em cinco anos na PB; Brasil estuda proibir venda de veículos com combustíveis fósseis em 2030. **Página 18**

Conversa com o Governador

NA RÁDIO TABAJARA
FM 105,5

TODA SEGUNDA-FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/SonParaiba

Tabajara

Editorial

Fim das contas

Desde que tentou colocar a culpa pelo “câmbio nervoso” nas empregadas domésticas brasileiras, que estavam viajando ao exterior para conhecer a Disneylândia, o ministro da Economia, Paulo Guedes, tem colecionado uma série de declarações preconceituosas, polêmicas e infelizes. Traduz, como ninguém melhor - e, neste caso, o páreo é duro - a falta de empatia, de sensibilidade e de respeito aos cidadãos tão característica do governo Bolsonaro.

Quem não lembra das reclamações do ministro à crescente expectativa de vida do brasileiro? “Todo mundo quer viver 100, 120, 130 anos. Não há capacidade de investimento para que o Estado consiga acompanhar”. Assim, Guedes quis fazer parecer que a culpa da negligência do governo com a saúde pública é da vida longa do cidadão, numa inversão abjeta de causa e efeito.

Sem freios para a hipocrisia, o preconceito e a misoginia, afirmou, em certa ocasião, que a primeira-dama francesa era “feia mesmo”, ratificando declaração do presidente Jair Bolsonaro; referiu-se aos servidores públicos como parasitas, quando a categoria pediu por reajuste salarial; ameaçou com um ato institucional, nos moldes do AI-5, manifestantes contrários ao governo; e se indignou com o fato de um filho de porteiro ter ingressado na universidade através de financiamento público estudantil.

Agora, na fala mais recente, para surpresa de ninguém, minimizou os riscos da crise energética, já considerada por especialistas como uma das mais graves dos últimos 90 anos, e, em tom boçal, indagou: “Qual é o problema agora, que a energia vai ficar um pouco mais cara porque choveu menos?”.

Quando fala isso, o ministro não considera as dificuldades econômicas enfrentadas atualmente pelas famílias brasileiras. Não leva em conta o desemprego, que atinge 15 milhões de trabalhadores; a inflação dos produtos da cesta básica, que tem obrigado o consumidor a retirar mercadorias do carrinho do supermercado; os reajustes de preços constantes dos combustíveis, do gás de cozinha e da própria energia elétrica. O crescimento da miséria. Não considera os tempos difíceis de pandemia, de luto e de angústia.

Quando se porta com tamanha insensibilidade, Guedes não apenas revela sua própria mentalidade elitista, sua aversão à pobreza e seu descompromisso com o povo brasileiro. Guedes desvenda, de maneira clara e transparente, a mentalidade do governo ao qual faz parte. Essa é a postura não do ministro da Economia, mas do governo instalado em Brasília.

Um governo que não faz mesmo questão de esconder suas premissas: pobre não deve sonhar com universidade, não tem direito a viajar, não pode viver muito, tampouco reclamar. Afinal, para o presidente e seus asseclas, já chega de tanto mimimi, não é mesmo?

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

O fisiologismo

A qualquer brasileiro que se faça a pergunta sobre qual o maior problema do nosso modelo político, a resposta primeira será a corrupção. Entretanto, pouca gente percebe que a causa determinante dessa chaga que envergonha a prática política brasileira é a velha forma de se colocar os interesses pessoais ou partidários em detrimento do bem comum. Isso se chama fisiologismo.

Para o fisiologista o que menos importa é o espírito público ou o comprometimento com o bem coletivo. O que interessa prioritariamente é ver contempladas as aspirações individuais ou de grupos partidários, afastadas da coerência ideológica ou da observância de cartas programáticas. Não há qualquer constrangimento em jogar o “vale tudo”, no estabelecimento de relações políticas sórdidas, em completo desrespeito a princípios éticos e morais.

No fisiologismo é comum observar a preponderância da inclinação governista. Seus praticantes têm dificuldades em atuar num campo distante da máquina de administração pública. Adoram participar dos balcões de negócios, adotando procedimentos escusos, desde que atendam seus propósitos de levar vantagens ou se beneficiarem das benesses do poder.

Nessa linha de raciocínio também não

têm o menor acanhamento em “mudar de casaca”, são adesistas por vocação. Possuem um aguçado sentido de oportunismo. São hábeis no aproveitamento de oportunidades que sinalizem perspectivas para obtenção de algo favorável às suas aspirações. Pautam suas condutas visando ganhos imediatos, ainda que pondo em risco reputações ou máculas na biografia.

Fica complicado acreditar em partidos ou personagens da política que marcam seus históricos de vida orientados pelo comporta-

Para o fisiologista o que menos importa é o espírito público ou o comprometimento com o bem coletivo //

tamento condenável do fisiologismo. Revela-se, antes de qualquer coisa, um desdém à confiança dos seus eleitores. Precisamos refletir sobre isso. Quem sabe está aí o caminho para vencermos a batalha contra a corrupção, expurgando do cenário político todos aqueles que fazem da vida pública o profissio-

nalismo da indecência, da desonestidade e da falsidade. Mudar de opinião ou de posição política é uma atitude que pode representar amadurecimento da consciência crítica, aceitação de que os conceitos e ideias podem ser revistos a qualquer tempo, desde que validada pela dignidade, na conformidade dos padrões éticos e morais que a sociedade exige, nunca quando presidida pela necessidade de satisfazer ambições pessoais ou de grupos.

Foto: Pixabay



Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Chocalho cigano

Tem cavalo que não pode ouvir um chocalho, quer correr para dentro do mato. O cavaleiro que se aguenta, desprevenido, sem os couros, vestido só na camisa da feira. Os espinhos fazendo o bordado vermelho-sangue. Mandacarus, facheiros, favelas. Aí é a vez de cavalo correr para cima do som do chocalho cigano, o cavaleiro que se aguenta. Marçal caiu, o cavalo pisou-lhe na banda esquerda do peito. Quando o cavalo escuta o chocalho balançar, estica o pescoço para a frente, abaixa-se nas patas para passar debaixo do mato, o cavaleiro açoitado pelos galhos dos espinheiros.

O chapéu rompe-mato, a luva cobrindo só o dorso da mão - para lhe permitir puxar o rabo da rês dentro da madeira. O sapato de vaqueiro, pequena botina de couro à prova de espinhos, sempre os espinho, de que é feita a caatinga toda. Vaqueiro que se aguenta. Depois, brincadeira de vaquejada, as loas: “se eu fosse Zé de Hosa-

na / em vaquejada eu não ia / com seu cavalo garboso / mas cheio de covardia / o milho que eu dava a ele / fazia angu e comia / iê!” No Bálsamo tinha um cavalo velho que não podia ouvir um chocalho. Ia disparando comigo em cima, eu que não sou vaqueiro. Ouvir boquinha era a mesma coisa. Ficava procurando, perguntando o que era, soprando todas as ventas. No Cafundó houve uma pega de boi. O bicho tinha sumido na caatinga, não havia quem pegasse. Chamaram todos os vaqueiros da região. Só sobrou um cavalo velho, sem sela, para Zé de Zefa. Ele ficou num aceiro alto para ver a corrida.

Zé de Zefa teve o azar da rês, passar perto dele. Quando o cavalo velho ouviu o mato quebrando, botou atrás. Meteu as patas no lombo da rês, derribou o bruto. Os

vaqueiros amarraram o boi, Zé de Zefa todo esfolado - ô velho macho -, gritaram os homens. Zé de Zefa era um sangue só. Como Paio Soares, aquele do folheto da feira, que Afonso rei encontrou depois da luta com os mouros: “- Paio, estás pinto!” O rei quis dizer pintado. Paio mudou seu apelido, passou a se assinar Paio Pinto, empestou as feiras do mundo com o nome que El Rei lhe deu.

Os valentes das vaquejadas e das touradas deviam todos passar o pano a pé, na cara dos brutos. Brigar com um touro banderilhado, homens a cavalo, toureiro armado à espada, é muita vantagem para os homens da tarde. Lá em nós tem vaqueiro que se faz de toureiro e passa o pano por brincadeira, por cima das pontas. Marçal passava pano. Gritava um, dois, três, enguiçava a rês. Diziam que era o melhor da região. Curava a rês com suas orações, rezas fortes muito fortes. Eu o deixei partir para o lugar dos vaqueiros sem que me

ensinasse essas coisas que os santos sabem. Quando era novo, Marçal amansava burros. Depois de velho, não mais corria atrás da desgarrada. Pegava o chapéu de couro apertado entre as mãos e fazia a buzina, um som que parecia o mugido da rês quando passa no lugar onde a outra morreu. A rês vinha para seus pés, como se atendesse ao chamado da penada.

Um dia, Marçal se foi, de repente. Eu pensava que os vaqueiros não iam, tanto que corriam com suas almas encouradas dentro da madeira, mandacarus, xiques-xiques, facheiros. As lagoas de Perdição eram mágicas, apareciam quando tudo parecia estar perdido. Marçal tocava a buzina do chapéu, a lagoa aparecia, ele mataba a sede sem mascar casca de angico, ele e a rês voltavam para o curral.

Eu pensava que os vaqueiros não iam, tanto que corriam com suas almas encouradas dentro da madeira //

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Paraíba já enfrenta crise hídrica quase permanente

Região mais afetada no estado é a do Brejo, que este ano registrou chuvas muito abaixo da média

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O que há anos ou até mesmo décadas cientistas, pesquisadores e ambientalistas do mundo previam está se concretizando. A forte crise hídrica já bate à porta do Governo Federal do Brasil. Suas consequências vão desde a carência de água para consumo como também ameaça de falta da energia elétrica. Enquanto a imprensa nacional noticia que essa é a pior crise hídrica brasileira dos últimos 91 anos, na última quarta-feira (25) o presidente Jair Bolsonaro assinou decreto determinando que os órgãos públicos devem reduzir de 10% a 20% o consumo de energia elétrica entre setembro de 2021 e abril de 2022, comprovando a gravidade da situação. Os impactos dessa realidade já chegaram à Paraíba. E o pior, tudo leva a crer que os reflexos ainda estão apenas no começo.

Segundo o secretário de Estado da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirhma), Deusdete Queiroga, considerando que quase 90% do território paraibano é localizado no Semiárido nordestino, a Paraíba

já enfrenta uma “crise hídrica significativa e quase permanente”, em especial no Brejo do Estado, onde neste ano, especificamente, “choveu muito abaixo da média”.

Ele destacou que a situação é de apreensão em todo o país. Sobre o abastecimento de água, Queiroga disse que já há cidades paraibanas em racionamento e outras estão em colapso, como os municípios de Esperança e Remígio. “E existe a preocupação com a região de Bananeiras, Solânea, Cacimba de Dentro, Araruna, entre outras cidades abastecidas pela barragem de Canafistula II”, advertiu.

O secretário declarou que o risco de colapso de água não para nessas cidades, podendo se estender para Pirpirituba, Duas Estradas e Sertãozinho, que são abastecidas pela barragem de Pirpirituba I. “Que secou”, constatou o secretário.

De acordo com a Companhia de Água e Esgoto na Paraíba (Cagepa), há 61 localidades paraibanas em racionamento, entre municípios e distritos; e mais 19 localidades (incluindo municípios e distritos) enfrentando colapso de água.

Deusdete Queiroga explicou que de 2012 até agora, a

Paraíba vem vivendo um forte período de estiagem e o Estado tem demandado esforços para combater os efeitos da seca. Entre as ações postas em prática estão perfurações de poços, construção de cisternas, barragens, de adutoras emergenciais e a distribuição de água via carros-pipa. “O Governo vem trabalhando para atender a diversos municípios e socorrer a população nessa situação emergencial”.

Energia elétrica

Deusdete Queiroga declarou que há uma relação direta entre a situação hídrica do país e a produção de energia elétrica, uma vez que a matriz energética brasileira ainda está muito concentrada na fonte hídrica. O secretário ressaltou que no Nordeste há o destaque para a Bacia do Rio São Francisco, que “produz muita energia, nas barragens de Sobradinho e Xingó, que também sofre com a falta de chuva”. Ele lembrou que a estiagem e consequentemente a queda no nível de água dessas barragens se refletem no custo da energia elétrica que, dependendo da cor da bandeira tarifária adotada no país,

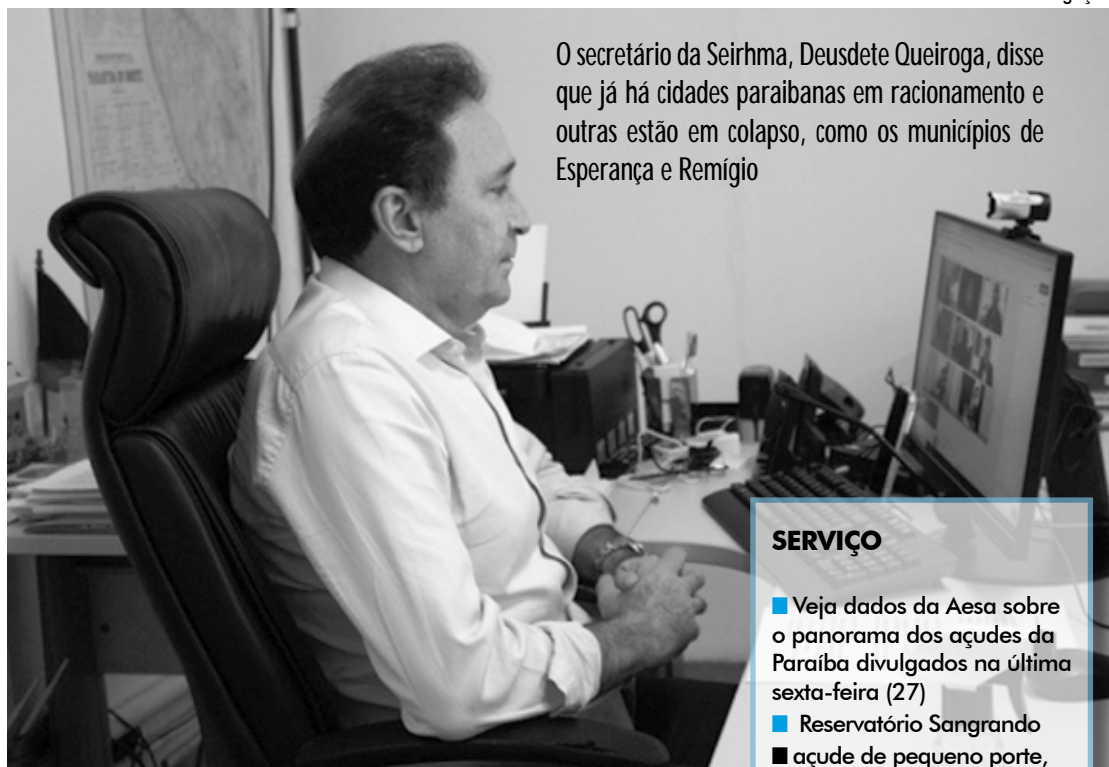


Foto: Divulgação

O secretário da Seirhma, Deusdete Queiroga, disse que já há cidades paraibanas em racionamento e outras estão em colapso, como os municípios de Esperança e Remígio

SERVIÇO

- Veja dados da Aesa sobre o panorama dos açudes da Paraíba divulgados na última sexta-feira (27)
- Reservatório Sangrando
- açude de pequeno porte, São José II, da Região do Alto Curso do Rio Paraíba, no Município de Monteiro. Com capacidade de apenas 1.3 milhão de metros cúbicos;
- 87 Reservatórios em normalidade (com mais de 20% de sua capacidade);
- 24 Reservatórios em observação (com menos de 20% de sua capacidade);
- 22 Reservatórios em situação crítica (com menos de 5% de sua capacidade).

pode resultar em um serviço mais ou menos caro.

“Com relação ao risco de apagão é mais uma questão nacional, já que o sistema elétrico é todo interligado, havendo risco de ter uma crise energética. Por isso o Governo Federal lança o dispositivo de aumentar a tarifa, visando diminuir o consumo”, acrescentou.

Ao falar sobre a situação energética do país, Deusdete

salientou que o Nordeste tem contribuído para amenizar a crise, buscando fontes de energia renováveis como a eólica e a fotovoltaica (solar). De acordo com ele, a Paraíba tem recebido investimentos significativos nessa área, por meio da implantação de parques eólicos e de energia fotovoltaica, o que contribui para amenizar a dependência do Estado da energia proveniente da força da água.

SAIBA MAIS

- A crise hídrica no Brasil pode ser comprovada pelo baixo volume de água registrado em relevantes reservatórios do Sudeste e do Centro
- Oeste, que responde por 70% da geração de energia do país. Eles estão com 23% da capacidade de armazenamento, nível menor que o registrado em agosto de 2001, ano em que o Brasil enfrentou racionamento de energia.

+ Aesa solicita ao Governo Federal maior vazão do São Francisco

O Governo do Estado solicitou este mês ao Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR) uma maior vazão das águas do Projeto de Integração do Rio São Francisco. O objetivo foi aumentar a vazão de 1.6 metro cúbico por segundo para 4 metros cúbicos por segundo no Eixo Leste, no Portal das Águas, na cidade de Monteiro.

O diretor de Acompanhamento e Controle da Agên-

cia Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa), Beranger Arnaldo de Araújo, afirmou que a vazão solicitada já teve início e se estenderá por 60 dias. Ele explicou que o Governo pediu uma vazão de 4 metros cúbicos por segundo para fazer um aporte no último açude do Rio Paraíba, que é o Acauã, que está com volume de aproximadamente 33 milhões de metros cúbicos.

“A gente quer deixar Acauã com 40 milhões de metros cúbicos que dá para atender o ano todo. A demanda que tem a partir de Acauã abastece em torno de 120 a 130 mil habitantes”, declarou.

De acordo com a Aesa, o aumento na quantidade de água ocorre de forma gradativa e será acompanhado pela agência. Segundo o órgão, a maior vazão vai beneficiar vá-

rias cidades ao longo do curso do Rio Paraíba, a exemplo de Sumé, Camalaú, Congo, São Domingos, Cabaceiras, Boqueirão e Itatuba. “Naturalmente teremos um aumento no volume do Rio Paraíba, por isso é importante que os moradores ribeirinhos fiquem atentos para evitar acidentes”, alertou o presidente da Aesa, Porfirio Catão Cartaxo Loureiro.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

HÁ UM CENÁRIO PROPÍCIO À RUPTURA INSTITUCIONAL NO BRASIL? NÃO. MAS É IMPORTANTE ESTAR VIGILANTE



Foto: Agência Senado

A entrevista do senador Veneziano Vital do Rêgo (foto) à Isto É, em que teceu críticas severas à gestão do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), notadamente no que diz respeito ao incentivo a atos antidemocráticos por parte do presidente, suscita uma discussão: existe um cenário propício à quebra da normalidade democrática no Brasil? As forças Armadas entrariam numa aventura inconsequente para promover um golpe no país? O vice-presidente do Senado Federal não enxerga essa possibilidade, mas faz um alerta que merece reflexão, no sentido de que não se deve naturalizar as provocações feitas pelo presidente contra as instituições que dão sustentação à democracia. “Não significa que o governo não pense em golpe. As tentativas estão presentes. Mesmo que o plano não se concretize, o fato de ele expressar descrença e sugerir ruptura institucional faz com que a relação entre os Poderes se fragilize. Nós não chegaremos ao ponto de ruptura, mas isso não significa dizer que a democracia não esteja sendo atacada”, argumentou. Tem razão o senador emedebista ao afirmar que muitos tendem a banalizar, equivocadamente, as atitudes e declarações de Bolsonaro, considerando-as simples bravatas. “Quantos milhões de pessoas deixaram de se vacinar porque Bolsonaro disse que não havia necessidade?”, questionou, “Muita gente ouve e se convence de que o presidente tem razão. É arriscado desconsiderar esse movimento”. É um alerta que precisa ser levado em conta.

“EU NÃO ABRO MÃO”

“Não existe nada de prego batido, ponta virada”. Do deputado federal Julian Lemos (PSL), reportando-se às discussões, que segundo ele não são de agora, sobre a fusão dos partidos PSL, PP e DEM. É alertou: “Se isso acontecer, que seja de forma pacífica. Meu posto como presidente da legenda, eu não abro mão”.

“NÃO ACREDITO EM JAIR”

A imprensa nacional registra que um dos critérios acordados pelos líderes do PSL, do PP e do DEM para que ocorra a fusão é que não será aceita a filiação de Bolsonaro. “Não acredito em Jair. Ele quebrou promessas. Por isso temos toda essa maluquice que está aí. Tenho certeza de que o presidente não virá [para o novo partido]”, diz Julian Lemos.

“EU POSSO AJUDAR”

Há algum tempo, Julian Lemos (PSL), que se elegeu pelo bloco da oposição, em 2018, se aproximou, administrativamente, do grupo de João Azevêdo (Cidadania). Indagado se estará no palanque do governador, em 2022, ele se escalou para alguma missão. “Ele tem que dizer no que posso ajudar. E eu tenho certeza de que eu posso”, disse.

FALAS DISCRIMINATÓRIAS

O ministro da Educação, Milton Ribeiro, está no radar do Congresso. Por requerimento do senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB), ele terá que explicar porque considera que “universidade não é para todos”. E por requerimento do deputado Danilo Cabral (PSB), terá que explicar porque disse que alunos com deficiência “atrapalham” os demais estudantes.

NA SEGUNDA-FEIRA

Nesta próxima segunda-feira, Antônio Hortêncio da Rocha Neto tomará posse como o novo procurador-geral de Justiça do Ministério Público da Paraíba para o biênio 2021-2023. A sessão solene, que ocorrerá às 17h, na Sala de Concertos do Espaço Cultural, será reservada a convidados, devido à pandemia de covid-19.

“QUEM FEZ A CPI CRESCER FOI BOLSONARO”, AFIRMA SENADOR

Para além do fato de que vem atuando de forma sistemática para apurar irregularidades no enfrentamento à pandemia, a CPI da Covid ganhou musculatura e notoriedade por outro motivo, opina o presidente do colegiado, senador Omar Aziz (PSD): “Quem fez a CPI crescer foi Bolsonaro. Ele deu vida, deu enforcada na CPI, com negacionismo”, disse ao Congresso em Foco.

Lucas Milanez,
economista

Privatizações no Brasil não garantiram preço baixo e qualidade

Doutor em Economia explica o conceito de Estado Mínimo e alerta para os prejuízos sociais do processo de venda das grandes empresas públicas

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

O Brasil está no centro de uma perigosa política de privatização. A meta é vender dezenas de estatais até o final do mandato do presidente Jair Bolsonaro, tudo com o objetivo de diminuir o tamanho

e a responsabilidade do Estado. No país, são cerca de 200 estatais, segundo dados do Governo Federal que se vale da premissa de que a criação das empresas violou a Constituição Federal, que define a exploração direta de atividade econômica pelo Estado apenas quando necessária à segurança

nacional ou a relevante interesse coletivo.

Enquanto tenta desqualificar as Estatais, a secretaria especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados, ligada ao Ministério da Economia, trabalha reforçada pelo interesse do ministro Paulo Guedes, um entusiasta das priva-

tizações, que devem gerar bilhões em arrecadação. Resta saber o que há por trás do interesse, e mais, se as privatizações irão garantir melhoria dos serviços e redução das taxas e valores cobrados. Para entender um pouco mais do processo, A União conversou com o doutor em Economia, Lucas Mi-

lanez, que é também membro da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), Coordenador do Projeto Globalização e Crise na Economia Brasileira (PROGEB) e coordenador da criação do Núcleo Multidisciplinar Celso Furtado do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da UFPB.

A entrevista

Podemos iniciar com o conceito de Estado Mínimo e como se deu esse processo?

É a ideia de que o Estado não deveria intervir na economia para além do mínimo necessário, não devendo participar da atividade econômica de uma maneira geral uma vez que quem deve fornecer bens e serviços à população seria o setor privado. Então a gente vive no modo de produção capitalista que funciona dessa forma. As unidades produtivas, que são as empresas, são coordenadas pelos empresários, que produzem bens e serviços. De uma maneira geral o capitalismo funciona assim, então a maior parte daquilo que a gente consome é produzido por uma empresa. Então, quando a gente fala do Estado Mínimo fala no Estado sair de determinadas atividades que devem ser ocupadas pelo mercado que vai produzir, vender e obter lucro, inclusive com saúde, educação, transporte e tudo que o Estado tradicionalmente faz. Significa dizer que o Estado Mínimo é a ausência do Estado? Não. Inclusive na ordem neoliberal o Estado participa com política social, só que antes a política social era para todos, universal, e agora as políticas sociais são focadas, vão naqueles que são os mais pobres entre os pobres.

No século passado, surgiram algumas políticas econômicas e surgiu a ideia de que o Estado deveria participar desse processo, porque o mercado não seria capaz de resolver todos os problemas sociais sozinho admitindo-se que deveria participar mais ativamente, inclusive com empresas mais ativas para fazer com que as coisas funcionassem. E isso perdurou mais ou menos até a década de setenta, quando surgiram graves problemas, com uma crise estrutural mais profunda.

Mas antes havia o estado de bem-estar social, que apregoava justamente o contrário.

Isso. Sobre essa participação surgiu o estado de bem-estar social nos países europeus. Nos países atrasados e periféricos, como Brasil, não foi o estado de bem-estar social em si, mas alguns elementos como saúde universal, educação universal... tanto que a nossa Constituição, mesmo em 1988, ainda trouxe isso. Então a partir da década de 70 houve uma crise. Essa forma do capitalismo se organizar, com participação estatal, encontrou seus limites. Porque terminou a Segunda Guerra Mundial, a

União Soviética caiu, então o capitalismo já estava forte para tomar rédeas da produção, deixando o Estado de ser um elemento necessário e passando, digamos assim, a "atrapalhar" o funcionamento da economia de mercado, a produção privada de bens e serviços e oferta e a venda, por parte das empresas.

Na década de 70, no Chile, aconteceram, com Pinochet, reformas pró-mercado, diminuindo o tamanho do Estado e aumentando o espaço que o mercado ocupava no fornecimento de bens e serviços à população. Na década de 80 aconteceu nos EUA e Inglaterra, onde praticamente acabou a política de bem-estar social e criaram-se as políticas neoliberais, onde está incluso o Estado Mínimo.

Como se deu a intervenção do Estado no processo de desenvolvimento do país?

No caso do Brasil, como éramos uma economia muito atrasada no século passado, teve muitos setores onde o Estado participou da criação de empresas, passando a produzir coisas que não eram produzidas pela iniciativa privada, que não investia. Na mudança dos anos 70 e 80 o mundo foi se transformando e o Brasil foi junto, só que através do endividamento elevado, sucateamento das empresas - muitas vezes mal geridas - e criou-se no país o ideário de que estatal não presta, ou seja, há um elemento ideológico por trás dessa ideia de Estado Mínimo.

Então o capitalismo mudou, as empresas deixaram de necessitar do Estado para contribuir com a oferta de bens e serviços, e passaram elas mesmas a fazer. E o que está por trás desse momento de necessidade do Estado, digamos assim, são exatamente as guerras. Foi a Segunda Guerra Mundial o grande elemento que causou essa perturbação toda, tendo o Estado que participar dessa reconstrução. Além do que havia também a União Soviética como uma ameaça, então o Estado também foi lá combater o comunismo, que era uma ameaça ao capitalismo.

Há a ideia de que as estatais não funcionam?

Quando o Estado deixou de ser necessário as empresas foram lá e quiseram tomar de volta seu espaço. No caso do Brasil, como uma economia periférica e atrasada, a gente passou por isso através de um endividamento muito

forte, com participação importante do capital estrangeiro, para que a industrialização acontecesse. O que resultou em um endividamento exacerbado também das empresas estatais. Criou-se então no ideário nacional a história de que estatal não presta por definição, até que se prove o contrário.

Como atua o Estado na iniciativa privada?

Continua na esfera econômica, não mais como agente econômico, mas como agente regulador, através de agências regulatórias como a Agência Nacional de Saúde (ANS), Anatel, Agência Nacional de Energia Elétrica... agências que vão regulamentar o setor que antes era público estatal e passou a ser oferecido por empresa privada, sendo ainda serviço público. Ou seja, o Estado Mínimo abre para o mercado a possibilidade de explorar os serviços públicos, mas com algum grau de regulamentação, inclusive quando há uma flagrante possibilidade do setor privado explorar demais a população.

Quando não o interessante é que o Estado nem regulamente, como é o caso da mão de obra. Há uma grande batalha no sentido de que haja ou não a desregulamentação do mercado de força de trabalho, com os empresários querendo que seja desregulamentado. No caso das leis trabalhistas esse seria um ponto onde o Estado deveria ser mínimo para os empresários, de forma geral, porque quanto menos interferência, mais o empresário pode impor condições para que o elo fraco da história, o trabalhador, saia prejudicado.

Quais os impactos da privatização de empresas como Eletrobrás e Correios?

Há quem argumente que não haveria impacto negativo para a população, pelo contrário haveria impacto positivo. Argumento que parte da ideia do Estado ineficiente, e estatal ineficiente consequentemente, que faz com que os preços cobrados sejam muito elevados devido à pouca tecnologia. Com tudo muito obsoleto seria o serviço mal prestado, portanto muito caro. Esse é um dos argumentos técnicos, mas também ideológicos. Então teoricamente o que é que se diz: quando houver privatização tudo vai ficar mais barato, porque a concorrência da iniciativa privada é mais eficiente, vai investir e isso vai fazer com que o preço baixe e se não houver concorrência a

"No caso dos Correios, ainda é mais gritante, porque é um monopólio estatal que vai se transformar em um monopólio privado e uma única empresa vai ganhar todo o lucro que os Correios gera, que no ano passado foi de R\$ 1,5 bilhão"



Foto: Arquivo Pessoal

agência reguladora obrigaria as empresas a investirem e aumentar a eficiência.

Se de um lado existe o princípio de que o Estado é ineficiente e a estatal também - e vão cobrar um preço mais alto -, também há o princípio ideológico de que o setor privado é mais eficiente e vai cobrar um preço mais baixo. Só que a história mostra que não, na verdade no Brasil as privatizações geraram mais investimentos, mas não necessariamente redução de preços. Tudo bem que a nossa telefonia avançou muito depois que as estatais foram privatizadas, só que isso não significa uma qualidade elevada do nosso serviço, muito menos um custo baixo. Podemos pegar qualquer comparativo internacional e a gente vai ver que nosso sistema de telecomunicação está longe dos primeiros colocados e nós pagamos um serviço caro.

O impacto econômico teórico é: melhorar, baixar custo. Mas do ponto de vista prático isso não é uma regra, principalmente no Brasil. Há um estudo inclusive que diz que empresas que foram estatizadas nos anos 80, 90, foram passadas para o Estado novamente a partir dos anos 2000, ou seja, não há nenhuma garantia de que as coisas vão melhorar, muito pelo contrário.

Quem ganha com as privatizações?

Interessa aos empresários e grandes capitalistas que as empresas sejam privatizadas, porque aquilo que é lucro do Estado - com as estatais - ao invés de ir para toda a população de um país, vai privada e exclusivamente para o proprietário da empresa. No caso dos Correios ainda é mais gritante, porque é um monopólio estatal que vai se transformar em um monopólio privado e uma única empresa vai ganhar todo o lucro que os Correios gera, que no ano passado foi de R\$ 1,5 bilhão. Então a gente vê o quanto interessa ao setor privado a privatização. Primeiro: já pega uma empresa que é quase monopolista, ou seja, praticamente domina o mercado, com décadas de atuação, toda uma estrutura, pessoal, gestão, tudo pronto e entrega ao setor privado. Ótimo, já que o setor privado praticamente não corre risco nenhum de entrar naquele negócio porque a empresa já está lá. Quem ganha é quem vai comprar, sobretudo o capital financeiro nacional e muito especificamente o nosso Ministro da Economia, Paulo Guedes, porque ele é um grande investidor do mercado financeiro, fun-

dador do BTG Pactual, empresa que participa das privatizações e já comprou várias estatais.

No caso dos Correios, privatizar vai representar alta nos custos?

Muito provavelmente. Uma parte da população pode ter o preço das entregas barateados, principalmente nos grandes centros, onde é mais fácil transportar as postagens, e quem mora mais longe provavelmente vai pagar mais caro, lembrando que a empresa privada não pensa nos clientes e sim nos acionistas.

E os Correios é complicado porque faz entrega de documentos fundamentais e entregar à empresa privada é sempre correr o risco de que as coisas podem não necessariamente ter o rigor na legislação tal qual faria o setor estatal.

E a Eletrobrás, maior companhia do setor elétrico da América Latina, que teve o processo de privatização iniciado?

No caso da Eletrobrás é muito pior, porque a maior parte da matriz energética brasileira é hidrelétrica, então quem se apropriar da Eletrobrás vai também gerir o sistema de águas em muitos locais do país, não só privatizando a energia elétrica, mas também a água. E quando a gente fala de água, fala em alimentar a população, irrigar as terras, produzir alimentos.

Eu volto a falar que a iniciativa privada, historicamente no Brasil, não garantiu efetivamente situação muito melhor do que se tinha antes. Pior ainda com a Medida Provisória 1.031 que foi aprovada e que vai aumentar ainda mais os custos da produção de energia no Brasil e, pior ainda, prevê investimentos em uma tecnologia obsoleta que está sendo evitada no mundo inteiro: a queima de combustível fóssil. Essa MP que foi aprovada prevê maior produção de energia com base naquilo que não se faz mais em canto nenhum do mundo. Isso vai piorar nossa emissão de gases, e o Brasil sempre foi um país que participou dos acordos de redução de emissão e deveria estar investindo em energia limpa. Algo típico de um presidente completamente alheio à realidade e às necessidades da população e do planeta. É negacionista em todas as áreas e não dava para esperar outra coisa, nem em relação ao meio ambiente e nem em relação à economia, que tem muito interesse em fazer com que o setor privado ganhe.



Foto: Marcos Russo

Desafios da capital rumo a um milhão de habitantes

Especialistas identificam problemas e soluções: é preciso investir em transporte, pedagogia ecológica e turismo e gerar renda

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Há algumas décadas uma frase está recorrentemente presente no debate político na capital: João Pessoa precisa se preparar para o seu primeiro milhão de habitantes. É flagrante que a cidade evoluiu em diversos aspectos, mas outros, principalmente nas áreas de mobilidade urbana, meio ambiente, habitação e geração de emprego e renda ainda

precisam de uma atenção especial dos gestores.

Entre todos os temas, um fato. A cidade de João Pessoa cresceu rumo às zonas sul e sudeste. Uma ocupação feita, sobretudo, porque eram regiões da cidade em que haviam terrenos disponíveis e onde as construtoras e empreiteiras decidiram investir na construção de prédios residenciais. Na última década, bairros antigos ganharam vizinhos novos, "Novo Geisel", Gramame, Portal do Sol, entre outros.

Esse fenômeno recente desperta novos debates e implica em novos desafios para os gestores.

Novos espaços de vivência geraram novas dinâmicas e demandas. A principal delas na mobilidade urbana. Carlos Batinga, engenheiro civil formado pela UFPB com especialização em Planejamento de Transportes pela UFPE, ex-superintendente de Mobilidade Urbana de João Pessoa entre 2015 e 2018, é enfático em defender um planejamento volta-

do ao investimento em transporte público e em meios de transportes não-motorizados.

João Pessoa tem a maior frota de veículos da Paraíba, com 293 mil carros, ônibus e caminhões e 130 mil motos. Batinga explica que não é viável uma política de investimento que priorize somente o alargamento de vias e construção de viadutos e frisure que antes da crise econômica que se iniciou por volta de 2016 a taxa de crescimento anual

da frota de João Pessoa era quatro vezes maior do que a taxa de crescimento da população.

"Se o poder público não repensar a forma de enxergar a mobilidade urbana, não vai ter ponte, viaduto ou alargamento de vias que consiga atender a demanda de espaço para acomodar esse crescimento da frota motorizada", alerta.

Continua na Página 6



Crescimento de João Pessoa nas últimas décadas trouxe novas demandas que precisam ter soluções a longo prazo

A G O R A T E M

TRABALHO

Mais de

1 BILHÃO

em investimentos por toda a cidade.

www.joaopessoa.pb.gov.br [@prefjoaopessoa](https://www.instagram.com/prefjoaopessoa)

[f/PrefeituraDeJoaoPessoa](https://www.facebook.com/PrefeituraDeJoaoPessoa) [v/Prefeitura de João Pessoa](https://www.youtube.com/PrefeituraDeJoaoPessoa)



Cidade deve repensar gestões de transporte e meio ambiente

Soluções para problemas exigem envolvimento da sociedade; capital possui grande potencial para se desenvolver com equilíbrio

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

O Plano de Mobilidade Urbana, recentemente elaborado pela Prefeitura de João Pessoa, traz diretrizes para amenizar problemas na área de mobilidade urbana. “As vias e faixas exclusivas para os ônibus, as ciclovias e a construção e restauração das calçadas para os pedestres são imprescindíveis para melhorar a qualidade de vida nas cidades, em especial para os moradores da periferia”, explica. A capital paraibana, assim como as demais grandes cidades do país e do mundo, passa por um processo de crise em seu sistema de transporte público. A queda na demanda do transporte coletivo está em curso nos últimos 20 anos e, segundo Carlos Batinga, a pandemia acelerou de forma drástica este processo.

“Os aplicativos são um fenômeno recente. O maior responsável por isso foi a falta de investimentos visando melhorar a qualidade do transporte público e, na contramão, o incentivo à aquisição e uso de carros e motos”, completa.

O atual modelo de contratação dos serviços de transporte coletivo estabelece que o custo seja totalmente pago pela receita da tarifa dos passageiros. Este modelo, segundo o especialista não funciona mais, se exauriu. Ele defende que deve ser adotado um novo sistema de contratação, onde o governo defina a qualidade, estructure um bom monitoramento e fiscalização e pague pela prestação do serviço. “Não existe nenhum lugar no mundo, que tenha um transporte coletivo de razoável a bom, que seja pago apenas pela receita tarifária”, frisou.

Para Rossana Honorato, arquiteta urbanista, mestre em Sociologia Urbana e doutora em Planejamento Urbano e Regional, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, o crescimento da oferta de transporte por aplicativo revela um caráter de crise econômica que gera impacto na mobilidade urbana.

“Por que o sistema de transporte parece combatido desde a emergência da tecnologia de transporte por aplicativo, quando nós sabemos que é justamente a falta de um cenário desenvolvimentista que promove a expansão do setor?

“É necessário que os moradores da cidade conheçam a história natural do local e as intervenções urbanísticas de onde vivem para que possam tomar decisões com consciência.”

Falta emprego para parte significativa da população que, sem horizonte, acorre para ‘empreender’ se ‘uberizando’, avalia a professora.

Pensar ecológico

Falar em uso de bicicleta é tocar em outro assunto relevante para a cidade, que é o desenvolvimento sustentável. Para a professora do departamento de geociências da UFPB, doutora em geografia pela Unesp e integrante da Rede Observatório das Metrópoles Núcleo PB, Andréa Porto, o grande problema ambiental de João Pessoa está no não cum-

primento da legislação vigente por parte do poder público.

“Alvarás e licenças têm sido emitidos sem atentar para as especificidades do zoneamento aprovado na revisão do último Plano Diretor e para áreas de vulnerabilidade e de grande impacto dos eventos extremos, que tenderão a ser mais frequentes na cidade nos próximos anos. Contudo, faltam também dispositivos jurídicos e instrumentos de gestão que incentivem a transição ecológica de coletivos e indivíduos”, explica. Andréa Porto acrescenta que “é necessário que os moradores da cidade conheçam a história natural do local e as intervenções urbanísticas de onde vivem para que possam tomar decisões com consciência”.

Andréa Porto defende que o projeto de uma cidade sustentável é uma responsabilidade do cidadão e que o poder público deve facilitar os processos decisórios tornando-os mais democráticos e pedagógicos. Ela salienta que existe um potencial ecológico e de habitação a ser explorado em João Pessoa, mas que depende de uma pedagogia ecológica.

“Uma outra perspectiva que tenho é pautar as intervenções urbanísticas a partir da mimetização de processos naturais, ou seja, fazer uso da tão falada infraestrutura verde. A biodiversidade nos oferece serviços ecossistêmicos insubstituíveis, e as infraestruturas verdes são uma oportunidade para transformar a cidade, na cidade verde de novo, e resolver problemas não só ambientais...mas sobretudo de recursos financeiros”, completa.

Combate às desigualdades sociais

Investir em transporte público, pensar em soluções ecológicas na expansão da cidade, mas sem esquecer do combate à desigualdade econômica na capital. Paulo Monte, professor e coordenador do Grupo de Estudos em Trabalho (GET) do Departamento de Economia da UFPB, alerta que João Pessoa segue como uma das cidades mais desiguais da Paraíba e uma do Nordeste.

Paulo Monte relata que há 10 anos, 15 anos, por meio de uma pesquisa realizada por ele para a Prefeitura de João Pessoa, foram encontrados em bairros nobres, como Manáira, Bessa, Tambaú, Altiplano e Cabo Branco, níveis do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) similares ao da Noruega, que na época era o país com maior IDH. Ele explica que a desigualdade é provocada pelo fato da Paraíba, e sua capital, serem excessivamente dependentes do poder público.

“De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), algo em torno de 40% dos empregos formais na Paraíba são de empregados vinculados ao setor público, seja municipal, estadual ou federal. Ou seja, o setor privado no estado não é um setor que tem atuado muito na geração de emprego e renda em relação a outros estados, somos muito dependentes do poder público. Precisamos, sim, de projetos estruturais, industriais, no que se refere às energias alternativas, como a solar e a eólica. São

projetos que podem alavancar a geração de renda para o Estado”, sugere.

Potencialidades do turismo

Outro setor a ser explorado, de acordo com o professor da UFPB, é o turismo. A economia paraibana não é tão diferente do restante da economia regional, nordestina, dependente do setor terciário, do comércio e serviço. O turismo seria uma forma de potencializar esse setor, tendo em vista os atrativos da natureza paraibana.

“Podemos, sim, ser um pólo atrativo de turismo, mas precisamos de investimento. Nós não temos uma rede hoteleira capaz de comportar uma grande demanda de turistas aqui em João Pessoa, é um setor que a gente precisa de fortes investimentos, até porque estamos situados entre duas cidades que têm um potencial de investimento muito maior que o nosso. Temos uma externalidade positiva, conseguimos atrair turistas que venham para o Nordeste, mas precisamos que eles escolham João Pessoa como destino”, pontuou.

Problemas complexos, soluções que também não são simples, mas a certeza de que a cidade de João Pessoa segue dona de um enorme potencial quando se trata de desenvolvimento regional. Desafio para as gestões enquanto o tão esperado milhão de habitantes não chega.

Foto: Marcus Antonius

Pensar em mobilidade urbana é entender as dificuldades existentes nos transportes públicos e criar alternativas para a população



Foto: Marcus Antonius

Crescimento da cidade precisa ocorrer com garantias da manutenção do equilíbrio ambiental

Foto: Marcus Antonius

Desenvolvimento eficaz passa por reduzir as desigualdades sociais enfrentadas pela população

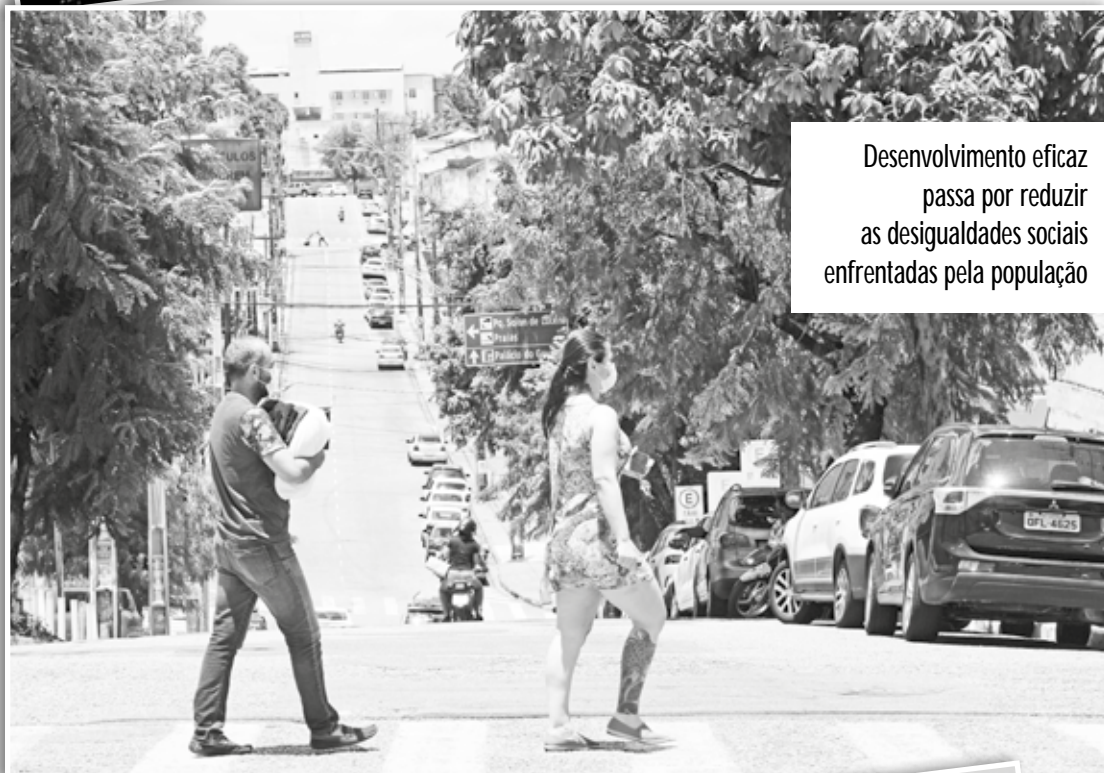
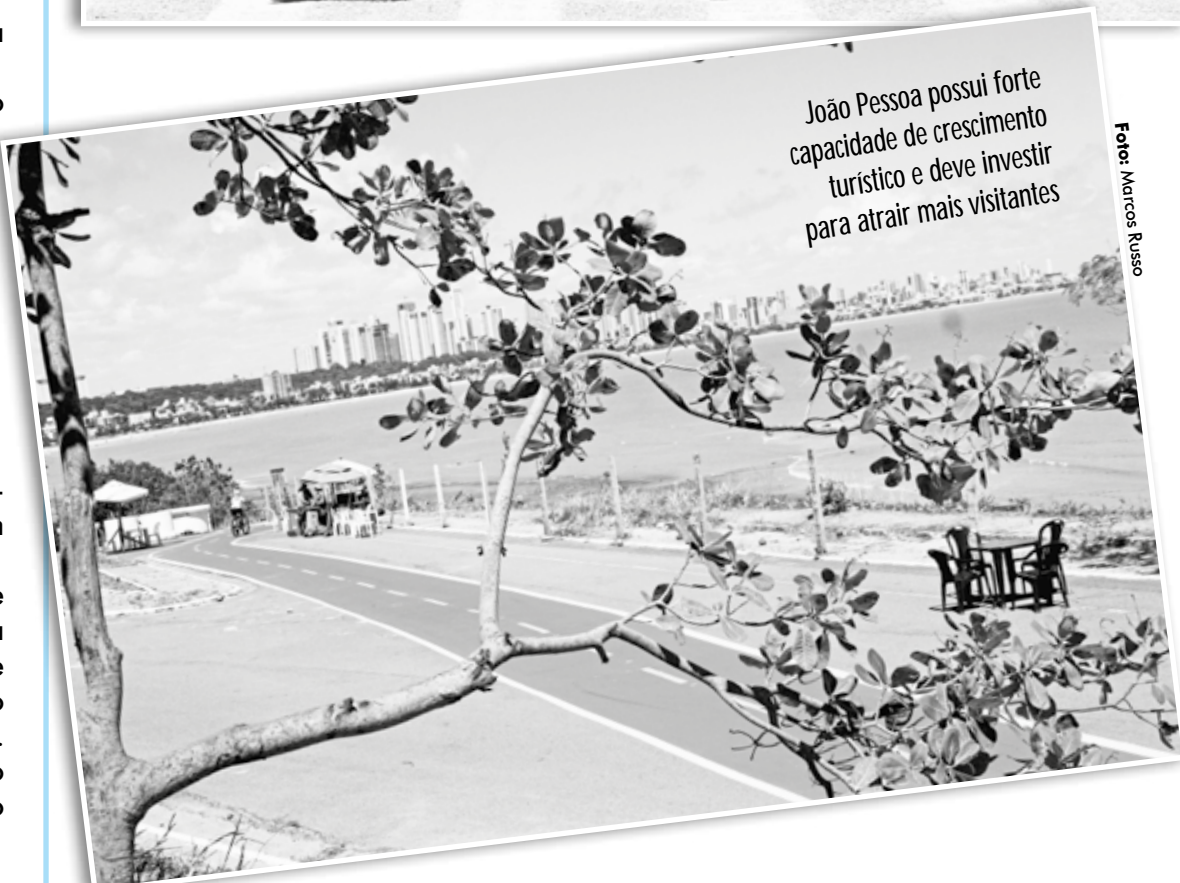


Foto: Marcos Russo

João Pessoa possui forte capacidade de crescimento turístico e deve investir para atrair mais visitantes



Equoterapia: a terapia assistida com cavalos

Prática estimula o desenvolvimento corporal e mental das pessoas com paralisia cerebral, microcefalia, síndrome de Down e autismo

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

No filme “Querido John” (2010), a protagonista chamada Savannah (Amanda Seyfried) abre uma espécie de colônia de férias com atividades à cavalo para crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, ou TEA. A produção, baseada no livro de mesmo nome, é uma das que retratam na prática – ainda que da ficção – a chamada Equoterapia. Na Paraíba, a Associação Paraibana de Equoterapia (Aspeq-PB) e o Centro de Equoterapia da Polícia Militar (CEqPMPB) são responsáveis por auxiliar pessoas com deficiências através da terapia assistida com cavalos.

O termo equoterapia foi criado pela Associação Nacional de Equoterapia (Ande) e caracteriza as práticas que fazem uso de cavalos e técnicas de equitação para a reabilitação e educação de pessoas que possuem necessidades especiais. A etimologia da palavra vem do latim equus e do grego therapeia, que está relacionada à parte da Medicina que aplica conhecimento técnico-científico no restabelecimento dos pacientes.

A prática da terapia assistida com cavalos possibilita o estímulo do desenvolvimento corporal e mental. O ambiente para a rea-

lização da equoterapia deve ser adequado para a atividade e os exercícios são acompanhados por profissionais de equitação e de alguma área terapêutica, como fisioterapeuta ou fonoaudiólogo, por exemplo. “É um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas da saúde, educação e equitação”, explicou a fisioterapeuta Angélica Louise, que atua na Aspeq-PB.

Na associação, o trabalho acontece através de demanda espontânea e dos encaminhamentos tanto da Prefeitura Municipal de João Pessoa, quanto pela Clínica de Fisioterapia Integrada (Clinfisio). O atendimento envolve pessoas com paralisia cerebral, microcefalia, síndrome de Down, autismo e outros quadros. Além do encaminhamento médico, também é realizada uma avaliação com uma equipe interdisciplinar.

Fundada em 2000, a Associação Paraibana de Equoterapia conta com profissionais de áreas ligadas à saúde, equitação e também à educação. Atualmente são oito funcionários dentre fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, educadores físicos etc. Além disso, o trabalho também conta com estagiários e voluntários. A instituição é privada e possui cunho filantrópico, com a Certificação de

Entidades Benéficas de Assistência Social (Cebas).

Yanni Batista, de 10 anos, faz terapia assistida com cavalos na Aspeq-PB há quase sete anos em decorrência do autismo. De acordo com a mãe, Kátia Batista, a evolução é perceptível em relação à questão motora, à convivência e ao social. Na vida da Yanni, a equoterapia é integrada a outras terapias e o encontro entre ela e a atividade aconteceu a partir de recomendação médica.

A profissional de Fisioterapia, Angélica Louise, destacou que os movimentos realizados durante a atividade são chamados de tridimensionais, acompanhando o passo do cavalo. Através disso “é possível proporcionar estímulos somatossensoriais, proprioceptivos e vestibulares ao praticante”, disse. Ou seja, relacionados a equilíbrio, postura, coordenação, atenção, interação, autoestima, autoconfiança, entre outros.

Além das atividades de equitação e montaria, os exercícios ainda acontecem também em solo e em conjunto com outros estímulos como cores, letras, números e demais objetos. Nas atividades realizadas em solo, os pacientes podem alimentar os animais, escová-los, acariciar e outras práticas, todas acompanhadas de integrantes da equipe multidisciplinar.



Foto: Marcos Ruaso

Yanni Batista, de 10 anos, é autista e há quase sete faz a terapia assistida com cavalos, que tem ajudado a desenvolver as habilidades motoras e a convivência

Polícia Militar mantém centro em João Pessoa

No Centro de Equoterapia da Polícia Militar da Paraíba, criado em novembro de 2008, o major Gleidistone Cavalcanti explicou que o trabalho é realizado com o auxílio de 12 profissionais: cinco instrutores de equitação que também são policiais militares, um fonoaudiólogo, três psicólogos, dois fisioterapeutas e uma terapeuta ocupacional. A equipe está habilitada a atender pessoas com deficiências físicas ou cerebrais, pessoas com autismo, hiperativas, com déficit de atenção, transtornos de linguagens e demais necessidades especiais.

Para o atendimento no CEqPMPB é necessário que a pessoa a ser atendida tenha algum grau de parentesco com profissionais da segurança pública. O funcionamento acontece de segunda a quinta-feira, das 8h às 11h e das 14h às 17h. Além disso, “tem que ter um encaminhamento do profissional que acompanha o paciente, a exemplo do neuro que atende uma criança com síndrome neurológica, [ele] tem que encaminhar o paciente para equoterapia”, enfatizou Cavalcanti.

A eficiência do tratamento com a terapia assistida com os cavalos está no movimento realizado pela andadura do cavalo. “[É um movimento] tridimensional, ou seja, para cima, para baixo, para um lado, para o outro, para frente e para trás. Esse movimento estimula contrações no corpo do praticante como se estivesse realizando a marcha humana, além de criar um impacto psicológico muito bom, pois ele olha para as pessoas de cima para baixo, diferente do seu dia a dia”, completou o coordenador.

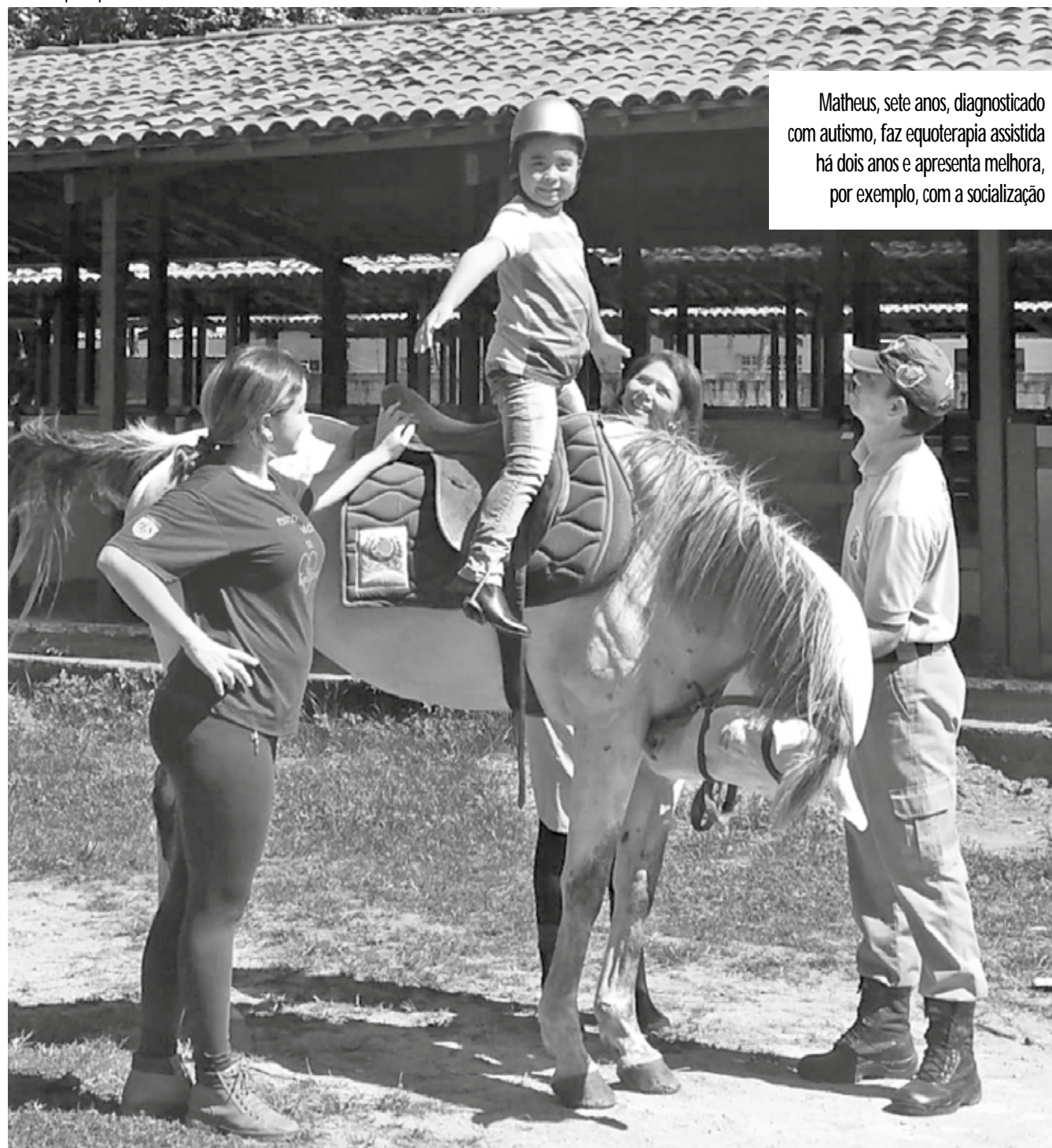
Os benefícios vão além e, de acordo com Cavalcanti, é possível desenvolver a independência e o desenvolvimento global do paciente, acarretando em qualidade de vida para este e sua família. Alecsandro dos Santos, policial militar, contou que a prática da equoterapia é de imensa importância para o desenvolvimento social do seu filho, Matheus Santos, de sete anos, que é diagnosticado com autismo. Segundo o pai, Matheus tem apresentado resultados muito bons em questões como a sociabilidade e também no carinho e cuidado com os animais ao longo dos dois anos em que faz a terapia assistida.

Trabalhando há 10 anos no CEqPMPB, Carlos Ferreira é equitador e também atua no setor administrativo do local. Para ele, o trabalho é muito significativo, pois além de auxiliar as pessoas com necessidades especiais, ele também absorve diversos aprendizados. Com um filho autista, o profissional ressaltou que os ensinamentos do lugar se estendem à sua casa. “Foi um divisor de águas, a partir do momento que eu comecei a trabalhar com equoterapia diretamente minha vida profissional, minha vida social e a vida familiar mudou. Eu tenho outra visão do que é esse lado da pessoa com deficiência, porque eu tenho na família”, comentou.

A parceria entre profissionais, animais e pacientes desenvolve vínculos que vão além dos 30 minutos compartilhados durante a terapia. As marcas do bem que ficam no desenvolvimento das crianças e demais pacientes conseguem tocar e arrumar um espaço também na vida daqueles que atuam no dia a dia com esse trabalho.

“Foi um divisor de águas, a partir do momento que eu comecei a trabalhar com equoterapia diretamente minha vida profissional, minha vida social e a vida familiar mudou”

Foto: Arquivo pessoal



Matheus, sete anos, diagnosticado com autismo, faz equoterapia assistida há dois anos e apresenta melhora, por exemplo, com a socialização



Fotos: Acom/Prefeitura de Aparecida

Município de Aparecida é maior entreposto de mel da Paraíba

Cidade localizada no Alto Sertão paraibano se destaca também pela agricultura familiar, religiosidade e artesanato

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Com pouco mais de oito mil habitantes e 27 anos de emancipação política, a cidade de Aparecida se destaca entre os municípios paraibanos, pois é considerada o maior entreposto de comércio de mel da Paraíba, através da Associação dos Apicultores do Sertão Paraibano (Aspa), que é composta por 130 produtores de mais 12 municípios.

Ao todo, cerca de 30 toneladas são armazenadas, processadas e comercializadas anualmente para todo o país.

A cidade também é conhecida pelo incentivo de geração de renda da agricultura familiar e por suas tradições católicas que, inclusive, foi responsável pela escolha de seu nome, em homenagem à Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil.

Só nos últimos oito meses, os apicultores de Aparecida já

produziram 3,5 toneladas de mel. Uma demonstração que mesmo em meio a uma pandemia, os aparecidenses não se abatem com as adversidades e seguem transformando o zunido das abelhas em geração de renda para os pequenos produtores rurais e suas famílias. Além de contribuírem com a preservação da Caatinga e evitar a desertificação da região.

O município de Aparecida está localizado a 409

quilômetros da capital paraibana, fica no Alto Sertão, e seu povoamento começou nas margens dos Rios do Peixe e Piranhas, por volta de 1926, quando ainda tinha o nome de 'Canto', seu primeiro povoado.

Foi nessa época que começou a devoção da população por santas católicas, como Nossa Senhora dos Remédios e da Conceição, que levava o nome de sua primeira capela. Décadas depois o lugar passou por

reformas e se transformou na igreja que homenageia Nossa Senhora Aparecida, em 1945; período em que ainda era distrito de Sousa.

Uma cidade pequena, mas com uma cultura preservada, através do Patrimônio Histórico de Acauã, um complexo rural que possui construções do século 18, como a Casa Grande e a capela barroca de Nossa Senhora da Conceição e um sobrado, todos datados do final dos

anos 1700. "Apesar do tempo, essas construções seculares ainda estão bem preservadas e essa fazenda foi propriedade de João Suassuna, pai de Ariano Suassuna, que passou a infância por lá. O local está inteiramente ligado à história do Sertão paraibano, seja na política ou na economia da região, pois a propriedade viveu o apogeu do plantio de algodão", destaca o secretário municipal de Administração, Laercio de Oliveira Filho.

+ Posição estratégica para o comércio

A cidade que é 'cortada' pela BR-230, mais conhecida como Transamazônica, é ponto de passagem para o comércio no Sertão paraibano, sendo via de acesso para os principais destinos da região ou para os sertanejos que se deslocam ao Litoral. O artesanato local é fomentado pelos artesãos que fabricam redes e fazem peças de crochês. No Centro de Comercialização de Artesanato, dezenas de famílias expõem seus trabalhos para quem passa por Aparecida, com peças de utilidade para toda a casa.

O turismo de lazer em Aparecida ainda não possui estrutura consolidada, mas quem for ao município poderá aproveitar os banhos nos rios que ba-

nham a cidade, Piranhas e do Peixe, que possuem barragens naturais que podem ser usufruídas pelos visitantes. Como também aproveitar os açudes e riachos das zonas rurais.

Na agricultura familiar, seu grande potencial é o plantio de milho – com 200 hectares e produção de 1,6 tonelada por ano – de feijão, com uma colheita de 80 quilogramas anualmente que são plantados em 150 hectares, já a plantação de coco ocorre em 75 hectares. A cidade tem uma população predominante rural, devido a regulamentação dos assentamentos de famílias oriundas da reforma agrária.

Curiosidade na emancipação política

Uma curiosidade de Aparecida é que ela foi cidade por alguns dias, voltou a ser distrito de Sousa e só retornou a ser 'independente' 32 anos depois. É que em dezembro de 1961, a Assembleia Legislativa da Paraíba tinha aprovado o Projeto de Lei 443/1961 que emancipava a cidade, porém, em janeiro de 1962, o governador Pedro Gondim vetou o decreto legislativo e Aparecida deixou de ser município. A nova emancipação só ocorreu em 1994.

Festas religiosas

Todos os anos acontece a Cavalgada de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro, para celebrar o dia da padroeira do município, e eventos católicos. Lá, o réveillon é chamado de Festa de Noite de Ano, sendo a mais tradicional festa da cidade e acontece desde os anos 40. No mês de novembro, tem ainda a Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano, que exhibe filmes não só da Paraíba, mas de todo o Brasil; além de oficinas, palestras e exposições visuais.



Anualmente, são armazenadas, processadas e comercializadas em Aparecida cerca de 30 toneladas de mel, resultado da produção de 12 municípios do Alto Sertão paraibano

Capela de Nossa Senhora Aparecida, santa padroeira que empresta o nome à cidade e um dos símbolos da religiosidade da população local





Secult prepara segunda fase da Lei Aldir Blanc na Paraíba

Cinco novos editais devem ser lançados nos próximos dias, e meta da secretaria é não deixar sobrar recursos

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A redução do número de editais, de 12 para cinco, e a homenagem a cinco outros nomes de artistas e personalidades com a característica de lutar, de maneira ativa, em suas respectivas áreas, em defesa da cultura. Essas são algumas novidades da segunda fase da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (LAB), cujo lançamento está previsto para acontecer na primeira semana de setembro, conforme anunciou o governador da Paraíba, João Azevêdo, durante o seu programa pela Rádio Tabajara na semana passada.

Para o secretário de Estado da Cultura (Secult), Damião Ramos Cavalcanti, tudo está se encaminhando para essa previsão, alegando que a data ainda não foi definida porque estão sendo seguidos alguns trâmites burocráticos.

tão, vamos aguardar essa providência de tramitação para depois recebermos e publicarmos no *Diário Oficial*", disse o secretário. "Agora, algo fundamental é que vamos trabalhar muito para que todos tomem conhecimento dos editais, para que haja procura, com o objetivo de evitar que alguém deixe de se inscrever e haja sobra de recursos. Para isso, queremos contar com o apoio grande dos meios de comunicação para divulgar e haja inscrições", disse Damião Ramos.

O gestor da Secult informou que, após o lançamento e publicação da segunda fase da Lei Aldir Blanc, serão criadas coordenações para cada edital, no intuito de realizar e verificar o trabalho de inscrição e catalogação. "Vai ser um trabalho exaustivo. Vamos zelar pela idoneidade e a identificação do proponente. Uma informação crucial é a do CPF e da conta no banco, de acordo com o edital,

postas culturais e artísticas para apresentação, exibição, divulgação e realização em formato digital, para a contratação de seus proponentes e sua divulgação em plataformas e tecnologias digitais disponíveis *on-line*, num investimento de R\$ 2,76 milhões. O valor é destinado a apresentação, exibição, divulgação de teatro, dança, circo, hip hop, literatura, cordel, cultura popular, música (rap, repente e afins), grafite, audiovisual e

tos individuais e coletivos, inscritos e executados por artistas independentes, a exemplo de músicos, esculptores, pintores, grafiteiros, fotógrafos, bailarinos, atores e atrizes e artistas circenses.

Já no edital Mãe Maria do Peixe, cujo intuito é a composição do Acervo da Cultura Paraibana - Memorial da Pandemia, serão investidos R\$ 3,98 milhões para premiar 116 videobiografias apresentadas

Foto: Felipe Gesteira/Arquivo



Corrinha Mendes

Com sua risada inconfundível, a professora de História Maria do Socorro Mendes, a Corrinha, virou marca registrada do bloco Cafuço, um dos mais tradicionais e irreverentes João Pessoa. Morreu em 2018, aos 63 anos.

ações formativas que compreendem oficina, *master class*, palestra, seminário, debate, curso livre, seminário, conferência, mesa redonda e debate.

O edital Parrá terá recursos na ordem de R\$ 4,41 milhões para premiar 193 projetos culturais em fase inicial, de continuidade, e em fase de finalização apresentados por iniciativas de diversos segmentos da arte e da cultura. O objetivo é garantir o prosseguimento e a retomada de atividades do setor cultural na Paraíba, e que deverá conceder prêmios para proje-

por iniciativas coletivas, e é destinado a artes cênicas (teatro, circo, dança), música, circo tradicional itinerante, cultura popular e tradicional (grupos e expressões relacionadas aos festejos juninos, carnavalescos e às manifestações das culturas populares e tradicionais).

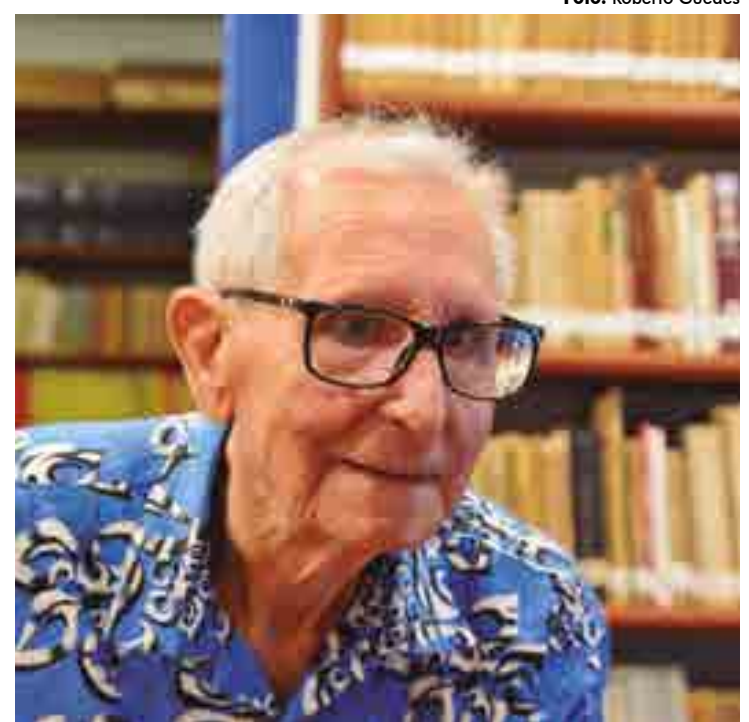
Por fim, o edital Willis Leal, com investimento de R\$ 1,5 milhão, vai premiar 300 videobiografias individuais, cujo intuito é também a composição do Acervo da Cultura Paraibana - Memorial da Pandemia. Nesse caso, serão con-

Foto: Reprodução



Parrá

Natural de João Pessoa, Severino Ramos de Oliveira, o Parrá, participou de várias apresentações e programas nas rádios Sanhaú e Tabajara. Foi um dos maiores intérpretes da música de Jackson do Pandeiro. Morreu em 2019, aos 81 anos.



Wills Leal

Escritor, jornalista, professor, pesquisador e crítico de cinema, Wills foi um dos criadores da Academia Paraibana de Cinema (APC), além do projeto da 'Roliude Nordestina' em Cabaceiras. Morreu aos 83 anos, no ano de 2020.

templados artistas solos, mestres e mestras, técnicos e técnicas e produtores culturais, cujas trajetórias contribuem para a identidade cultural da Paraíba em diversos segmentos, a exemplo de teatro, dança, circo, cultura popular, música, audiovisual, literatura, artesanato e artes visuais.

"São cinco belos editais e a redução do número de editais é quantitativa, e não qualitativa, para dar celeridade ao processo", comentou o secretário de Cultura. "Foram escolhidos cinco nomes inéditos, que são homenageados porque são pessoas lutadoras na

concluiu Damião Ramos Cavalcanti.

Cotas

Um aspecto comum aos cinco editais da segunda fase da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc é que em todos haverá cota de 30% destinada à negritude e às periferias.

"Somos o primeiro Estado a determinar essa cota em cada edital e, depois, certamente muitos também vão fazer isso. Tivemos a coragem de incluí-los, dentro de uma política pública, e isso foi, inclusive, objeto de debate nos 'Diálogos Culturais', quando

Foto: Divulgação



Mãe Maria do Peixe

Maria dos Prazeres Santos Soares, mais conhecida como Mãe Maria do Peixe (foto dela é muito raro; acima representa o ritual da jurema da sua casa), foi uma das principais representantes da cultura popular do Estado. Morreu em 2010.

área da cultura, e são nomes de pessoas simples, e não de autoridades, que são representativas em suas respectivas áreas, como Wills Leal no audiovisual; a Mãe Maria do Peixe, mestra da cultura popular, para valorizar a cultura afrodescendente; na música, Parrá, o maior intérprete de Jackson do Pandeiro; Socorro Mendes, na área de blocos carnavalescos; e Hermano José, nas artes plásticas",

escutamos os segmentos da área da cultura", ressaltou o secretário de Cultura da Paraíba.

"É um direito e o nosso objetivo, com isso, é resgatar a presença das minorias dentro da cultura, como ciganos, indígenas, quilombolas negritude e periferias, que não vinham tendo atenção e isso era uma injustiça que vinha acontecendo", disse Damião Ramos Cavalcanti.



Hermano José

Artista plástico, ecologista e ativista cultural paraibano, Hermano José nasceu em Serraria, no Agreste da Paraíba. Na sua trajetória, apresentou várias fases que vão desde a pintura à gravuras em metais. Morreu em 2015, aos 92 anos.

O objetivo da segunda fase da LAB é, com o total de recursos superiores a R\$ 16,6 milhões, beneficiar cerca de dois mil artistas e técnicos de diversas expressões culturais, além de propiciar o financiamento de formações em todas as áreas artísticas. Já o valor do auxílio emergencial, que corresponde à renda direta ao trabalhador do setor cultural, tem montante na ordem de R\$ 1,7 milhão, com o pagamento de cinco parcelas mensais por beneficiário, cada uma no valor de R\$ 600, contemplando 569 trabalhadores e trabalhadoras da cultura, dos quais 434 são selecionados na primeira fase da lei e 135 são novos cadastrados.

"Os termos dos editais estão sendo elaborados e serão enviados para apreciação, o crivo da Procuradoria-Geral do Estado e a Secretaria de Controle, para análise e verificar se tudo está em conformidade. En-

para o depósito. São duas coisas imprescindíveis e se tudo estiver de acordo com o edital é aprovado", disse Damião Ramos.

Assim como na primeira fase, antes da elaboração dos editais, a Secretaria de Estado da Cultura realizou uma série de debates, denominada de 'Diálogos Culturais', com gestores públicos e representações de todas as expressões artísticas, durante os quais os participantes puderam contribuir com sugestões e demandas.

A propósito, os editais serão cinco, os quais levam os nomes de Hermano José, Corrinha Mendes, Parrá, Mãe Maria do Peixe e Willis Leal. O edital Hermano José Guedes terá valor global de R\$ 4 milhões, destinado à seleção e a premiação de 730 obras físicas de artesanato, habilidades manuais, artes visuais, fotografia e literatura (livros e cordéis).

O edital Corrinha Mendes credenciaria 560 pro-

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Ética e racionalidade

É difícil pensar a modernidade sem o aumento da capacidade de cálculo racional. Essa não é uma característica exclusiva dessa época. Podemos imaginar que nossos antepassados que viviam de caça e coleta fossem obrigados a planejar investidas contra as presas. Deviam ter uma capacidade mental aguçada para medir a força e a velocidade do arremesso das lanças, de modo a acertar o animal que tentasse se esgueirar em fuga. As necessidades de construir ou encontrar abrigos seguros é algo que também dependia desse tipo de racionalidade.

Penso que umas das principais diferenças entre nós e tais antepassados é que o cálculo adquiriu a forma de planejamento a médio e longo prazo. A forma como a sociedade em que vivemos está organizada permite que façamos planejamentos para um futuro mais distante. Milhões de pessoas, por exemplo, pagam planos de previdência como forma de ter segurança na velhice ou proteção financeira em caso de um acidente que as deixem impossibilitadas de trabalhar. Fazem metas para uma carreira profissional de sucesso, com etapas que se sucedem no tempo.

Alguns leitores podem argumentar que os antigos egípcios embalsamavam os mortos para prepará-los para a ressurreição, e que isso, sim, é um verdadeiro planejamento de longo prazo. Lembro, porém, que o filósofo Bertrand Russell dizia que para compreendermos essa diferença precisamos levar em consideração também o tipo de conhecimento predominante em cada caso. Ele vê no embalsamento uma motivação supersticiosa, assim como no puritanismo que apregoava o adiamento do prazer para outra vida. Ambos foram importantes para inculcar certos hábitos mentais, mas operam de modo diferente do pensamento técnico-científico.

O pensamento técnico-científico à que me refiro é aquele mais preocupado com as evidências e a empiria, sobretudo com a racionalidade instrumental. Ele leva em consideração o cálculo entre meios e fins, para com isso tentar garantir o objetivo almejado da maneira mais eficiente possível. É um raciocínio típico dos engenheiros. Para chegar até a lua os cientistas e projetistas da Nasa estudaram as várias possibilidades possíveis, até encontrar os meios que julgaram mais adequados e eficientes para a realização da viagem. A superstição ou crença religiosa não foi um elemento importante para as decisões tomadas.

A grande crítica que filósofos e sociólogos tradicionalmente fazem a esse tipo de racionalidade, que privilegia apenas os meios e os fins, é sua despreocupação com questões éticas. O termo “solução final” empregado pelos nazistas, como se sabe, não se referia à morte. A palavra final tem relação direta com as possibilidades levantadas para “solucionar o problema judaico”. Uma das opções pensadas pelos nazistas foi mandar os judeus para a ilha de Madagáscar situada na costa sudeste da África, aproximadamente 8000 km da Alemanha.

Essa ideia seria logo descartada por ser considerada pouco racional. Dependia de uma logística complicada e de recursos financeiros elevadíssimos. Outra saída teria sido a de enviar os judeus para algum país do leste europeu, hipótese que esbarrou em problemas semelhantes. “A solução final”, ou seja, a de enviá-los para campos de concentração e trabalhos forçados, construídos dentro do território alemão, e depois assassiná-los em câmaras de gás foi tratada naquela ocasião pelos nazistas como a mais racional.

Estética e Existência

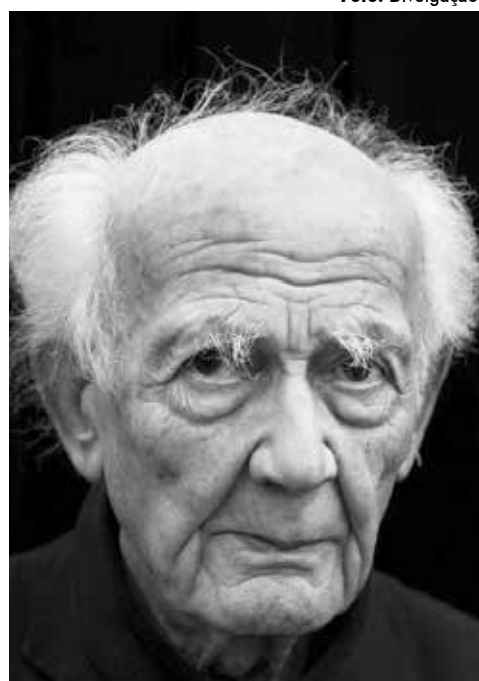
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

“Modernidade líquida”

As relações de confiança que se estabeleciam no ambiente familiar eram construídas numa afetividade que idealizava projetos de vida. Nos dias atuais, os relacionamentos estão fragilizados por causa do desemprego e da perda do sentido à vida. Isso gera o vazio existencial e a busca de preenchê-lo através do consumo obsessivo. Essas falhas destroem a saúde mental. As consequências desse adoecimento é o surgimento do terror e o outro representar a ameaça contra si mesmo a partir do próprio ódio. Diante disso, os relacionamentos se tornam insuportáveis.

As pesquisas do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) analisam os problemas sociais que surgem na experiência cotidiana e nos relacionamentos atuais. Os seus temas mais estudados são a angústia e a falta de referências. Bauman apresenta no seu livro *Modernidade Líquida* (1999) a tese de que se vive em sucessivas mudanças, isso conduz a perda de todos referenciais e a destruição de tudo que exige duração e solidez. Ele conceituou esse fenômeno de estágio “líquido” da modernidade, porque as “certezas” ou “fluidos” são impedidos de se solidificarem. Diante disso, a “liquidez” resultaria na obsessão pelo corpo ideal, o culto às celebridades, o consumo e seu endividamento compulsivo, a paranoia por segurança e a instabilidade dos breves relacionamentos amorosos. Também a perda do ideal de que o trabalho e o conhecimento estruturam a qualidade de vida e dão sentido a humanização e preserva a harmonia familiar. *Modernidade Líquida* confirma que o cidadão é direcionado a viver por si e guiado através das próprias incertezas, nas quais, os compromissos para a vida podem se revelar como sendo promessas que não serão cumpridas nos projetos de vida. Nesse contexto, Bauman torna-se crítico da modernidade e evidencia à ética a fim de orientar tudo que se relaciona à dignidade humana.

Na sociedade atual, o cidadão assume individualidades “líquidas” ao direcionar o prazer de consumir para o imediato. A durabilidade e a lealdade às mercadorias são desprezadas quando os compulsivos são bombardeados por sugestões, que precisam



Bauman: “Somos aquilo que compramos ou consumimos”

se equipar com outro produto se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam desempenhar. Bauman explica como os obsessivos são direcionados a gastar sem significado. Diante desse transtorno, a perda de valores morais e o desequilíbrio emocional... economia consumista possui a regra de desenvolver e materializar os produtos, e posteriormente encontrar uma alienada aplicação; além disso, apresenta-se como uma economia do engano, na medida em que investe na irracionalidade dos obsessivos. Bauman desperta a atenção para o tipo de relação que se estabelece nesse engano: “É dito com frequência que o mercado de consumo seduz os consumidores, e, para fazê-lo, ele precisa de consumidores que queiram ser seduzidos. Numa sociedade de consumo que funcione de forma adequada, os consumidores buscam com todo empenho serem seduzidos.”

Na *Modernidade Líquida* de Bauman, o cidadão é obrigado a construir para si mesmo as continuidades, a solidez e a estabilidade que ela não consegue lhes oferecer; já que o consumo “líquido” não atende à necessidade; e, sim, ao desejo. Nessa modernidade, os cidadãos são mercadorias de consumo, isso torna-os membros autênticos dessa sociedade líquida. No livro *Vida para Consumo* (2007), Bauman diz: “Na sociedade do consumo, ninguém pode se tornar cidadão sem primeiro virar mercadoria, e ninguém

pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”. Nesse contexto, observa-se que se busca no mercado produtos que agregam valor a autoimagem e que se adaptam a própria personalidade, porque “somos aquilo que compramos ou consumimos”. A orientação dessa “sociedade adocida” é forçar o consumidor se adaptar a essa nova realidade, na qual tudo é consumido como moda, inclusive os próprios cidadãos.

Na *Modernidade Líquida* não se busca a identidade no que se é na espécie humana; e, sim, naquilo que se consome. Não importa mais “ser alguém”. O que interessa é o que nossos recursos podem comprar: carros; roupas; celulares; viagens e tantos outros produtos. Diante disso, Bauman afirmou que vivemos a “orgia consumista”, apresentou a “fluidez da vida”, confirmou que vivemos a era das incertezas, do descontínuo, do impermanente. Nem os bens nem as relações entre as pessoas. O sólido perdeu a forma e tudo desaparece muito rápido, e o tempo está perdendo o sentido de existir.

Concluo com o poema *Assim Eu Vejo a Vida*, de Cora Coralina (1889-1985):

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

■ Sinta-se convidado à audição do 333º Domingo Sinfônico, deste dia 29, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças dos compositores: Johann Sebastian Bach (1685-1750); Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791); Frédéric Chopin (1810-1849) e Robert Schumann (1810-1856).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Morreu de
aperreio

Eu queria uma moldura, uma miniatura que coubesse uma narrativa antiga, algo que ficou em minha memória. Meu pai dizia para gente não acumular preocupação, que mata. E mata mesmo. Tem matado muita gente. Preocupação e aperreio é quase a mesma coisa, já sofrer por antecedência, é bem pior.

A sobrevivência fala mais alto.

O mundo é a minha cidade e, por isso, não sinto qualquer dificuldade de escrever sobre tal coisa, tal lugar, no impulso de desenhar com palavras e sentidos, onde já estive e estarei. A geografia afetiva importa muito, embora espaços floridos estejam entre escombros à vista.

A morte assistida pelo mundo em quadrinhos que envolve crianças do Afeganistão nunca vai explicar o que provoca essa destruição de grande parte da minha cidade, que é o mundo. Felicidade não brilha mais em várias bandas.

O cenário é de desastre humano. É, e continua sendo, uma dor sem tamanho especialmente o que nos liga a outros mundos. Senhor, tem piedade!

Cada lembrança é uma fotografia, um legado aos nossos filhos e uma homenagem do que existe de mais sagrado, a solidariedade. Eu fico besta com pessoas sem ação.

A amizade não é só superior ao amor, é a melhor forma de amar e transformar. Eu me transformo em outros. O problema do aperreio ou da preocupação não é apenas um pretexto.

Lembro de meu pai triste, na calçada, conversando sobre a morte de um amigo dele, dizendo que havia morrido de aperreio. Tem coisa pior para se morrer? Aperreio mata de uma hora para outra.

Como seria a vida sem os aperreios, contas pagas, feiras feitas e tudo que damos por adquirido? Beleza, né? Mas beleza não põe mesa.

Eu queria entender como seria regressar a um estado similar ao vivido por meu pai e seus amigos. Por que um amigo dele morreria de aperreio? Muitos sobram no mundo, onde há tanto espaço para cuidar dos outros.

Conversar sem ser interrompido, não está fácil. Tudo gera política e ataques. Ouvir uma música, se não há silêncio. Saber que um amigo está passando necessidades, poucos se interessam. Saber que o outro foi demitido, menos ainda. Seja lá quem for.

Confinado na assertiva antiga, de que as pessoas morrem de aperreio nessa zona periférica da pandemia, embora haja incursões solares, como a permanência de seres ou não seres, fugindo de suas casas, seu país, sem dizer adeus.

Este pai que eu tive, que me salvou, que me educou, também sou eu, o pai de Vitor, onde me movimento, ajudo, corro atrás, estiro a mão e aceno.

É mais difícil sobreviver sobre os espaços que conhecemos, do que um relato pode ser deslocado para outro espaço ou cidade. Somos todos iguais nesta noite?

O romance de nossas vidas apresenta relações diversas, de que conhecemos muito pouco um do outro, para provocar em mim uma inspiração, uma solução, um atalho.

Perguntaram certa vez a Albert Einstein se ele sabia como seria a Terceira Guerra Mundial e ele respondeu que não fazia a menor ideia, mas que a quarta seria certamente à pedrada. Quem vai atirar a última pedra?

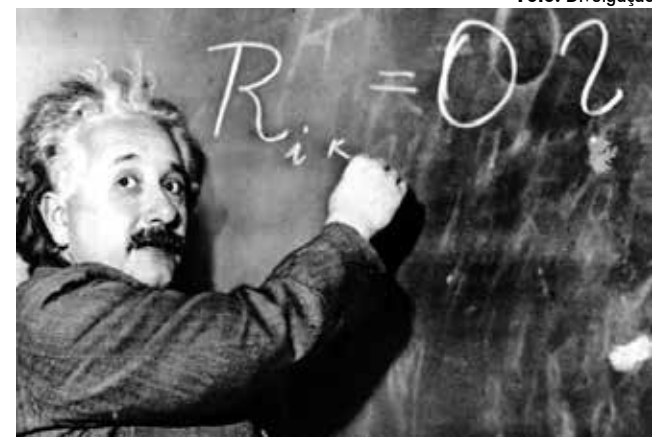
Entristece a ideia antiga de meu pai e seus pensamentos longevos sobre isso de informar que um amigo morreu de aperreio.

Morrer ficou tão banal que já não lembramos quantos perdemos. Quem ontem estava bem, não está hoje ou sobrevive na dimensão bipolar da escuridão.

Morrer de preocupação. Morrer de decepção. Morremos todos os dias.

Kapetadas

- 1 - Acabou a bateria? Ah, morreu Charlie Watts.
- 2 - Deus exagerou na chatice do ser humano.
- 3 - Som na caixa: “Garçom, apague essa luz / Que eu quero ficar sozinho”, Bidu Reis e Haroldo Barbosa.



Físico teórico Albert Einstein (1879-1955), ‘pai’ da teoria da relatividade

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Glauber Rocha e ditadura na vizinha cidade de Santa Rita

Domingo passado fez 40 anos que faleceu o cineasta baiano Glauber Rocha. Uma das maiores expressões de vanguarda do cinema brasileiro de todos os tempos. Controvertido realizador que dizia o que pensava, muitas vezes irresponsavelmente, mas com a firmeza de convicções sociológicas, inclusive manifestadas em alguns de seus próprios filmes. Daí, a repressão que sofreu durante a ditadura militar de 1964.

Mesmo visado como “subversivo” pelas Forças Armadas, um ano antes já tinha realizado *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963), posteriormente, *Terra em Transe*, filmes que, basicamente, reacenderam as perseguições dos militares sobre ele. Resistiu por sete anos aqui no Brasil, exilando-se na Europa, passando a residir em Portugal.

O domingo que passou também me lembra um fato que aconteceu, não havia 40 anos atrás, mas nessa mesma semana de agosto de 1966, portanto há 55 anos, na vizinha Santa Rita. O palco dos acontecimentos foi o cinema São João, que pertencia ao meu pai, no centro da cidade.

Da manhã daquele domingo, lembro como se fosse hoje da expressão que continha um dos cartazes postados por mim na entrada principal do cinema, do filme de Glauber *Deus e o Diabo na Terra do Sol* – um texto que eu havia extraído do monólogo do cangaceiro Corisco (Othon Bastos): “O homem só tem validade quando pega nas armas pra defender o destino. Não é com o rosário, não, satanás!”



Foto: Divulgação

Ator Othon Bastos no papel do cangaceiro Corisco, em ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’

Pois bem, anunciávamos naquela manhã de agosto de 1966 a exibição do filme, dentro da programação do Cineclub Hitchcock, que funcionava, inclusive, numa sala de primeiro andar atrás da tela

do nosso cinema, dando vistas para uma praça na Rua Coronel Domiciano.

Era uma manhã ensolarada de domingo, estávamos todos eufóricos e já acomodados na sala de projeção do Cine São João. Nem bem havia iniciado a sessão, quando entram de repente dois fiscais fardados da Polícia Federal, de mandado em punho, e foram logo gritando:

– Parem a sessão!

Um dos tais, de aparência rude, truculenta, indagou furiosamente:

– Quem é o responsável por isso aqui?

Tremi nas bases. Meu pai não estava presente, e quem quer que fosse o responsável, a julgar pelos recentes ocorridos de prisão e arbitrariedades, naquele momento jamais se acusaria. Não era hora para atitudes heroicas.

– Pois bem, o filme está confiscado.

– Sentenciaram e foram logo subindo a escadaria rumo à cabine de projeção, onde se encontrava o operador Zé Alonso, a quem entregaram um papel dizendo para comparecer dia seguinte à Polícia Federal, em João Pessoa. Depois, juntaram as latas num saco e foram embora levando o filme. Decepção total de todos nós. Meros rapazolas e sonhadores cineclubistas, que sentimos o forte impacto daquele “golpe” às nossas pretensões culturais.

No dia seguinte, cheio de receios fui parar na PF, que funcionava na Av. Marechal Deodoro da Fonseca, próximo à Praça da Independência. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexantost.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Eleições na APL

“(…) No trem para Saint-Gratien, falamos da candidatura de Gautier à Academia e Saint-Beuve foi claro:

– Não tem a menor chance, precisaria de um ano de visitas, de solicitações, os acadêmicos não o conhecem... Veja, é preciso que eles o tenham visto, que o identifique fisicamente. A eleição, saiba, é uma intriga... no bom sentido, é claro. Terá o voto de Hugo, de Feullet, de Rémsut, acho que também o de Vitet. Ele precisaria ver com muita assiduidade esses dois últimos. Com alguma negociação, talvez Cousin. Por intermédio da princesa, podemos conseguir Sacy”.

Transcrevo este trecho do *Diário dos irmãos Goncourt*, para refletir um pouco acerca das eleições para a nossa APL – Academia Paraibana de Letras, evidentemente preservando as características essenciais de sua singularidade, mas também sem olvidar as raízes de seus ilustres modelos: as Academias Brasileira e Francesa de Letras.

Ninguém, à sua época, mais talhado para ocupar uma cadeira na Academia do que o escolado poeta Gautier. Tentou quatro vezes ser eleito, mas em nenhuma das oportunidades obteve êxito. Sua mortalidade estava selada pelo Destino, este Deus cruel, muito embora, a se levar em conta o valor intrínseco de sua produção literária, ninguém merecesse tanto essa justa e reconhecida glória.

Esse é apenas um exemplo. E existem tantos outros! Afinal, a imortalidade não é credencial para todos. Nem mesmo para àqueles que, de fato, a merecem. Parece que certos deuses diabólicos mexem muitas pedras para favorecer ou desfavorecer uma simples criatura humana.

Estou na casa de Coriolano de Medeiros há mais de 20 anos e já vi muitas coisas. Coisas que podem parecer estranhas aos que desconhecem os estatutos que regem sua estrutura, seu funcionamento e a convivência curiosa e ambivalente entre seus pares. Coisas estranhas para os de fora; coisas comuns para os de dentro.

Devo dizer que as eleições para uma vaga na Academia não são como as eleições para prefeito, deputado, governador ou presidente. Votar num candidato ou numa candidata, em pleitos acadêmicos, parece exigir outros critérios que não os estritamente ideológicos, mais relevantes, me parece, na escolha dos nossos representantes públicos. Pode ser que a posição política de um candidato ou candidata não agrade a esse ou aquele acadêmico, impedindo estes de apoiarem o seu nome. Os fantasmas da direita ou da esquerda às vezes frequentam os compartimentos da vetusta casa.

A experiência, todavia, me ensina que esta não é a regra. Grosso modo, os acadêmicos se baseiam em elementos muito subjetivos, às vezes secreto, às vezes, não, desconsiderando, desde já, o que deveria ser a justificativa principal, isto é, o reconhecido mérito literário, científico e filosófico do candidato ou candidata, garantidos comprovadamente pela realização intelectual e artística, materializada em obras importantes e em notável atuação na cena cultural.

No mais das vezes, vota-se por amizade ou deixa-se de votar por inimizade, inveja, ressentimento e outras mesquinhas da natureza humana. Vota-se também por gratidão, por lealdade, por admiração, ou deixa-se de votar devido a certas “negociações” que possam vir a favorecer ou desfavorecer os misteriosos interesses dos acadêmicos. Outros e outras nem votam, se absterem ou votam nulo ou em branco, fiados nas mais insólitas e escabrosas razões de seu incontornável e soberbo espírito acadêmico.

Como diz Saint-Beuve, citado pelos Goncourt, a eleição é uma intriga! Diria mais, é uma fábula de mal-entendidos, um quebra-cabeças de peças improváveis, um curto momento onde a bizarra ilusão da imortalidade experimenta o fascínio de seu risível poder. Sim, porque todo poder tem qualquer coisa de ridículo! Guilherme Figueiredo, escritor e dramaturgo, narra bem esse calvário, entre grotesco e patético, num livro delicioso, *As excelências ou como entrar para a Academia*. Eis uma cartilha ou manual que todo candidato ou candidata deveriam ler antes de registrar seu nome como postulante à cadeira X ou Y.

Aqui, felizmente, não temos princesa nem príncipes (ou temos?), porém, seríamos muito inocentes se ignorássemos as eminências pardas que circulam pelo clima acadêmico em períodos de eleição. Petições, telefonemas, conversações fazem o gosto desses especialistas do disse-me-disse, de certa maneira revelando que a Academia está na mira dos sonhos de muita gente. Mesmo com suas contradições, imperfeições e mal querenças.

Verdade!

Muitos falam mal da Academia, contudo, muitos mais querem ocupar a vaga de um imortal. Muitos cobizam conviver com esses seres esquisitos, os ditos e as ditas imortais, e habitar, nem que seja de modo fugaz e sorrateiro, uma casa antiga cheia de retratos do passado.

Eis mais uma ilusão da vaidade humana. Só que, para toda ilusão, paga-se um preço. E o preço desta é que o candidato ou candidata aceitem as normas difusas e traiçoeiras das eleições, procurem reverenciá-los acadêmicos e as acadêmicas (quem não gosta de se sentir importante?); apresentem-se humildemente com seus currículos e concorram. Se perderem, jamais ficar ressentidos; tentar de novo, quando outra vaga surgir, isto é, quando um acadêmico morrer; tentar, pelo menos, até quatro vezes, como fez Theophilo Gautier.



APC: dois registros acadêmicos

Recentemente, o pintor Flávio Tavares fez doação de sua tela, recém-concluída, *Festa das Neves*, à Fundação Espaço Cultural da Paraíba – Funesc. Por seu importante trabalho na arte pictórica paraibana, também por ser o criador da logomarca da APC, Flávio foi incluído nos quadros beneméritos da nossa academia.

O outro registro é sobre as homenagens que estão sendo prestadas ao escritor José Lins do Rego (Patrono da cadeira 44 da APC), pela Funjeop do município e pelo Governo do Estado, através de sua Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e da Editora A União. Pelos feitos, o regozijo da Academia Paraibana de Cinema, em nome de sua presidente e atriz Zezita Matos.

Em cartaz

ESTREIAS

INFILTRADO (Wrath of Man. EUA. Dir: Guy Ritchie. Ação e Thriller. 16 anos). Um misterioso homem conhecido como Harry (Jason Statham) trabalha para uma empresa de carros-fortes e é responsável por transferir milhões de dólares em dinheiro todos os dias por Los Angeles. Um dia, quando tentam assaltar seu caminhão, o homem consegue se livrar do assalto utilizando habilidades impressionantes. Seus companheiros passam questionar de onde ele veio e suas motivações para estar ali. **CENTERPLEX MAG 4**: 14h30 (dub.) - 17h (dub.) - 19h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 21h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 15h10 - 17h45 - 20h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 15h - 17h45 - 20h30; **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 17h30; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 19h; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 18h30.

A LENDA DE CANDYMAN (Candyman. EUA. Dir: Nia DaCosta. Terror. 16 anos). Em um bairro pobre de Chicago, a lenda de um espírito assassino conhecido como Candyman (Tony Todd) assolou a população anos atrás, aterrorizando os moradores do complexo habitacional de Cabini Green. Agora, o local foi renovado e é lar de cidadãos de alta classe. O artista visual Anthony McCoy (Yahya Abdul-Mateen III) e sua namorada, diretora da galeria, Brianna Cartwright (Teyona Parris), se mudam para Cabini, onde Anthony encontra uma nova fonte de inspiração. Mas quando o espírito retorna, os novos habitantes também serão obrigados a enfrentar a ira de Candyman. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4**: 14h30 (dub.) - 16h45 (leg.) - 19h (dub.) - 21h10 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 14h30 - 16h45 - 19h - 21h15; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 15h40 - 17h30 - 19h20; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 16h40 - 18h30 - 20h20.

HOMEM ONÇA (Bra. Dir: Vinícius Reis. Drama. 14 anos). Pedro (Chico Díaz) trabalha em uma grande empresa estatal que em breve será privatizada. Pressionado por um cruel processo de reestruturação, ele tem que demitir sua equipe e antecipar a sua aposentadoria, contra a vontade. Aposentado

e com uma doença na pele, ele decide se separar da família e se mudar para Barbosa, sua pequena cidade natal, no interior distante. Lá, ele descobre que a onça pintada que habitava a floresta ao redor de Barbosa, no tempo da sua infância, está mais viva do que nunca. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10**: 17h10.

PEDRO COELHO 2 - O FUGITIVO (Peter Rabbit 2: The Runaway. EUA. Dir: Will Gluck. Animação. Livre). Bea, Thomas e os coelhos construíram uma família improvisada. Quando o coelho arteiro decide se aventurar para além do jardim, encontra um mundo onde não é mais o protagonista rebelde e suas travessuras não são admiráveis. Agora, sua família arrisca tudo para conseguir achá-lo, enquanto ele encara uma jornada de autoconhecimento. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 14h - 16h15 - 18h40; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 14h10 - 16h30 - 18h50; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 15h - 17h30; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 16h - 18h; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 14h30.

CONTINUAÇÃO

CAMINHOS DA MEMÓRIA (Reminiscence. EUA. Dir: Lisa Joy. Ficção Científica, Romance e Thriller. 14 anos). Nick Bannister (Hugh Jackman), um investigador particular da mente, navega o mundo sombrio do passado ajudando seus clientes a acessar memórias perdidas. Vivendo nas margens do litoral da Miami submersa, sua vida muda para sempre quando ele aceita uma nova cliente, Mae (Rebecca Ferguson). **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 19h30; **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 15h20; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 16h30.

O ESQUADRÃO SUICIDA (The Suicide Squad. EUA. Dir: James Gunn. Super-Herói, Ação, Aventura e Fantasia. 16 anos). O governo envia os supervilões mais perigosos do mundo para a remota ilha de Corto Maltese, repleta de inimigos. Armados com armas de alta tecnologia, eles viajam pela selva perigosa em uma missão de busca e destruição com o Coronel Rick Flag. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 16h15 - 19h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (dub.): 15h - 18h - 21h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (leg.): 18h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 14h - 17h - 20h;

CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h50 - 19h15; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 17h50 - 20h15.

FREE GUY: ASSUMINDO O CONTROLE (Free Guy. EUA. Dir: Shawn Levy. Comédia, Fantasia e Ação. 12 anos). Um caixa de banco (Ryan Reynolds) preso a uma entediante rotina tem sua vida virada de cabeça para baixo quando descobre que é um personagem em um jogo interativo. Agora, ele precisa aceitar sua realidade e lidar com o fato de que é o único que pode salvar o mundo. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9** (dub.) - MacroX: 14h15 (2D) - 17h (3D) - 19h40 (3D); **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 14h40 (2D); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 18h20 (2D) - 21h (3D); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 15h20 - 19h30; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 16h20 - 20h30.

O HOMEM NAS TREVAS 2 (Don't Breathe 2. EUA. Dir: Rodo Sayagues. Suspense. 16 anos). Anos após os eventos do primeiro filme, o Homem Cego (Stephen Lang) vive escondido em uma isolada cabana, com uma garota órfã que ele começou a cuidar após um incêndio. Mas sua existência pacífica é dilacerada quando sequestradores levam a garota, forçando-o a sair do seu lugar seguro para salvá-la. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 20h50; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 21h10; **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 16h45; **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 19h45; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 20h45.

O PODEROSO CHEFINHO 2 (The Boss Baby: Family Business. EUA. Dir: Tom McGrath. Animação. Livre). Os irmãos Tim e Ted agora estão adultos e vivendo vidas separadas. Enquanto Tim construiu uma vida calma no subúrbio com sua esposa e as filhas, Ted se transformou num mega empresário que resolve todos os problemas com dinheiro. Mas quando Tim descobre que sua filha caçula também é agente do BabyCorp, ele precisará da ajuda do irmão mais novo para lidar com a situação. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 14h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 13h30 (sáb. e dom.) - 16h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 13h20 (sáb. e dom.) - 15h50; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 17h30; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 14h50; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 15h50; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 18h30.

Serviço

• Funesc [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box [3246-3188]) • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypcio [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Obra de Prêmio Nobel traduz a Biologia em cinco passos

Chega ao Brasil 'O que é a vida?', livro do geneticista Paul Nurse que responde à pergunta em forma de romance

João Luiz Sampaio
Agência Estado

Aos 13 anos de idade, Paul Nurse encantou-se com uma borboleta. Amarela e trêmula, ele lembra, ela voava de um lado para o outro de uma cerca. Até que uma sombra a assustou, fazendo com que voasse para longe, em busca de refúgio. Aos 52 anos, já um biólogo e geneticista reconhecido pelos seus pares, professor da Universidade de Oxford, Nurse recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina pela descoberta de moléculas de proteína que controlam a divisão, ou duplicação, de células.

Nos quase 40 anos que separam o menino do profissional, Nurse colocou-se constantemente uma mesma pergunta: O que é a vida? E aquilo que descobriu está reunido no livro não por acaso batizado de *O*

que é a vida? - *Compreendendo a Biologia em Cinco Passos* (256 páginas, R\$ 59,90; R\$ 39,90, e-book), agora lançado no Brasil pela Editora Intrínseca em tradução de Livia de Almeida.

Os cinco passos referem-se ao que Nurse chama de "cinco grandes ideias da Biologia": a célula, o gene, a evolução por seleção natural, a vida enquanto química e a vida enquanto informação. A ideia, ele explica, é "usá-las como passos que podemos dar, um de cada vez, para melhor percebermos o modo como a vida funciona".

À primeira vista, pode soar como um tema de difícil compreensão – capaz de evocar as memórias nem sempre felizes das aulas e provas de Biologia na escola. Mas o livro se escreve como um romance, em que uma história nos é contada. No caso, a história de como, com o tempo, a compreensão sobre os

seres vivos foi sendo desenvolvida e elaborada. De maneira ágil, Nurse passeia pela história, mostra o momento em que estamos e o que podemos esperar do futuro, tanto na pesquisa como em sua aplicação.

"Entender o que é um organismo vivo é entender o que somos. O que o livro propõe não é um estudo técnico, mas, sim, uma forma de compreensão do mundo", conta ele. "Fatos são aprendidos a todo instante e essa lista fica cada vez maior. O importante, no contato com o público em geral, me parece ser buscar colocar todos esses fatos em contexto. Pois sem transformar a informação em princípios, em ideias mais amplas, perdemos o foco. E o contato com o público. Essa é uma área em que podemos melhorar muito", completa.

Na entrevista a seguir, ele fala ao *Estadão* sobre a

gênese do livro, lançado no ano passado na Inglaterra, o modo como ele ganhou sua forma final e sobre temas atuais, como a relativização do conhecimento científico e a desconfiança de certos grupos com relação a vacinas, evidente durante a pandemia.



Imagem: Divulgação



Para Nurse, a proposta não é um estudo técnico, mas, sim, uma forma de compreensão do mundo

A ENTREVISTA

Como surgiu a ideia de escrever este livro?

As livrarias estão cheias de livros de ciência destinados ao público em geral, resumindo e apresentando as grandes ideias da Física, como a Mecânica Quântica, por exemplo. Se na Física essa é uma prática comum, no campo da Biologia, isso não acontece. Isso se dá talvez pelo fato de que estamos sempre olhando para o futuro, pensando em como transformar a Medicina, por exemplo, especulando sobre possibilidades, sobre coisas que ainda não aconteceram, acreditando no poder do nosso campo de ajudar a construir esse futuro. Mas isso não significa que não devemos celebrar aquilo que nós já sabemos, o que já descobrimos, as ideias centrais sobre nosso funcionamento, e apresentá-las em conjunto.

O livro trata de questões técnicas específicas, mas, de alguma forma, pode ser lido como um romance, há

uma história sendo contada, despertando a curiosidade. Em que medida essa foi uma preocupação durante a escrita?

É uma obrigação nossa tentar popularizar essas ideias, oferecendo um olhar diferente sobre a vida. Entender o que é um organismo vivo é entender o que somos. A Biologia é estudada nas escolas, e os leitores provavelmente vão reconhecer termos e palavras sobre os quais precisaram responder em provas e testes. Mas o que o livro propõe não é um estudo técnico, mas, sim, uma forma de compreensão do mundo.

Em diversos momentos do livro, a filosofia se faz bastante presente na narrativa. E as ideias de pensadores como Aristóteles, Humboldt e Kant se tornam importantes na compreensão da ciência da qual o senhor está tratando na obra.

A Biologia carrega um aspecto filosófico. Ela não é

uma ilha e você se dá conta disso quando olha com clareza a filosofia básica das coisas. A presença de Immanuel Kant em um livro sobre Biologia pode gerar surpresa, claro, mas é possível pensar a ideia de uma filosofia moral no fato de estarmos vivos. Ter uma compreensão das ideias de Kant ou de vários outros pensadores importantes pode ser fundamental para qualquer biólogo.

O senhor mostra como a membrana externa delimita o que está dentro ou fora da célula, colocando uma ideia de limite e de como se dá a relação entre o indivíduo e o ambiente em que vive. Poderíamos encontrar nesse fato científico uma metáfora das próprias relações humanas, ou seja, daquilo que é individual e como ele colabora com o coletivo?

Seres vivos são marcados pela interação e essa interação ajuda a entender o que é a vida. A interação entre indiví-

duos da mesma espécie, nesse sentido, pode bem ser uma metáfora. Estamos falando da Sociobiologia, um campo que nos últimos quarenta anos tem pensado a natureza biológica do ser humano levando em consideração as relações humanas. E muitas das descobertas nesse sentido têm de fato múltiplas implicações.

No livro, o senhor chama atenção para a necessidade de entendermos a Biologia como um conjunto de ideias e não apenas de fatos. Por quê?

Isso é fundamental. Estamos afogados em dados, informações. E para mim essa é a importância desse livro. Não se trata de um livro técnico, que costuma ser uma lista de fatos. Pois fatos são aprendidos a todo instante e essa lista fica cada vez maior. O importante, no contato com o público em geral, me parece ser buscar colocar todos esses fatos em contexto, tratando de ideias mais amplas sobre

a química da vida. Daquilo que é particular, dos detalhes, podemos partir em direção a contextos mais amplos, nos quais se torna mais fácil discutir princípios básicos da vida. Pois sem transformar a informação em princípios, em ideias mais amplas, perdemos o foco. E o contato com o público. Essa é uma área em que podemos melhorar muito.

O livro é, em certa medida, uma defesa da ciência como ponto de partida para transformações não apenas pessoais, mas também para questões como a preocupação com o ecossistema, por exemplo. Vivemos, porém, em uma época na qual a relativização do conhecimento científico é flagrante, desde a crença de que a Terra é plana até a certeza de que há, nas vacinas, pequenos chips que permitirão o controle das pessoas que forem vacinadas. O que fizemos para chegar a esse ponto?

A humanidade sempre

pode ser um pouco estranha. O Iluminismo e a idade da razão, claro, mudaram um pouco as coisas, permitindo que as pessoas buscassem e entendessem a natureza do mundo. E, em geral, seguimos nesse caminho. Mas sempre haverá a loucura de algumas pessoas. Isso, acredito, não é novo. Mas as redes sociais acabaram colocando essas pessoas em contato umas com as outras e isso fez delas uma força. E precisamos estar atentos a isso. O exemplo do chip do qual você me conta me parece impressionante, e há muitas outras teorias absurdas. E o caso das vacinas é interessante, porque em outros momentos da história também houve questionamento a elas. Enfim, não estaremos livres dos aspectos mais ridículos da natureza humana. Mas é preciso que continuemos a informar, a dar segurança às pessoas, da forma mais educada possível, e com paciência, para não amplificar ainda mais aquilo que é irracional.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Pobres foram despejados pela Igreja

Não fiquei surpreso com reportagem que o *Estadão* publicou sobre os bens que a Igreja Católica tem no Brasil. Nenhuma surpresa com a matéria demonstrando que a Igreja possui 330 mil e 600 hectares – uma soma suficiente para assentar cerca de 22 mil famílias. Na Paraíba são 3.801 hectares.

Lá se vão 50 anos. Para fazer um "bico" (pois o salário no jornal em que trabalhava era insuficiente para as despesas pessoais), comecei a dar uma assessoria à Organização Bonfim e a uma firma de pouca duração (a orienta), que seu proprietário, Hermógenes Bonfim, montou com os saudosos Carlos Roberto de Oliveira e Rômulo de Araújo Lima para realizar shows, fazer edições e agenciar publicidade.

Como eu trabalhava numa sala junto à assessoria jurídica da Organização Bonfim, fui testemunha do drama de pessoas de baixa renda que eram locatárias de modestos imóveis que a Arquidiocese da Paraíba tinha (e ainda tem) na Grande João

Pessoa.

O arcebispo progressista, D. José Maria Pires (falecido em 2017), continuava a prática do seu antecessor, o conservador D. Moisés Coelho. A Igreja Católica promovia despejos de inquilinos. Para "não pegar mal", pois afinal Igreja é Igreja, todos os imóveis da Arquidiocese eram administrados, para locação, pela Organização Bonfim. Não é necessário comentar sobre isso. Contar o fato é suficiente para qualquer leitor entender que a Igreja Católica nunca foi tão cristã assim...

As relações, os compromissos, entre papas e reis, estão claramente provados na história da humanidade. Nos tempos modernos, compromissos entre Igreja e Estado, em vários países, foram e são claríssimos. A história da Igreja Católica tem páginas negras. Continua a tê-las.

O fato de – somente a partir de determinado momento, para não desafinar com os anseios dos fiéis e da maioria da sociedade – ter combatido a ditadura militar não é suficiente para omitir as mazelas da Igreja Católica no Brasil.

Seguem-se alguns dados revelados

pela reportagem publicada no *Estadão*:

1. Os hectares de propriedade da Igreja equivalem a duas vezes a soma das áreas das fazendas do produtor rural Marcos Seitz, de Guarapuava, no Paraná;
 2. Em quase todas as capitais do país, a Igreja Católica se destaca entre os maiores proprietários de imóveis. No Rio de Janeiro, um desses imóveis foi alugado para um cinema, o Íris, que só exhibe filmes pornôs;
 3. Somente no Piauí, onde a pobreza atinge níveis alarmantes, a Igreja possui 54.989 hectares;
 4. A Arquidiocese de São Luís do Maranhão é proprietária de uma ilha de 772,4 hectares, na baía de São Marcos;
 5. Ordens religiosas católicas são proprietárias de editoras com fins lucrativos, como a Vozes e a Paulinas, de colégios, universidades e até uma agência de turismo (dos carmelitas);
 6. Uma em cada 16 emissoras radiofônicas brasileiras é da Igreja Católica. Ao todo, são pelo menos 181 emissoras;
- Este é o quadro. A Igreja precisa explicá-lo. O silêncio não será a melhor coisa depois de relatados esses dados.

Desenhos eróticos de Lennon

John Lennon não limitava sua enorme criatividade ao campo da música, nos deixando maravilhas como 'Starting over', 'Woman' e 'Mind games' (todas da fase pós-Beatles). 'Imagine' é caso à parte. É hino, é hors-concours.

Lennon desenhava muito e, como na música, também causou polêmica na área. Em janeiro de 1970, ele mostrou desenhos eróticos em Londres. O governo britânico achou que aquilo era imoral e, no segundo dia da exposição, determinou que a polícia fosse à galeria e confiscasse o material. Londres tem dessas coisas: o que oferece de liberdade de um lado, retira de outro, desde os tempos em que colocou Oscar Wilde na cadeia. Entretanto, a realeza pode deitar e rolar: o passado do duque de Edinburg não é tão cristão assim, nem católico, nem protestante... Pra não falar em Charles, em Edward, nos porres da rainha-mãe e em William, suspeito de consumir cocaína desde a adolescência.

A realeza sempre foi hipócrita com Lennon, Mick Jagger, Freddie Mercury, Rod Stewart, Elton John...

Os desenhos de Lennon, proibidos em 1970, foram expostos em 2016 na Feira do Disco de Reus, na Espanha.

Por coincidência, 4 de julho é o dia da Independência dos EUA, onde Lennon autoexilou-se e, ironicamente, foi assassinado.



Foto: L. Marques/Fotos Públicas

Para servidores, reforma precariza serviço público

Governo Federal diz que mudanças vão modernizar o Estado; entidades, no entanto, veem ameaça aos trabalhadores

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A PEC da reforma administrativa tem trazido insegurança para os servidores públicos de todo o país. Enquanto a divulgação realizada pelo Governo Federal enfatiza que as novas leis administrativas só afetarão os novos contratados, alguns pontos no texto não ficam claros se podem alcançar os atuais servidores.

A ameaça é de ter alguns benefícios vedados, como licença-prêmio, aumentos retroativos, férias anuais superiores a 30 dias, adicional por tempo de serviço, adicional ou indenização por substituição não efetiva, redução de jornada sem redução de remuneração (salvo por saúde), entre outros.

Na Paraíba, o serviço público tem um papel importante na economia do Estado. Ao todo, cerca de 35,5% das pessoas ocupadas no Estado são servidores. Dos 683,8 mil trabalhadores na Paraíba, 243,3 mil são de órgãos públicos, segundo o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O professor Fernando Cunha, presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (Adufpb), ressaltou que, na opinião de sindicalistas, a reforma destrói o serviço público do país. "É uma contrarreforma. Porque a ideia de uma reforma é melhorar. Se você fizer uma reforma na sua casa, é para melhor, por exemplo. Mas, nesse caso, a proposta destrói o serviço público e vai afetar principalmente os mais pobres", comentou.

De acordo com informações do Ministério da Economia, a reforma no serviço público trará mudanças positivas. Mais vigência, já que terão novas regras para ingressar no serviço público, como um



Foto: Divulgação/Adufpb

Fernando Cunha, da Adufpb: "PEC afetará, principalmente, os mais pobres"

período de experiência; abrangência, no Executivo, Legislativo e Judiciário em âmbito federal, estadual, municipal e Ministério Público.

Além disso, as informações do ministério prometem mais estabilidade, ao mesmo tempo que terá desligamento em casos de infrações disciplinares, sentença judicial e insuficiência do desempenho. As novas regras também trazem mudanças na remuneração, veda benefícios e atribui uma governança onde a maior autonomia é do presidente da República.

Já na opinião do sindicalista, as informações repassadas pelo Governo Federal sobre a PEC omitem pontos importantes, como no caso da promessa de modernização. "Segundo o governo, a reforma

tem três objetivos. Entre eles a modernização do Estado. Mas, em nenhum momento do texto, tem a garantia de que o Estado será modernizado. O que está por trás dessa palavra é algo que esse governo vem implementando, a precarização do trabalho".

De acordo com o professor, o objetivo é adequar o serviço público aos interesses do governo, enquanto os prejuízos se estendem do servidor público ao contribuinte que necessita de educação, saúde e assistência social. "A lógica da realidade desse governo é de menos estado, menos projetos que garantam uma qualidade de vida das pessoas e o que está por trás é adequar o serviço público aos interesses daqueles que sempre são beneficiados por esse governo".

Parlamentares da PB divergem

A PEC da reforma administrativa tem sido tema de uma série de debates na Câmara dos Deputados. No último dia 25 de maio, ela foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, por 39 votos favoráveis e 26 contrários. O próximo passo é ela ser analisada por uma comissão especial, que irá debater o mérito do texto.

Na opinião do deputado federal Wellington Roberto (PL) a reforma é necessária para diminuir despesas. "O governo tem uma estrutura muito grande e isso gera muita despesa. Essa reforma vai justamente diminuir as demandas da despesa e reduzir o quadro que hoje, em parte, está sem muita condição de continuar. Isso gera um aumento de despesa muito grande", disse.

De acordo com o parlamentar, há um excesso de cargos públicos que se tornaram

obsoletos ao longo do tempo. "Tem muitas coisas que não tem necessidade de existir, como assessorista de elevadores, por exemplo. Existe uma quantidade muito grande e, não desmerecendo a profissão, mas a tecnologia avançou e a maioria dos equipamentos são eletrônicos", ressaltou.

No entanto, ele considerou que o texto deve ser discutido e debatido até chegar a uma melhor solução, para que injustiças não sejam cometidas.

Já na opinião do deputado federal Gervásio Maia (PSB), os defensores da reforma administrativa desmerecem o trabalho dos servidores públicos. "O que estão dizendo com essa PEC é que os servidores públicos não prestam um serviço de qualidade e, que além disso, custam caro".

Durante os debates, presenciados pelo deputado, o socialista ressaltou que muitos

Famup acredita em vantagens

A expectativa daqueles que defendem a PEC é que ela trará mais modernização ao serviço público, melhorando o seu desempenho. Segundo o presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, entre os prefeitos paraibanos a maioria apoia a reforma e acredita que ela trará avanços. "A maioria dos prefeitos pensa dessa forma. Porque precisamos de um Estado mais moderno. Tudo isso contribui para que as políticas públicas possam funcionar, e o serviço público tenha competência. Os servidores que estão lá precisam se lembrar que estão servindo à sociedade", comentou George Coelho.

Para ele, as mudanças são necessárias para melhorar o desempenho dos servidores. "Precisamos dizer para a sociedade que quem está no serviço público hoje precisa dar o seu melhor. Ele precisa transformar o trabalho em benefício para a sociedade, esse é o objetivo do servidor. Aquela pessoa que está lá precisa dar a sua contribui-

ção". Por outro lado, o representante da Famup acredita que os direitos já adquiridos pelos servidores atuais não devem ser retirados. "Todos que tem seus direitos adquiridos, que assim continue. Precisamos modernizar mas não defendemos de forma alguma que ocorra mudanças com os servidores ativos, até porque quem entrou, entrou sabendo o que deveria ser cumprido e os direitos que seriam legais".

// A maioria dos prefeitos pensa dessa forma. Porque precisamos de um Estado mais moderno. Tudo isso contribui para que as políticas públicas possam funcionar, e o serviço público tenha competência. Os servidores que estão lá precisam se lembrar que estão servindo à sociedade //

TABAJARA
NOS JOGOS PARALÍMPICOS
TOKYO 2020

COBERTURA

DE DOMINGO A DOMINGO
FM 105,5 | AM 1.110

BOLETIM PARALÍMPICO
1ª edição:
Jornal Estadual

MOMENTO PARALÍMPICO
3 momentos
durante a programação

2ª edição:
Fala Paraíba

MARKETING EPC

FOTO: RICHARD BOOTH

Novo Código Eleitoral prevê quarentena para juízes e PMs

Em tramitação na Câmara, o projeto pode barrar a candidatura de Sérgio Moro à Presidência da República, em 2022

Camila Turtelli
Agência Estado

A proposta de um novo Código Eleitoral em tramitação na Câmara dos Deputados incluiu na última hora um dispositivo que pode barrar eventual candidatura do ex-juiz Sérgio Moro à Presidência da República e de centenas de militares com ambições eleitorais em 2022. O texto prevê a exigência de uma quarentena de cinco anos para que militares, policiais, juízes e promotores possam concorrer às eleições.

A regra foi incluída no texto da deputada Margarete Coelho (PP-PI), relatora do novo projeto da reforma eleitoral, esta semana, e vinha sendo debatida nos bastidores do Congresso. O plenário da Casa pretendia votar a possibilidade de o texto ser tratado em regime de urgência ainda na noite de ontem. Na prática, isso permite que o projeto possa ser submetido à votação direta pelo plenário a qualquer momento, sem ter de passar por comissões. Basta que o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), pautar o tema. A expectativa dos deputados é de que isso ocorra na próxima semana.

Caso o projeto seja aprovado sem alterações nos plenários da Câmara e do Senado e sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro até outubro deste ano, o caminho para as eleições de 2022 estará fechado para militares, policiais, juízes e promotores. As últimas eleições foram marcadas por um avanço nas candidaturas de representantes das Forças Armadas, magistratura, Ministério Público e polícias.

A aprovação do texto de 371 páginas e mais de 900 artigos é uma promessa de campanha de Lira. O projeto reúne todas as regras atuais que definem o funcionamento dos partidos e do sistema eleitoral, para unificar tudo em uma redação única. Para isso, a proposta revoga todos os artigos e demais leis relacionadas às eleições.

Margarete disse ter acolhido pedidos de várias siglas e ter usado como referência textos que já tramitavam na Câmara.

A nova versão do Código Eleitoral determina que são inelegíveis servidores integrantes das guardas municipais, das Polícias Federal, Rodoviária Federal e Ferroviária Federal, polícias civis, magistrados e membros do Ministério Público que não tenham se afastado definitivamente de seus cargos e funções até cinco anos anteriores ao pleito. Margarete excluiu da regra aqueles servidores que já possuem mandato.

Para Walber Agra, professor livre-docente da USP e membro da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep), o prazo de vedação para as candidaturas é razoável. "É uma forma de garantir uma neutralidade não apenas fictícia, mas pragmática ao Poder Judiciário. Com o prazo de cinco anos para poder disputar as eleições, magistrados e membros do Ministério Público irão refletir de forma mais abalizada se devem entrar na luta política ou não. Isto porque a sociedade perde quando há uma politização do Judiciário e ele começa a se imiscuir em questões políticas."

O Podemos, partido que busca ser abrigo para uma eventual candidatura de Moro, reagiu à inclusão da quarentena. Em nota, afirmou que "repudia a manobra na legislação a toque de caixa para aprovar um dispositivo que iguala juízes, magistrados e policiais aos fichas-sujas".

"Alterar o Código Eleitoral, estabelecendo uma quarentena de cinco anos, é tentativa clara de atingir Sérgio Moro, cuja candidatura não passa, por enquanto, de um desejo dos brasileiros e de partidos, como o Podemos. Mesmo que aprovada, a lei não poderia retroagir. Portanto, são inúteis os esforços para impedir uma possível candidatura de Sérgio Moro", diz o comunicado assinado pela presidente do partido, Renata Abreu.



Foto: Agência Brasil

Pausa de cinco anos para que militares, policiais, juízes e promotores possam se candidatar foi incluída de última hora no projeto do novo Código Eleitoral



Proposta proíbe a divulgação de pesquisas

Outro ponto polêmico do texto diz respeito à realização de pesquisas eleitorais. A proposta proíbe a divulgação desses levantamentos no dia e na véspera das disputas, sob o argumento de que isso poderia ter efeitos sobre o voto do eleitor no momento mais próximo de sua decisão. Para críticos ao texto, trata-se de um tipo de censura que afeta o acesso à informação que sempre esteve presente nos pleitos no país, desde a redemocratização.

A proposição também muda as regras atuais sobre como os partidos, que recebem dinheiro público, devem prestar contas à Justiça Eleitoral. Atualmente, existe um sistema criado especialmente para isso no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o Sistema de Prestação de Contas Anual (SPCA).

O novo projeto, no entanto, altera essa divulgação e passa a

prever que a apresentação dos documentos seja feita por meio do sistema da Receita Federal. Também reduz o prazo da Justiça Eleitoral para a análise da prestação de contas dos partidos, de cinco para dois anos, "sob pena de extinção do processo". Na prática, se a Justiça não conseguir concluir a análise em até dois anos, a verificação pode não mais ser feita. Caso o partido venha a ter suas contas reprovadas pelo TSE, sua punição passa a ter um teto de R\$ 30 mil. Hoje, a multa pode ser de até 20% do valor apontado como irregular.

As propostas polêmicas suscitaram mais críticas, porque podem limitar a atuação do TSE, além de diminuir a transparência e a fiscalização de partidos no uso dos recursos públicos, entre outros pontos. A deputada Margarete Coelho, no entanto, disse que as novas regras devem agilizar a análise de contas

dos partidos. Ela também negou restrições ao TSE. "O projeto oferece mais segurança jurídica ao tribunal e aos próprios eleitores, delimitando o campo de atuação da justiça eleitoral".

Fundo partidário

Outra mudança diz respeito ao uso dos recursos do fundo partidário, uma espécie de "mesada" de dinheiro público para a manutenção das legendas. O projeto libera o uso da verba do fundo para a compra de bens móveis e imóveis, além de "gastos de interesse partidário, conforme deliberação da executiva do partido".

O texto determina ainda que sejam contados em dobro os votos dados a candidaturas de mulheres e negros para a Câmara, para efeitos de distribuição do dinheiro do Fundo Partidário e do fundo eleitoral.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

De como o Cão Canjiquinha salvou minha crônica

É aquela velha história do cronista em estado de "branco", o resenhista sem assunto, catando aqui e ali uma frase, uma ideia, uma sugestão para iniciar o trabalho. Uma brechinha de luz que dê inspiração suficiente para atrair a atenção do leitor, e olhe que isso hoje em dia é quase impossível nesses tempos de celular à mão, a tecnologia comunicacional com suas plataformas e conteúdos inesgotáveis. Quase ninguém lê o cronista de jornal impresso, vencidos que estamos sendo pelos blogs, as correntes de e-mail e as redes sociais. A crônica, no entanto, sobrevive nesse ambiente eletrônico. Adaptou-se, como fez o cordel brasileiro que passou do formato tradicional impresso para os suportes digitais, sem deixar de levar a xilogravura, estampa que é uma espécie de design desse gênero.

Resta sublinhar as vozes e imagens da internet, notável por manter aquele padrão de jornalismo de estagiário, precário e, o mais das vezes, preconceituoso. E ridículo, sempre. O que rolou nesta semana, além das ações desastrosas e canhestras do "comandante" das forças supérfluas, vale destaque para o quesito "aborto gospel" a fala de um tal pastor Tupirani da Hora Lores, da Igreja Pentecostal Geração Jesus Cristo, no Rio de Janeiro. O jornal O Globo publicou reportagem sobre rajada de

verbalismo intolerante do tal pastor. Racismo e homofobia no seu estágio mais sórdido. O discurso de Lores foi feito em resposta ao pedido de desculpas da pregadora Karla Cordeiro, a Kakau, da Igreja Sara Nossa Terra. Ela havia dito para os fiéis pararem de "ficar postando coisa de gente preta, de gay". Após a repercussão do vídeo e da abertura de um inquérito policial, Kakau publicou uma nota de retratação. O pastor Tupirani respondeu à pregadora: "Sabe o que você é, Karla Cordeiro? Você é uma puta, uma prostituta, seu pastor deve ser um veado e a sua igreja toda é uma igreja de prostitutas. Vocês não são evangélicos. Malditos sejam vocês, que a garganta de vocês apodreça por terem ousado tocar no nome de Jesus, raça de putas e piranhas, é isso que vocês são. A igreja de Jesus Cristo não levanta placa de filho da puta negro nenhum, não levanta placa de filho da puta de veado. A igreja de Jesus Cristo só levanta a sua própria placa".

Peço a indulgência dos meus raros leitores por transcrever tamanha sujidade, mas é que fiquei com uma exasperação dos diabos diante da agressividade do pastor e porque precisei mesmo preencher espaço vazio nesta crônica sem entusiasmo e pobre de ideia. Lamentável, ambos os fatos: minha pouca inspiração e a manifestação

de penúria moral desse pastor protestante. A sensação é de estarmos encurralados por uma horda de insanos e aleijados morais sem nenhum escrúpulo, todos enfeitados com medalhas, cruces, bandeiras verde-amarelas, tanques, canhões, carrões, insígnias e estandartes da idade média, "pelas ruas marchando indecisos cordões".

Faço um personagem no programa de humor chamado "Rádio Barata", o Cão Canjiquinha, um diabo perdido no meio de um inferno esculhambado, repleto de gente burra, sem a mínima noção da realidade que o cerca. O Cão Canjiquinha faz parte dessa possessão coletiva de forças do mal travestidas de cristãos, patriotas e salvadores de uma suposta pátria, cujo território farpado é insensatamente defendido por cães de guarda sem cérebro. Meu temor: ter que vestir uma camisa verde-amarela no dia 7 de setembro como salvo conduto. Terreno minado da cidadania manchada de segregacionismo.

O Cão Canjiquinha perdeu a paciência com a vil humanidade e passou a ter um comportamento antissocial. Chegou a ignorar a higiene bucal para adquirir mau hálito e caprichar no fedor de enxofre com ingestão generosa de alho e cebola. Lidar com essa realidade estranha não é tarefa simples. Nem mesmo para o Filho das Trevas. Trauteando toada do cantor Botika, Canjiquinha avisa para a família cristã: "Alguém vai sair machucado daqui".

Tecnologia identifica riscos à saúde mental do trabalhador

Plataformas criadas recentemente conseguem avaliar condições psicológicas do corpo colaborador da empresa

Ludimila Honorato
Agência Estado

Se falar de saúde mental na sociedade ainda é um tabu, no ambiente de trabalho é um assunto que pode estar atrelado ao medo. Embora as empresas estejam mais atentas ao assunto, uma reportagem do Estadão mostrou que os funcionários ainda têm receio de comunicar problemas às lideranças com medo de mostrar vulnerabilidade.

“A saúde mental tem chamado a atenção das empresas na pandemia por estar alinhada com objetivos globais. Hoje, tem se falado em sustentabilidade dos negócios atrelada a questões ambientais, mas sustentabilidade também está relacionada à saúde emocional dos colaboradores, que vai garantir o sucesso do negócio”, diz a psicóloga Ana Carolina Peuker.

Apesar disso, ela afirma que os riscos psicossociais do trabalho ainda não são muito difundidos. Esses fatores são definidos pela probabilidade de o trabalhador sofrer danos psicológicos, associados ou não a prejuízos físicos, devido à exposição a uma situação de trabalho que represente risco. Pode ser desde a segurança (alguém que exerce atividades perigosas), passando pela saúde, condições do emprego e relações entre colegas.

Se de um lado há líderes e empresas ainda aprendendo a lidar com a saúde mental e, do outro, funcionários que evitam expressar o que sentem, a tecnologia pode ajudar. A startup Bee Touch, fundada

por Peuker e pelo cientista da computação Felipe Scuciatto, desenvolve soluções tecnológicas que auxiliam empresas e profissionais a cuidarem do bem-estar.

“A grande vantagem que a tecnologia traz é atuar de maneira preditiva, antecipar potenciais riscos de adoecimento mental e permitir o diagnóstico da raiz dos problemas”, ela diz. Uma das inovações da empresa é a plataforma Avax Psi, que realiza avaliações psicológicas a partir da ciência de dados para identificar riscos psicossociais no trabalho.

A psicóloga destaca que o recurso difere dos demais inteligências artificiais que identificam sintomas, o que ela considera uma abordagem reativa, de atuar nos casos já adoecidos. O produto foi desenvolvido para empresas e pode ser customizado de acordo com a realidade e a necessidade de cada local, uma vez que alguns riscos e estresses são inerentes a determinadas profissões. Além de indicadores de saúde e segurança ocupacional, a ferramenta aborda questões individuais, história pregressa e atual.

“A gente avalia doença mental, histórico familiar, desempenho cognitivo, como a pessoa está do ponto de vista de atenção. A plataforma tem testes psicológicos e tudo depende da função que ela desempenha”, explica Peuker.

A metodologia segue três aspectos preconizados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT): organiza-



Foto: Pixabay

Ferramenta que pode ser acessada gratuitamente pela internet mede nível de estresse com base em estudos científicos

ção, conteúdo e contexto do trabalho. Todas as questões são avaliadas por meio de um formulário respondido anonimamente pelos funcionários da empresa. Uma tabela reúne os resultados em gráficos para que o gestor tenha uma visão

analítica do cenário. A startup também envia um relatório técnico com a análise dos pontos críticos e um plano de ação para cada um deles. Com isso, é possível trabalhar com ciclos de melhoria contínua dentro do ambiente de trabalho.

Outra ferramenta desenvolvida pela Bee Touch, acessível de forma gratuita pela internet, é o Estressômetro, que avalia o nível de estresse com base em estudos científicos (<https://www.estressometro.com.br/>). Como as doenças da

mente ainda são alvo de estigma social, a ideia foi criar um recurso mais lúdico, necessário para favorecer a adesão.

“Decidimos criar esse termômetro como forma de mostrar a importância da identificação e monitoramento das fontes de estresse para que as pessoas busquem ajuda”, explica Peuker. A ferramenta também pode ser usada por empresas com possibilidade de adaptações conforme a realidade de cada uma.

O teste pede ao usuário que informe a frequência, no último mês, com que se sentiu chateado por algo inesperado, incapaz de controlar coisas importantes ou sentiu confiança para enfrentar problemas. Há também uma lista de fatores para assinalar, que podem ser fonte de estresse: trabalho, saúde, dinheiro, preconceito, sono e clima político. “O estressômetro é para a pessoa ter experiência de automonitorar a sintomatologia de estresse. Não adianta saber que está estressado sem saber a causa.”

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

IA é usada para analisar pessoas

Horas extras de trabalho, reuniões consecutivas e tempo subaproveitado em atividades podem ser avaliados, a princípio, para fins de gestão laboral. Entender rotinas e monitorá-las ajuda gestores a evitar riscos trabalhistas, por exemplo. Foi para isso que a FhincK desenvolveu uma inteligência artificial que, instalada no computador, traduz tempos e movimentos em dados.

Com ela, é possível saber se o funcionário trabalhou a mais, fez pausa de almoço ou se está perdendo tempo em tarefas. Na pandemia, a empresa identificou, na base de 17 clientes, um aumento de 12% na jornada média de trabalho, além de risco de 27% no aumento de casos de burnout em cargos sênior e de liderança. Também cresceu 17% a mistura de rotinas entre trabalho e atividades pessoais. Por outro lado, foi percebido incremento de foco em 22% no home office.

“Ao longo do tempo, começamos a ver que a ferramenta não só olhava para processos, mas também o quanto os dados eram poderosos no sentido de análise de pessoas. Acabamos evoluindo o olhar e, por meio dos dados, entendendo melhor os hábitos”, explica Paulo Castello, fundador da startup.

Mais do que entender habilidades técnicas - como saber quem conhece mais atalhos em determinado programa -, a ferramenta identifica comportamentos que, em excesso, são nocivos para a saúde física e mental, principalmente ao considerar o home office. O programa é adaptado de acordo com a empresa e a função que a pessoa exerce, apontando início da jornada, pausa do almoço e encerramento.

“Você imagina que a pessoa que sai para almoçar para de mexer no

computador por pelo menos uma hora, mas às vezes tem ausência de pausa, que também é um indicador. A pessoa pode dizer que está almoçando, mas está trabalhando com o prato na mão”, ilustra Castello. O CEO da empresa reconhece que o software é limitado, porque foi desenvolvido para rotinas de escritório, ou seja, pode não identificar riscos em quem trabalha predominantemente fora do computador.

Ele reforça, porém, que os dados são complementares, não substitutos. Uma vez que a ferramenta também entende o perfil de cada grupo de trabalhadores, é possível analisar os detalhes. Na própria FhincK, a equipe de programadores foi identificada com o perfil ‘desenvolvedor’. De uma semana para outra, passaram a ser ‘comunicadores’, porque estavam passando mais tempo em plataformas de reunião do que programando.

“A inteligência artificial ajuda a trazer uma consistência maior para você poder tomar decisão, vai trazer mais elementos de informação”, afirma. Os dados são anônimos para gestores, o que impede a sensação de microgerenciamento e vigilância do trabalho e mesmo que o computador seja usado para trabalho e atividades pessoais, é possível fazer uma separação, com usuários diferentes.

No entanto, algumas informações nominais podem ser compartilhadas apenas com o setor de recursos humanos da empresa ou de TI para melhoria de processos. Exemplo: saber que um computador está sempre travando com determinado usuário e oferecer estratégias customizadas de acordo com o perfil do funcionário, como treinamentos.



ELEIÇÕES SINDICAIS

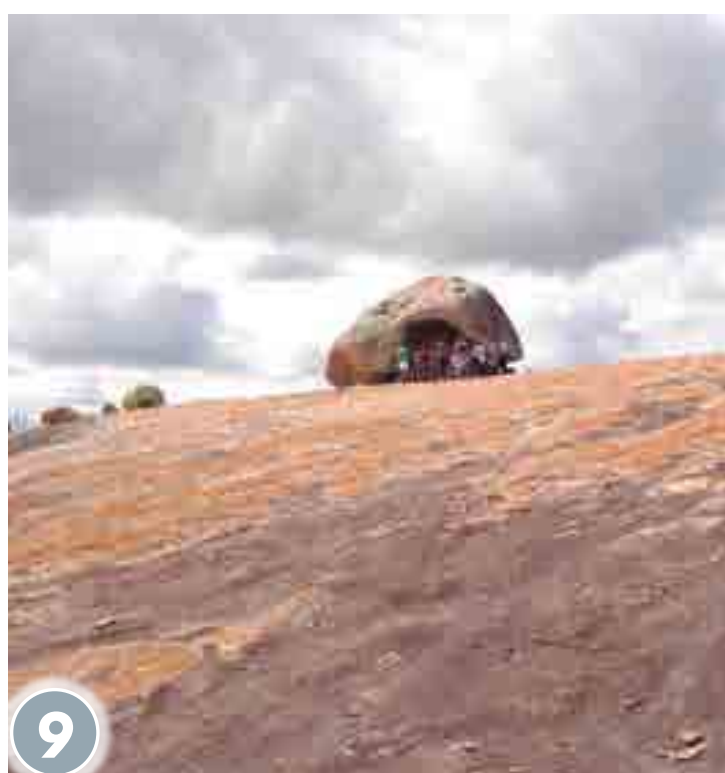
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital, faço saber que, no dia 15 (quinze) de outubro de 2021, no horário das 08 às 17 horas, na sede deste Sindicato, à rua Professor Álvaro de Carvalho, 248, Tambauzinho, João Pessoa – PB, serão realizadas as eleições para composição da DIRETORIA, CONSELHO FISCAL E DELEGADOS REPRESENTANTES, bem como de suplentes, conforme Art. 43º do Estatuto do Sindicato, ficando aberto o prazo para o registro de chapas, que correrá a contar da data de publicação deste EDITAL, nos termos do Art. 9º do Regulamento Eleitoral, e encerrar-se-á no dia 24 (vinte quatro) de setembro de 2021. O requerimento, acompanhado de toda a documentação exigida para o registro de chapas, será dirigido ao Presidente da Entidade e assinado pelo candidato a Presidente. A Secretaria da Entidade funcionará, no período destinado ao registro da chapa, no horário das 08 às 17 horas, de segunda a sexta, onde se encontrará à disposição dos interessados pessoa habilitada a prestar informações concernentes ao processo eleitoral, recebimento de documentação e fornecimento do correspondente recibo. Conforme o regimento eleitoral, caso não seja alcançado quórum mínimo de votação em primeira convocação, as eleições, em segunda e última convocação, serão realizadas no dia 19 de outubro de 2021 com qualquer número de associados.

João Pessoa, 29 de agosto de 2021.

WAGNER ANTÔNIO ALEXANDRE BRECKENFELD

Presidente em exercício do SINDUSCON-JP



1 Ruth Avelino, Fuba, Arlete Avelar, Adriana Palmeira, Josemberg Lima, Cláudia Dias, Isabele Trigueiro, Adenilson Maia, Gigi Rolim, Pastora Carneiro, Marcos Weric, Maria Helena Rangel e Rômulo Soares são os aniversariantes da semana.

2 Na manhã de ontem, os autores Juca Pontes, Hildeberto Barbosa, Irani Medeiros e eu lançamos livros no Sol das Letras, projeto idealizado pelo diretor-presidente da Funjope, Marcus Alves (foto).

3 O médico paraibano Aurílio Estrela, sempre ao lado da esposa, Kely Senna Estrela, curtindo merecido descanso em Campos do Jordão, espetacular destino turístico localizado na Serra da Mantiqueira, de São Paulo.

4 Ana Maria Lins (foto), a primeira-dama do nosso Estado e presidente de honra do Programa do Artesanato da Paraíba, foi homenageada com a Medalha ao Mérito Coronel Elísio Sobreira, a mais alta comenda da Polícia Militar da Paraíba. Na mesma solenidade, Ana Maria recebeu a Medalha por Serviços Distintos, pelo Corpo de Bombeiros Militares.

5 A orla do bairro do Cabo Branco, em nossa Capital, vai receber a Casa FIEP, um espaço que, segundo o presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, Buega Gadelha, na foto ao lado do jornalista Abelardo Jurema, vai fomentar o desenvolvimento econômico da região.

6 O McDia Feliz, ação realizada pela rede de restaurantes McDonald's, vai acontecer em todo o Brasil no dia 23 de outubro. Na data, toda a renda gerada com as vendas de Big Mac será revertida para os Institutos Ronald McDonald e Ayrton Senna. Na Paraíba, a Associação Donos do Amanhã é a instituição beneficiada e a TV Tambaú/SBT é parceira do McDia Feliz há 16 anos.

7 A professora da UFPB, Julianne Teixeira (na foto, com o presidente da API, jornalista João Pinto) está dando excelente suporte na organização do Arquivo e Museu da Imprensa Wills Leal, espaço cultural que será inaugurado no dia 31 deste mês, e está localizado no primeiro andar da Associação que representa a imprensa paraibana.

8 Com o avanço das vacinas contra a covid-19, o réveillon, o Fest Verão e outros shows, com artistas locais e nacionais já são temas de reuniões realizadas na gestão municipal. Paralamas do Sucesso (foto), Capital Inicial e Biquíni Cavado são exemplos de bandas previstas para se apresentarem em 2022.

9 O Complexo Fazenda Pai Mateus, composta pelo lajedo milenar, Fazenda com 1.700 hectares, hotel com 30 chalés, açudes e mata de caatinga, está a venda. O valor? R\$ 20 milhões.

10 O RioMar Casa, evento de arquitetura e decoração, está sendo realizado no Piso L3 do Shopping RioMar, no Bairro do Pina, no Recife. Um dos destaques da mostra é a Adega da Entrevinhos, em 30m2, que tem serviço à disposição do público. O arrojado projeto tem a assinatura do designer de interiores Tony Pedrosa.



Crédito bancário impulsiona o estudo universitário no Estado

Apenas no BNB, o número de operações chegou a 153 no primeiro semestre, com investimentos que somam R\$ 600 mil

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O estímulo ao acesso às universidades faz parte da carta de produtos dos bancos em todo o país. Este ano, na Paraíba, apenas o Banco do Nordeste (BNB) realizou 153 operações de crédito estudantil. A estimativa divulgada pela assessoria de comunicação do banco é que aproximadamente de R\$ 600 mil tenham sido aplicados nestas operações.

Até 30 de setembro, o BNB está em fase de habilitação das Instituições de Ensino Superior (IES) que pretendem disponibilizar aos alunos, recursos do Programa de Financiamento Estudantil (P-Fies). Para o credenciamento, elas devem entrar em contato com a Superintendência do BNB na Paraíba para firmar um Acordo de Cooperação Técnica e Financeira.

Para serem habilitadas, as universidades/faculdades devem obedecer a critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC). No entanto, conforme a assessoria do BNB, os alunos podem solicitar o financiamento com as instituições que já possuem convênios efetuados.

Instituições

Na Paraíba, são quatro entidades conveniadas, uma delas é a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras cujo financiamento está disponível para os cursos de ciências da computação, ciências contábeis, direito, educação física, filosofia, marketing e serviço social.

O Centro Universitário (Unifacisa) em Campina Grande também possui convênio para os cursos de administração, arquitetura e urbanismo, ciências aeronáuticas, direito, educação física (bacharelado e licenciatura), enfermagem, engenharia civil, farmácia, fisioterapia, jogos digitais, medicina, medicina veterinária, nutrição, odontologia, psicologia e sistemas de informação.

A terceira é a Faculdade Reinaldo Ramos, também em Cam-

pina Grande, que financia as graduações em comunicação social e direito. Por último, o Centro Universitário de Patos (Unifip) financiando os cursos de análise e desenvolvimento de sistemas, arquitetura e urbanismo, biomedicina, direito, educação física (bacharelado), enfermagem, engenharia civil, farmácia, fisioterapia, medicina veterinária, nutrição, odontologia, psicologia e radiologia.

Investimento

O Banco do Nordeste aplicou mais de R\$ 10,4 milhões em operações de financiamento estudantil em 2021, nas suas Universidades conveniadas pelo país. Para serem habilitadas, as instituições de ensino superior do Nordeste, norte de Minas Gerais e do Espírito Santo, devem entrar em contato com a superintendência do BNB do seu Estado para realizar ou atualizar o cadastro.

Serão habilitadas IES com conceito maior ou igual a três no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Após cadastramento e análise dos dados, essas entidades tornam-se aptas a firmarem termos de cooperação técnica e financeira para a oferta de crédito aos alunos para custear cursos de graduação.

O banco operacionaliza o Programa de Financiamento Estudantil (FNE P-Fies) através da oferta de financiamentos destinados ao desenvolvimento do setor produtivo da região que atua. São oito estados brasileiros com instituições conveniadas: Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

O FNE P-Fies é destinado à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores e de educação profissional, técnica e tecnológica de instituições privadas e com avaliação positiva do MEC. A linha de crédito foi criada em junho de 2018 e desde então, o Banco do Nordeste já aplicou mais de R\$ 25,9 milhões em financiamento estudantil.



Foto: Freepik

Na Paraíba, quatro instituições de ensino superior possuem credenciamento do BNB para receber financiamento estudantil



Iniciativa visa o desenvolvimento da Paraíba

Os recursos destinados aos estudantes são do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), cujo objetivo é contribuir com o desenvolvimento da região. Desta forma, o P-FIES permite custear 100% da mensalidade e tem um prazo de pagamento de até três vezes o tempo de permanência do estudante na condição de financiado, tendo como referência o período regular de duração do curso.

Ele pode ser solicitado em qualquer época do ano e o valor da parcela mensal é de 35% da mensalidade, acrescido de juros do semestre ao longo da graduação. O pagamento das parcelas é mensal e em conta-corrente, no qual é possível depositar o dinheiro mensalmente para que o banco faça o débito.

A solicitação do financiamento, cadastro e abertura de conta-corrente ocorre de forma digital.

A operação não tem carência, ou seja, a partir do segundo mês de financiamento, o aluno começa a pagar as prestações. Após a conclusão do curso, o saldo devedor total será pago em parcelas mensais no prazo correspondente a duas vezes o tempo que o aluno permaneceu na condição de financiado.

Para solicitar o financiamento estudantil, os interessados devem estar matriculados em instituições de ensino conveniadas e precisam ter participado de pelo menos uma edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a partir de 2010, e obtido média das notas igual ou superior a 450 pontos e maior que zero na redação.

Também devem possuir renda ou ser dependente financeiro de pessoa com cadastro ativo no BNB. Não é necessário ir até uma agência para fazer a solicitação já que a requisição é feita no portal (www.bnb.gov.br/financiamento-estudantil).

Passo a passo para a contratação de crédito

- O estudante deve primeiro fazer a solicitação pelo site em um cadastro digital do estudante e avalista(s).

- O BNB fará a pré-análise dos cadastros em relação ao atendimento das regras de negócio para o curso escolhido. Esta fase ocorre de forma automática e se as normas forem atendidas, o aluno deve ir à sua instituição de ensino para fazer a matrícula e receber o Documento de Regularidade de Inscrição (DRI).

- O DRI é enviado pela IE de forma automática para o BNB. Com isso, o banco faz a abertura de conta e o contrato de financiamento. Depois, o aluno apresenta a documentação ao banco para assinar o crédito e, por último, com a operação já contratada, serão liberados os recursos pelo BNB para as universidades.

- A documentação exigida para o aluno é identificação, CPF, comprovante de endereço, comprovante de renda ou declaração de dependência financeira, certidão de casamento (se tiver) e DRI.

- O avalista/responsável financeiro deve apresentar identificação, CPF, comprovante de endereço, certidão de casamento (caso tenha) e comprovante de renda. Caso ocorra alguma inconsistência nos documentos analisados, a proposta de financiamento pode ser cancelada.

Opinião

Ale Boiani

Fundadora e Sócia do 360iGroup | Colaboração

Como ficam os financiamentos e consórcios com a alta da Selic?

Quando fazemos um financiamento imobiliário estamos adquirindo um compromisso de longo prazo e a juros compostos. Com o recente aumento da taxa Selic, que teve a quarta alta apenas este ano, a tendência é que os financiamentos fiquem ainda mais caros. Segundo o Banco Central, as taxas médias do crédito imobiliário estão em torno de 7,5% ao ano, isto diante da realidade da Selic a 5,25%. Se considerarmos a estimativa de alta da taxa para 8% até o final do ano, e um spread de taxa médio de 40% (diferença entre a taxa Selic e os juros cobrados pelo banco no financiamento), voltaremos a ter taxas de financiamento em dois dígitos: acima de 11%.

A modalidade mais utilizada nos financiamentos imobiliários é a SAC (Sistema de Amortização Constante). No valor da mensalidade, está contido os juros mais o valor de amortização da dívida. Ao financiar por um longo prazo, que é o que acontece nos financiamentos imobiliários, a amortização inicial nos dá a sensação de que a dívida não está diminuindo, e isto acontece porque os juros são sobre o saldo

devedor integral, e ele acaba sendo boa parte da composição da parcela. Em um financiamento de R\$ 500 mil, por exemplo, se considerarmos uma taxa de juros mensal de 0,7%, R\$ 3.500 é apenas correspondente a juros. Ou seja, se a parcela do financiamento paga pela pessoa é de R\$ 5 mil, apenas R\$ 1.500 está sendo reduzida da dívida.

Neste exemplo, se considerarmos um prazo de 20 anos de financiamento, o valor total que o investidor terá pago será próximo do dobro do valor financiado, e existem algumas formas de reduzir estes juros, todas elas ligadas à antecipação de pagamentos para a redução do saldo devedor e consequentemente dos juros.

Existem produtos no mercado que podem facilitar esta transição e ajudar na criação e constituição de patrimônio. Um deles que é muito utilizado é o consórcio. Por ter uma taxa fixa pelo prazo integral, diferente dos juros compostos do financiamento, esta opção oferece um custo e taxa de juros bastante reduzidos. Se considerarmos um consórcio com uma taxa total de 20% (somando seguro de vida, fundo de reserva e custos administrativos), ao invés de pagar o

dobro do valor, o pagamento seria 20% a mais. Ou seja, ao invés do pagamento total ser R\$ 1 milhão, passaria a ser correspondente a R\$ 600 mil.

Quando o investidor compra um imóvel na planta - durante o período de construção, ele não paga juros do financiamento, mas sim o INCC (Índice Nacional da Construção Civil). Em 2020, este índice estava próximo a 0,26% mensais, já em 2021 teve um crescimento importante - e tem oscilado entre 0,9% e 1%. O consórcio só pode ser utilizado para quitação do imóvel quando este já foi para a fase do financiamento, o que acontece na entrega de chaves. É importante que o investidor some a parcela do consórcio com a parcela do financiamento até o momento da contemplação (disponibilidade do valor da carta de crédito para fazer a quitação).

Vale lembrar que enquanto no financiamento a parcela para R\$ 500 mil deve ser próxima de R\$ 5 mil, no consórcio para este mesmo valor a parcela é próxima de R\$ 2 mil. Também é importante citar que o consórcio não é considerado um produto de investimento, pois o valor que se paga para obter o crédito é maior do

que o crédito em si - que se utilizado de maneira estratégica pode fazer muito sentido.

Além de utilizar com o intuito de substituir o financiamento - o que pode ser feito no meio do caminho a qualquer momento - também pode ser utilizado para manter liquidez (disponibilidade de capital investido). Uma pessoa que tem o valor para comprar o imóvel à vista pode manter o dinheiro investido e com os juros recebidos pagar a parcela do consórcio, fazendo com que o patrimônio acumulado aumente, pois além de ter o imóvel, continua tendo o valor em dinheiro. O consórcio também tem um seguro de vida que quita a dívida em caso de falecimento, garantindo que o patrimônio realmente se mantenha.

Em resumo, para quem está pensando em comprar o primeiro imóvel, o mercado ainda tem oportunidades com taxas de juros baixas, e sendo bem orientado e pensando de forma estratégica na hora de fazer um planejamento financeiro, pode ser um bom momento para pensar em consórcios, já que a taxa negociada perdurará por todo o período do contrato, te dando segurança e tranquilidade.

Número de carros elétricos aumenta 2.500% no Estado

Em cinco anos, a quantidade de veículos movidos à eletricidade ou híbridos passou de 25 para 653 na Paraíba

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Carro elétrico não é novidade, porém, se aproxima cada vez mais o tempo em que os carros movidos à combustão serão totalmente substituídos. Na Paraíba, os carros elétricos ganharam força nos últimos cinco anos. De 2017 para 2021, o número de carros exclusivamente elétricos e híbridos, que ainda usam parte do processo de locomoção por combustível fóssil, passou de 25 para 653, um crescimento de 2.512% no período.

Alguns países já estabeleceram datas para proibição da venda e circulação de carros que emitem o dióxido de carbono (CO₂). No Brasil, o debate já acontece no Congresso Federal por meio de três projetos de lei (PL) que estabelecem regras para a comercialização de carros elétricos no país, sendo o mais recente o PL 5332/20, que prevê a proibição de venda de carros movidos a gasolina e diesel a partir de 2030. Embora o número de carros movidos à eletricidade tenha crescido, os espaços de recarga dos carros ainda são raros e os veículos, em si, não são vendidos a preços muito convidativos.

Em João Pessoa, a cidade que possui a maior frota de veículos do Estado, só há dois postos de recarga para carros elétricos, um no estacionamento da loja Ferreira Costa e um disponível na garagem do LS Hotel. Existe também a possibilidade para quem é dono de um carro elétrico recarregar o veículo em um carregador portátil, que pode ser instalado em casa, como conta José Carneiro, diretor de relações institucional da Família Carneiro.

“Você consegue 100% da recarga nesta estação com oito horas de recarga. Há também a unidade de recarga rápida que você usa em uma tomada normal, neste caso, a recarga é bem mais lenta, porque a amperagem é menor e vai demorar de 12 a 13 horas para ter 100% da carga. Mas seria bom que tivéssemos outras estruturas”, relata.

José Carneiro conta que, apesar do preço do carro elétrico ainda ser muito alto em relação ao valor de mercado dos chamados carros convencionais, sobretudo devido aos impostos de importação, uma vez que os carros elétricos ainda não são produzidos no Brasil, quem decide comprar um carro movido à eletricidade considera outros fatores na aquisição.

“Quem compra um carro elétrico compra por um conceito, um estilo de vida, uma experimentação, a oportunidade de dirigir um carro que é diferente, e realmente é diferente. Porque ele faz geralmente a regeneração da força através do freio, transforma aquilo em energia, tem um jeito particular de dirigir. Enfim, é um conceito diferente”, explica José Carneiro.

Benefícios

O professor Euler Macedo, doutor em Engenharia Elétrica pela UFCG e professor do Departamento de Engenharia Elétrica da UFPB, comenta entre os benefícios do uso do carro elétrico estão a autonomia, com veículos que conseguem fazer em torno de 400



Foto: Marcus Antonius

João Pessoa possui a maior frota de veículos totalmente elétricos ou híbridos da Paraíba e conta com dois postos de recarga para atender a demanda, que vem crescendo anualmente

km com uma única carga de energia, mais econômico se comparado aos veículos movidos a diesel, a manutenção que é mais barata, porque deixa de existir várias peças mecânicas que compõem hoje o carro de combustão interna, além da questão ecológica, por não emitir CO₂ na atmosfera.

Porém, o professor da UFPB alerta que a crescente demanda precisa ser acompanhada por uma

melhoria da estrutura física nas cidades brasileiras. “A gente tem ainda algumas necessidades de adequação, principalmente no que tange a questão do abastecimento, é necessário, sim, fazer tanto um estudo, quanto a aplicação de sistemas de carregamento da rede elétrica para poder fazer com que essa frota, uma vez que ela seja substituída, tenha possibilidade de ser recarregada”, comenta.

“Ainda não há datas aqui no Brasil e, se for para projetar, 2030 é pouco tempo para fazer a migração de forma mais assertiva. Existe sempre um processo de transição”

Euler Macedo

Doutor em Engenharia Elétrica pela UFCG

Foto: Arquivo pessoal

Brasil está atrasado em abandonar o combustível fóssil

Sobre o PL 5332/20, que prevê a proibição da venda de carros movidos à combustão, Euler Macedo considera um tempo muito curto para que haja uma transição satisfatória e planejada dos carros movidos a combustíveis fósseis para os movidos à eletricidade. A maioria dos países desenvolvidos já iniciaram o processo de transição, por isso estabeleceram datas possíveis, o que não é o caso do Brasil.

“Ainda não há datas aqui no Brasil e se for para projetar 2030, é pouco tempo para fazer essa migração de forma mais assertiva. Existe sempre um processo de transição, os

países começam fazendo a substituição dos ônibus, ou carros com maior índice de poluição, como os carros a diesel. Eles fazem essa substituição da frota por etapas e com ônibus e caminhões e na sequência migram para os veículos do usuário final”, avaliou.

Muito embora o país passe por recorrentes crises energéticas, a maioria delas causadas pelo fato do Brasil ter nas hidroelétricas sua principal matriz de energia elétrica - que, por sua vez, depende de períodos chuvosos a contento -, a visível crescente do uso de carros elétricos não deve impactar a demanda atual por

eletricidade.

Um estudo desenvolvido pela empresa privada que comercializa energia elétrica, CPFL Energia, em parceria com o CPQD, Unicamp e Daimon, intitulado Emotive Mobilidade Elétrica, indicou que, ainda que a demanda aumente, o atual sistema de energia elétrica brasileiro daria conta do recado sem precisar de maiores investimentos no aumento da produção energética.

De acordo com o estudo, até 2030 os veículos elétricos no Brasil devem representar algo em torno de 3.8% da frota total, incluindo os veículos exclusivamente elétricos e

os híbridos. Segundo a CPFL, considerando a participação dos veículos elétricos entre 4% e 10% da frota, o acréscimo no consumo de energia ficaria entre 0.6% e 1.6%, neste caso, essa carga adicional poderia ser absorvida pela capacidade do sistema elétrico atual.

Entretanto, por se tratar de um problema histórico, por conta da principal matriz energética ser proveniente de hidroelétricas e pelo país lidar com a falta de chuvas que abastecem os rios usados para gerar energia, especialistas defendem um fomento a outros tipos de energias, tais como as alternativas: solar e eólica.

Paraíba reforça investimento em energias alternativas

O secretário executivo de Estado da Energia, Robson Barbosa, analisa que a saída para o Brasil é o investimento em energias alternativas. Na Paraíba, por exemplo, já foi feito um atlas indicando as principais fontes de recurso para instalação de parques de energia eólica e, neste ano, será feito o atlas voltado para a energia solar. Robson Barbosa explica que os estudos são fundamentais para que a Paraíba se coloque entre os

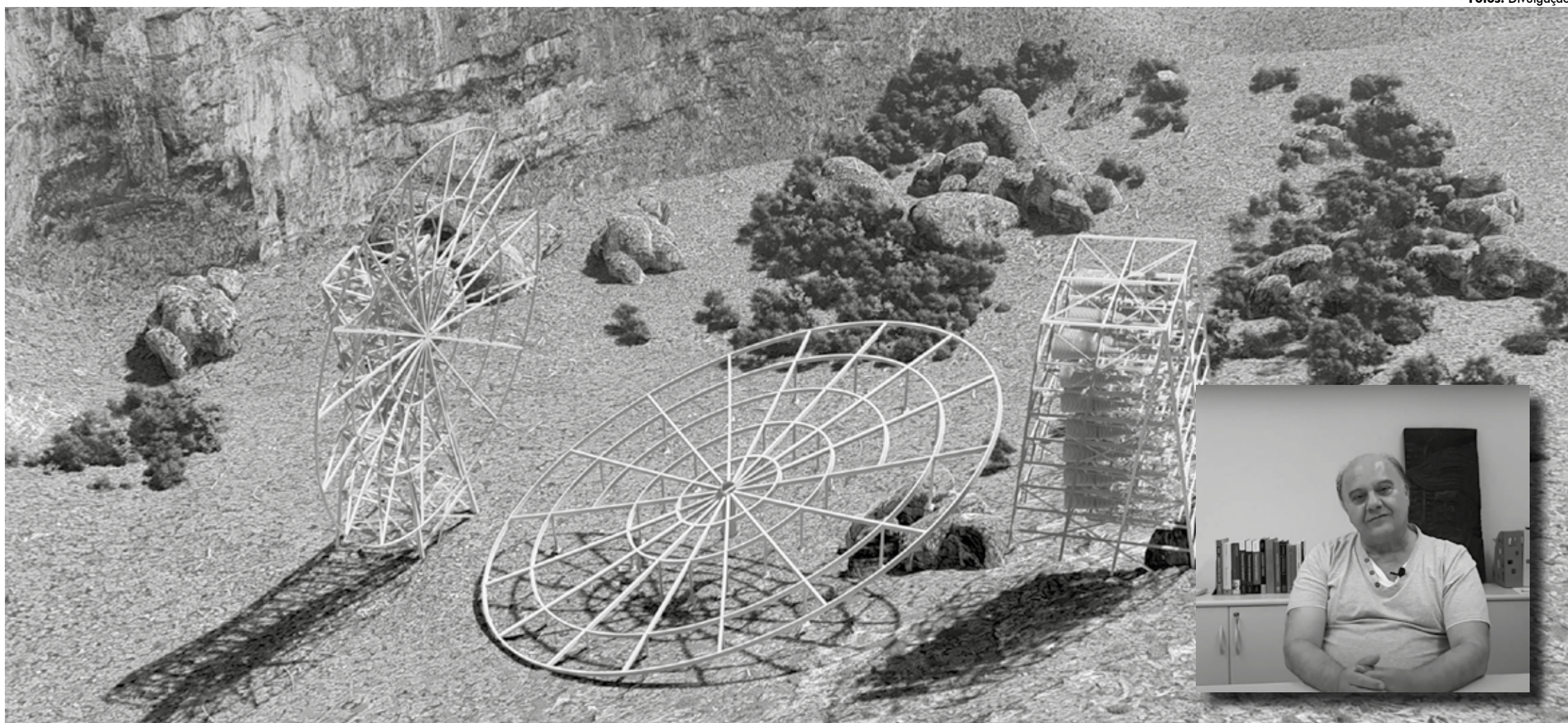
estados com grande potencial de energias alternativas.

“A Paraíba está bem posicionada, tem um recurso que é competitivo, em todo o Estado tem malha asfaltada. Nós temos todos os benefícios fiscais que os demais estados têm, equipamentos para energia solar e eólica são isentos de ICMS, temos disponibilidade de terra e recursos energéticos. Por esse motivo a Paraíba está aumentando o grau de empreendimentos

dessa natureza”, explicou.

Ainda é necessário que haja investimento na transmissão da energia, instalação de linhas que conectem as usinas produtoras de energia solar e eólica ao sistema nacional. Porém, esse tipo de investimento depende essencialmente da iniciativa privada. Robson Barbosa comenta que a energia produzida por um estado não é necessariamente para o uso do estado, ela é integrada ao sistema e usada em todo país.

“Nós temos um atlas eólico que mostra onde os recursos são melhores e em setembro deste ano estamos licitando o atlas solar. O objetivo é colocar a Paraíba na rota internacional, ficar acessível para investidores no mundo todo quais são as áreas mais indicadas para fazer parques de energia solar. CPFL. Panorama da energia renovável. Temos tudo que os outros estados têm, a Paraíba é muito competitiva”, concluiu.



O Bingo ficará instalado no município de Aguiar, uma zona livre de ondas eletromagnéticas, e será fonte de conhecimento científico para pesquisas internacionais; o professor Elcio Abdalla (no detalhe) é coordenador geral do projeto

Projeto do radiotelescópio Bingo já tem R\$ 14 milhões garantidos

Equipamento será erguido no Sertão da Paraíba e deve proporcionar o desenvolvimento de setores como turismo e educação

Márcia Dementshuk
assessoria da SEC&T

O Governo da Paraíba estuda possibilidades de apoio ao projeto que resultará na construção do radiotelescópio Bingo, uma grande colaboração científica internacional, liderada por cientistas brasileiros.

O radiotelescópio será erguido na região serrana do município de Aguiar, no Sertão da Paraíba, por ser uma zona livre de ondas eletromagnéticas (geradas pela transmissão de sinais de telefones móveis, televisão via satélite, e outros). Algumas etapas do projeto já estão em andamento, mas o equipamento principal será um observatório da proporção de um grande estádio de futebol como o Maracanã que irá identificar elementos no cosmos a partir da frequência que emitem.

O Bingo, acrônimo em inglês para "Oscilações Acústicas Bariônicas em Observações Integradas de Gás Neutro", será fonte de conhecimento científico para pesquisas internacionais e também vai proporcionar o desenvolvimento de diversos setores na Paraíba como o turismo, a educação para jovens, a tecnologia, entre outros.

Para o coordenador geral da colaboração Bingo, o professor doutor Elcio Abdalla, do Instituto de Física da USP, o apoio do Estado da Paraíba é decisivo: "Estamos precisando nesse momento de um apoio efetivo, um 'sim final' para o projeto: a certeza de que podemos proceder na construção e antever um início efetivo científico das observações. Com o que já preparamos, podemos dizer que em meados de 2022, nós estaremos com um proje-

to em mãos e provavelmente em agosto teremos as primeiras observações já sendo analisadas."

O calendário para a instalação do equipamento sofreu atrasos, mas Abdalla considera a complexidade dos trabalhos e a situação atual: "Eu não conheço outro projeto (científico) que esteja pronto dentro da previsão. E nós perdemos dois anos, efetivamente, por causa da pandemia".

A colaboração Bingo tem como maior financiador a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo que já garantiu recursos da ordem de R\$ 12 milhões, além de parcerias menores provenientes através do MCTI, pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), pelo Governo da Paraíba através da Fapesq, e pela Universidade Yangzhou, da China, totalizando R\$ 14 milhões.

Projeto é gerenciado por brasileiros

Um dos méritos do Bingo é ser o primeiro grande projeto gerido preponderantemente por brasileiros, com colaboração internacional. O Brasil participa de grandes projetos em outros países, e a astronomia brasileira é avançada, com pesquisadores relevantes. O grupo gestor, de sete pessoas, tem um pesquisador da China e os outros seis são brasileiros.

"Temos entre 70 e 100 pessoas no projeto", informa Elcio Abdalla. "Setenta são físicos ou astrônomos; depois, temos engenheiros, outros interessados em aspectos educacionais que chegam a 100 pessoas. A colaboração internacional é dinâmica. O grupo chinês é formado por cerca de 25 pessoas e os outros da Inglaterra, França, Alemanha, Portugal, África do Sul e Suíça, são menores.

Elcio Abdalla já trabalhou como pesquisador e professor visitante na China, na Inglaterra, na Alemanha, Itália, Suíça, locais onde firmou relacionamento científico com pesquisadores de ponta. A colaboração com estudiosos chineses ocorre há mais de 20 anos, quando Elcio e outro colega chinês trabalhavam com problemas de cosmologia, como a estrutura do setor escuro:

"Houve um interesse por parte da Universidade de Manchester de construção de uma contrapartida observacional desta teoria que nós fazemos. Manchester é onde foram construídos os primeiros radares durante a Segunda Guerra Mundial; lá está o Jodrell Bank, com uma contribuição histórica, que também é um local distante, com um museu local, onde está um observatório de radioastronomia. No início, foi uma colaboração UPS/Manchester. Essa colaboração cresceu, eles colocavam aspectos tecnológicos, mas também não dominavam a construção das cornetas, iniciaram de maneira que não daria certo posteriormente. A construção foi refeita no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o INPE. Foi quando o INPE, em São José dos Campos, entrou no projeto."

"Havia uma proposta de construção do radiotelescópio no Uruguai, não deu certo; no final, tomei uma decisão praticamente unilateral minha, para trazer fisicamente para o Brasil e felizmente encontramos na Paraíba o local apropriado, tanto do ponto de vista físico quanto acadêmico e a colaboração foi crescendo."



Conhecimento sobre energia escura

"Eu estou alegremente exaustão", disse o professor da USP, Elcio Abdalla, liderança em pesquisas de física teórica, reconhecido internacionalmente. A alegria vem das conquistas e a exaustão, naturalmente, pelo trabalho. "Quem faz ciência e tecnologia, não faz por oportunidade de negócio, ou para ter um emprego. O cientista está interessado no seu projeto, porque é um projeto de vida". O radiotelescópio Bingo ocupa essa posição entre as prioridades do professor.

Se estivesse aposentado, Elcio Abdalla receberia a mesma remuneração com a qual vive atualmente, como professor titular no Instituto de Física, na USP. Mas a dúvida existencial persistiria: "Quais são as nossas origens?"

"Eu trabalho desde o início dos anos 2000 com o setor escuro do universo. O encontro com essa parte observacional ocorreu por volta de 2010, 2011, como junções de visões que são as minhas e dos ingleses", explica.

O que é o chamado setor escuro do universo?

"Há mais de 30 anos sabemos que o universo tem uma parte visível; essa parte visível somos

nós, moléculas, elementos, o hidrogênio, o hélio... Os elementos conhecidos da tabela periódica constituem 5% aproximadamente do universo."

"Quando observamos uma estrela brilhando, sabemos mais ou menos o que está ali: hidrogênio virando hélio, hélio virando elementos mais pesados... o que vai resultar no ferro..."

"E cadê os outros 95%? São a parte escura do universo. Que exista, não há dúvida. A pergunta é, o que ela é?"

"Há modelos simplificados dizendo que essa parte escura será simplesmente uma pequena constante, um líquido transparente, mas isso não condiz com as teorias que temos, que queremos unificar em teorias maiores."

"Existe a possibilidade de essa parte escura ter uma estrutura e aí vem a pergunta:

Essa estrutura forma uma complexidade? (E agora vou falar bem baixinho, por causa da polêmica: forma "vida", alguma coisa que seja alguma contrapartida do que nós existimos?)"

"Essa é uma pergunta transcendente que leva ao projeto."

Ciência de grandes resultados

A ciência se desenvolve em vários aspectos, seja de alta competência, artesanal, seja de vanguarda, ou de retaguarda. A Big Science é uma ciência de grandes projetos, que querem grandes resultados. Um pesquisador sozinho não consegue transmitir esse conjunto de aspectos que um projeto de big science alcança. O Bingo quer vários grandes resultados:

Saber sobre a estrutura do universo, de distribuição de massa.

Saber o que é a parte escura do universo (95% do universo é desconhecido).

Saber o que são as rajadas rápidas de rádio que correspondem a uma aniquilação total de mil trilhões de qui-

logramas de matéria em energia pura, corresponde a três dias de sol sobre todo o horizonte solar.

A big science está ligada com a produção tecnológica, com patentes a seres concedidas. O Bingo tem projetos técnicos, subjacentes ao projeto total, que serão consequência.

Formação de pessoal que sabe lidar com big data, uma contribuição para a sociedade.

No aspecto educacional, a big science consegue colocar para a população o que é essencial hoje, em vista da pandemia, em vista do posicionamento anti-ciência de vários grupos.



Monitorados pelo Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho, da Fundação Mamíferos Aquáticos, Mel e Puã são criaturas resgatados pelos pesquisadores em situação de encalhe e, posteriormente, libertados e reinseridos na natureza

As aventuras de Mel e Puã

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

Quem costuma frequentar as praias de Lucena e Cabedelo, Litoral Norte da Paraíba, pode até se deparar com Mel e Puã, os peixes-bois marinhos que têm “dado o ar da graça” e chamado a atenção dos banhistas. Reinseridos na natureza há cerca de 11 anos, possuem histórico semelhante: encalharam, foram resgatados, reabilitados e, ao atingirem tamanho, peso e condições de saúde apropriadas, foram soltos; nos últimos anos, têm aparecido com mais frequência à costa e surpreendido os visitantes.

Na Paraíba, os cuidados ficaram por conta da Fundação Mamíferos Aquáticos e APA (Área de Proteção Ambiental) da Barra do Rio Mamanguape/ICMBio. “A Mel encalhou em 2004, no Ceará, foi resgatada e transferida para o centro de reabilitação do Centro Mamíferos Aquáticos/ICMBio, situado em Itamaracá/PE, onde foi mantida em reabilitação até 2008. O Puã tem um histórico semelhante, porém, encalhou no Rio Grande do Norte. Foi transferido para a Paraíba na mesma ocasião da Mel e solto em 2010”, detalha João Carlos Gomes Borges, coordenador do Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho.

Riscos

A preocupação, desde a soltura, diz respeito à saúde e integridade física dos animais, que têm aparecido com frequência nas praias de Cabedelo, famosa pelo fluxo intenso de embarcações motorizadas. João Carlos, que é também pesquisador e médico veterinário, conta sobre os riscos que os animais têm corrido e aproveita para pedir à população que esteja atenta e colabore com o projeto. “Pedimos aos condutores que se atentem às regulamentações de navegação, de velocidade e,

Os dois animais encalharam, foram resgatados e, ao atingirem tamanho, peso e saúde ideais, foram reinseridos à natureza

Peixes-bois resgatados e reinseridos na natureza há onze anos costumam “dar o ar da graça” nas praias do Litoral Norte, surpreendendo banhistas; animais são monitorados por projeto sediado em Barra de Mamanguape



Foto: Enrico Marcovaldi/Acervo FMA

A dupla tem visitado as praias do Litoral Norte, surpreendendo banhistas; pesquisadores alertam para a necessidade de cuidados com a segurança dos animais

SAIBA MAIS SOBRE ESSES ANIMAIS

- Peixes-bois atingem até quatro metros de comprimento e chegam a pesar 800 quilogramas mas, apesar do tamanho, esses mamíferos aquáticos herbívoros são bastante dóceis. Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), foram a caça, a pesca predatória e a ocupação costeira desordenada que colocaram esses animais na categoria de “espécie em perigo crítico de extinção”.
- Como os peixes-bois são mamíferos, respiram ar, têm sangue quente e produzem leite. Como os outros sirênios, se adaptou totalmente à vida aquática, sem membros posteriores. Em vez de membros posteriores, têm uma pá parecida com uma espátula para propulsão na água. Evoluíram com corpos aerodinâmicos sem abas externas nas orelhas, diminuindo assim a resistência no ambiente aquático. A cobertura de pelagem é esparsamente distribuída pelo corpo, o que pode desempenhar um papel na redução do acúmulo de algas em sua pele espessa
- A estimativa é que, no mundo, existam aproximadamente 130 mil animais. No Brasil, segundo informações atuais, a população está distribuída, de forma descontínua, do Estado de Alagoas até o Amapá. Além disso, atualmente, existe um espécime que foi reintroduzido no Estado de Alagoas e deslocou-se para o Estado de Sergipe, apresentando eventuais deslocamentos até o início do Litoral Norte da Bahia.

COMO AGIR

- Ao encontrar um peixe-boi marinho, apenas admire-o de longe. Não toque, não alimente, não forneça bebida. A aproximação, o toque e a oferta de alimentos podem causar uma dependência desses animais a estas ocasiões e trazer dificuldades para a adaptação deles à vida livre. Além disso, existem doenças que podem ser vinculadas a estes contatos, tanto das pessoas para os peixes-bois como vice-versa. Os peixes-bois são herbívoros, alimentam-se de vegetação aquática presente no mar, no mangue e nos estuários. Os alimentos ofertados pelos humanos não fazem parte da sua dieta. Ademais, determinadas tentativas de interação podem importunar e/ou machucar os animais.

no caso, de acionamento dos motores, verificar antes se os animais estão no entorno da embarcação”. Depois de solta, Mel foi ferida gravemente na cabeça e precisou passar por novo tratamento, por isso, a preocupação da equipe, que

segue monitorando a dupla. Hoje, além de Mel e Puã, mais três peixes-bois são monitorados. “A Zelinha, que fica muito no entorno de Coqueirinho do Norte, próximo ao Rio Mamanguape; a Lara, que aparece muito pouco porque já é

mais selvagem; e Xuxu, que fica mais no Litoral Sul, ali nas imediações de Acaú”.

Em 1996, os primeiros animais foram levados ao cativeiro de readaptação e, desde então, pelo menos 14 foram reinseridos no Litoral do Estado. “Alguns, infeliz-

mente, por razões diversas, morreram, outros se deslocaram e utilizam o Litoral de outros estados como Pernambuco e Rio Grande do Norte e acabaram, em algumas situações, perdendo os equipamentos, não sendo monitorados todos os dias”.

Trabalho de preservação

É no belo cenário de Barra de Mamanguape, zona rural do município de Rio Tinto, que o Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho, da Fundação Mamíferos Aquáticos, atua desde 2013, mas bem antes disso esses animais já eram protegidos aqui no Estado. Ainda em 1980, quando o Projeto Peixe-Boi foi lançado em todo o país, foi instalada a primeira base na Paraíba. “Desde então, o Estado tem feito esforços de conservação voltados para os peixes-bois marinhos, considerando várias iniciativas, além do Viva o Peixe-Boi Marinho, enquanto Fundação Mamíferos Aquáticos. Entre essas iniciativas têm também a APA do Rio Mamanguape e o Centro Mamíferos Aquáticos”, pontua João Carlos. O trabalho, desenvolvido por equipe multidisciplinar que envolve veterinários, biólogos, ecólogos, oceanógrafos, turismólogos, entre outros profissionais, tem o objetivo de evitar a extinção do peixe-boi na região Nordeste do Brasil.

É para atingir o objetivo, uma verdadeira força-tarefa se debruça na missão, que tem dado certo. O projeto trabalha estratégias diversas, que passam pelo desenvolvimento de pesquisa e tecnologia, além de ações nas esferas da educação ambiental, sustentabilidade, desenvolvimento comunitário, fomento ao turismo eco pedagógico, políticas públicas, promoção da cidadania e inclusão social na Paraíba, e também em Pernambuco, Sergipe e Bahia, áreas de ocorrência da espécie e onde o projeto possui unidades de apoio.

Mas é preciso que todos tenham consciência da importância de preservar a espécie, que é dócil e, por isso, costuma se aproximar de pessoas e embarcações. Para isso, o Projeto Viva Peixe-Boi dá algumas orientações de como agir ao encontrar um desses animais. Essas e outras informações sobre a espécie estão no site.vivaopeixe-boimarinho.org.



Foto: joesmarphotopress

MATHEUS E HULK

DOIS PARAIBANOS

ARRETADOS!

Craques brilham no futebol do Brasil e no exterior, podendo estar juntos na Copa do Mundo de 2022

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Não é de hoje que a Paraíba exporta atletas que se tornam grandes estrelas internacionais do futebol, e o mais curioso é que a maioria desses jogadores nunca jogou como profissional nos grandes clubes do Estado. Quem não se lembra de Mazinho, de Santa Rita, que jogou no Vasco da Gama, no futebol espanhol e na Seleção Brasileira, onde conquistou o tetracampeonato em 1994 e a medalha de prata nos Jogos de Seul em 1988. Júnior, de João Pessoa, que brilhou no Flamengo, na Seleção e no futebol italiano, sem falar em Marcelinho Paraíba, ídolo na Alemanha, nos seus aureos tempos, e até Douglas Santos, ouro na Rio-2016 e que segue no futebol russo. Atualmente, dois atletas da terra estão entre as estrelas do futebol mundial e, provavelmente, vão estar na Copa do Mundo do Catar, no próximo ano: o jovem Matheus Cunha e o veterano Hulk.

Esta semana, Matheus Cunha, que fez muito sucesso no Herta Berlim da Alemanha e que conquistou recentemente a medalha de ouro nas Olimpíadas de Tóquio, se transferiu para o Atlé-

tico de Madri, numa transação milionária, 30 milhões de euros (R\$ 190 milhões), e foi recebido no futebol espanhol com pompa de grande artilheiro.

Matheus começou a sua carreira no futsal do Esporte Clube Cabo Branco. Aos 11 anos, foi treinar no CT do Barão, em Recife. Ele foi chamado para fazer um teste no Santos e foi reprovado, voltando para Recife. Em 2013 foi para o sub-15 do Coritiba e, anos depois, participou da Copa São Paulo de Futebol Junior pelo Coxa, em 2017. Após isso, foi participar de um torneio nos Estados Unidos, quando despertou o interesse do Sion da Suíça. Lá, ele fez muito sucesso, marcando 10 gols em 33 jogos.

Em 2018, ele se transferiu para o RB Leipzig da Alemanha, onde fez um golazo que concorreu ao prêmio Puskas, contra o Bayern Leverkusen. Ele foi vendido ao Herta Berlim, onde também brilhou marcando gols decisivos, que chamaram a atenção do Atlético de Madrid, clube atual do jogador. Matheus foi convocado recentemente para a Seleção Brasileira principal e vai defender o Brasil nas eliminatórias para a Copa do Mundo do

Catar. A expectativa é que ele consiga o mesmo sucesso que alcançou na Seleção Sub-23, onde foi sempre artilheiro.

Hulk

Ao contrário de Matheus, outro craque paraibano está fazendo o caminho inverso, voltando ao Brasil. O veterano Hulk se transferiu para o Atlético-MG, onde tem sido o destaque do time, e mesmo aos 34 anos, está sendo cotado para voltar à Seleção Brasileira. Ele jogou pela seleção na Copa do Mundo do Brasil. Hulk também conquistou uma medalha olímpica, só que de prata, nas Olimpíadas de Londres, em 2012.

A história de Givanildo Vieira de Sousa começou na escolinha de futebol de Mano, em Campina Grande. O seu primeiro técnico disse que mesmo aos 11 anos, ele já mostrava que seria um atleta diferenciado. Quando o pai já não podia mais pagar a escolinha, Mano assumiu a responsabilidade e bancou o Hulk, como já era chamado, por causa de seu amor

pelo personagem do Incrível Hulk, desde garotinho.

Ele sempre dizia que tinha a força do Hulk e teve mesmo, ao vencer na vida, por um caminho bem difícil. Com uma passagem pelo Serrano, Hulk se transferiu para o Vitória, onde se tornou profissional ganhando um salário de R\$ 500,00 e na oportunidade, disse para a mãe, que estava rico. Depois de fazer muito sucesso, o atleta foi negociado para o futebol japonês, onde jogou durante três temporadas.

Em 2018, Hulk se transferiu para o Porto de Portugal. Lá foi o melhor jogador da Liga Portuguesa e fez muitos gols. Em 2012, o paraibano se transferiu para o Zenit da Rússia, na maior transação do futebol português de todos os tempos. O valor da negociação foi 60 milhões de euros, algo em torno de R\$ 153 milhões.

Após o sucesso na Rússia, o jogador chamou a atenção do milionário futebol chinês e acabou se transferindo para o Shanghai SIPG, onde jogou por 5 temporadas. Aos 34 anos, Hulk entendeu que era hora de voltar ao Brasil, de onde saiu há 17 anos. O jogador acertou com o Atlético-MG, onde vem se destacando e com grandes chances de voltar à Seleção Brasileira.

Hulk fez história no futebol internacional em Portugal, na Rússia e na China. Agora brilha no Atlético Mineiro



Foto: Divulgação/CBF

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Matheus Cunha já jogou na Suíça e na Alemanha e agora chega a Espanha. Na Seleção Olímpica, ganhou o ouro



O Atlético Mineiro, do paraibano Hulk, tenta ampliar a sua liderança no Brasileirão, hoje, diante do Bragantino, no interior paulista

Bragantino encara líder do Brasileirão em São Paulo

Jogo contra o Atlético Mineiro, às 20h30, no Estádio Nabi Abi Chedid, é o mais esperado da rodada de hoje

Da Redação

O jogo mais esperado deste domingo pelo Campeonato Brasileiro da Série A está programado para o Estádio Nabi Abi Chedid, a partir das 20h30, quando o Bragantino, quarto colocado, irá enfrentar o líder Atlético Mineiro pela 18ª rodada. O time paulista faz uma excelente campanha na competição com 31 pontos, fruto de oito vitórias e sete empates, além de duas derrotas. O Galo continua sendo o time a ser batido com 37 pontos e há várias rodadas sem conhecer derrota, além da boa campanha na Libertadores e Copa do Brasil.

O time comandado por Cuca jogou duas vezes esta semana, uma pelo Brasileiro, na segunda-feira, quando empatou em 1 a 1 com o Fluminense, e na última quinta-feira, diante do mesmo adversário, mas pela Copa do Brasil, na vitória por 2 a 1, com os jogos sendo disputados no Rio de Janeiro. Já o Bragantino, comandado pelo jovem Mauricio Barbieri, vem de uma vitória fora de casa por 2 a 0 em cima do América Mineiro.

Mais três jogos vão acontecer hoje e um deles começa bem mais cedo, no Estádio da Independência, quando América recebe o Ceará, a partir das 11 horas. O time mineiro ocupa zona de rebaixamento, enquanto o seu adversário, que empatou com o Flamengo, na rodada passada em 1 a 1,

aparece na oitava posição, graças ao bom trabalho do técnico Guto Ferreira.

No Sul do país, em Caxias do Sul, o Juventude recebe o São Paulo, a partir das 16 horas, equipes na parte de baixo da tabela, mais próximas da zona de rebaixamento.

A outra partida do domingo será no Estádio Antônio Accioly, em Goiás, entre Atlético e Internacional, às 18h15. O time goiano é o sétimo colocado, enquanto o Inter está em décimo. A rodada terá o seu complemento amanhã com mais dois jogos. O Fluminense enfrenta o Bahia, no Maracanã, às 19 horas. As duas equipes vêm de derrotas. Fechando a rodada de número 18, o Fortaleza recebe o Cuiabá, na Arena Castelão, às 21h30.

Segunda Divisão

O Vasco tem a grande oportunidade de se reabilitar no Brasileiro da Série B, hoje, em São Januário, às 16h, quando terá pela frente a Ponte Preta. A equipe paulista vive uma grande crise por conta dos salários atrasados, não muito diferente da situação do cruz-maltino que enfrenta sérios problemas de ordem financeira. Com 28 pontos, o Vasco está na décima primeira posição e a Ponte tem 22 em décimo quinto. A rodada ainda prevê mais dois jogos, um nos Aflietos, entre Náutico e Vitória, e outro no Rei Pelé, envolvendo o CRB e Cruzeiro, os dois começando às 16 horas.



O Atlético de Goiás joga contra o Internacional, em casa, enquanto o Bahia terá pela frente o Fluminense na rodada de número 18



Após perder em casa para o Floresta, o Botafogo tenta hoje a recuperação contra o Altos, em Teresina

Foto: Reprodução/TVtorcedor

Botafogo busca reabilitação hoje contra o Altos, no Piauí

Belo joga para se manter no G4 do Campeonato Brasileiro da Série C no Estádio Albertão, a partir das 16 horas

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a derrota inesperada, em casa, para o Floresta, o Botafogo tenta hoje a recuperação contra o Altos, em partida válida pela 14ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série C. O jogo está programado para as 16 horas, no Estádio Albertão, em Teresina-PI. Os dois clubes estão em situações diferentes na tabela de classificação. Enquanto o Belo é o segundo colocado com 21 pontos, o Altos está na oitava posição com apenas 14 pontos. A arbitragem da

partida será de um trio carioca, comandado pelo árbitro Felipe da Silva Gonçalves Paludo, e os assistentes serão Wallace Muller Barros Santos e Thiago Gomes Magalhães.

O técnico do Botafogo, Gerson Gusmão, disse, antes do embarque para a capital do Piauí, que o Belo tem apenas um objetivo nessa partida, vencer retornando assim ao topo da tabela.

“Nossa meta é sempre buscar a vitória no próximo jogo. As vezes, não acontece, mas sempre jogamos com esse objetivo e agora não será diferente. Sabemos das dificulda-

des que vamos enfrentar em Teresina, mas vamos tentar repetir a atuação que tivemos contra o próprio Altos, no jogo de ida aqui no Almeidão, quando vencemos”, disse o treinador.

Gerson Gusmão terá um reforço importante para esta partida, o retorno do meia Esquerdinha, que cumpriu suspensão no jogo contra o Floresta. O treinador admitiu que é muito importante a volta do atleta, mas não ver a necessidade de mudar o esquema de jogo, que acabou não funcionando no último jogo.

“A volta de Esquerdinha é mui-

to importante, porque ele já estava encaixado no time que vinha vencendo em casa e conseguindo empates fora. Não vejo motivos para mudança de esquema, por causa de uma derrota. Foi com esse mesmo esquema que vínhamos vencendo e liderando o grupo. Agora, nós treinamos algumas variações que podem ser postas em prática durante a partida, mas eu não posso revelar”, concluiu o treinador.

Uma provável escalação do Botafogo para iniciar o jogo contra o Altos é a seguinte: Lucas, Gabriel Yanno, Daniel Felipe e William Macha-

do; Pablo, Amaral, esquerdinha, Sávio e Gabriel Araújo; Ederson e Juba.

Altos

No Altos, a aproximação da zona de rebaixamento torna o jogo muito importante. A equipe quer aproveitar o fator casa para se distanciar do Z2. O clube vai estreiar os dois reforços contratados esta semana: Rodrigo Andrade, ex-Botafogo, e o volante Ananias, ex-Treze. Por outro lado, o técnico Paulinho Kobayashi terá três desfalques para escalar a equipe titular: Tiaguinho, Wesley e Ray.

Contra o Atlético-CE

Treze disputa o jogo mais importante do ano

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Treze fará hoje o jogo mais importante do ano e que pode definir o calendário do clube para 2022. O Galo vai enfrentar o Atlético Cearense, pela 13ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série D, às 16 horas, no Estádio Amigão em Campina Grande. Caso empate ou perca o jogo, o clube será eliminado da competição e disputará apenas o Campeonato Paraibano no próximo ano. O árbitro central da partida é Rodrigo da Fonseca Silva, de Mato Grosso, auxiliado pelos paraibanos Schumacher Marques Gomes e Kildenn Tadeu Moraes de Lucena.

As duas equipes lutam pela última vaga à segunda fase da competição e o time do Ceará precisa apenas de um empate para garantir a classificação, com uma rodada de antecedência. Ao Galo, resta apenas vencer a partida e a próxima contra o ABC, além de torcer para que o adversário deste domingo tropece diante do Fousa, na última rodada da primeira fase.

Após a derrota contra o Central, que praticamente acabou com as chances de classificação do clube, a semana no Galo foi muito tumultuada com muita cobrança sobre os jogadores que resultou em uma

confusão e agressão entre o goleiro Jefferson e o diretor executivo, Fernando Gáucho. O problema foi tão grave que se tornou um caso de polícia, com direito a um boletim de ocorrência em uma delegacia.

O técnico Wellington Fajardo tentou blindar os jogadores e manter o foco na partida decisiva. Ele disse que enquanto houver chances, o time vai lutar e para reforçar esta tese, a diretoria do clube contratou dois jogadores, que poderão jogar apenas duas partidas pelo Galo, os atacantes Dener, ex-Ipatinga-MG e Núbio Flávio, ex-Floresta-CE. Fernando Gáucho justificou as contratações.

“Esta é uma prova maior que nós não jogamos a toalha. Eu acredito que a classificação é possível e o clube está trazendo dois reforços de peso para o restante da competição. Não iríamos fazer isto, se não tivéssemos motivados e acreditando que vamos passar para a próxima fase”, disse.

Os dois jogadores já vão estreiar provavelmente como titulares. Eles chegaram à Campina Grande na última quarta-feira. O técnico Wellington Fajardo trabalhou a semana inteira para formar um time ofensivo capaz de surpreender o Atlético e tratou de motivar o elenco para o jogo decisivo. Ele não divulgou o time titular que irá começar a partida.



Foto: Cassiano Cavalcanti/Trezefc

A derrota para o Central, na rodada passada, complicou bastante a situação do Treze no Grupo 3 do Campeonato Brasileiro da Série D



Com duas excelentes pistas, esporte cresce na Paraíba

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Depois de um longo período sem pistas de corrida em alto rendimento funcionando na Paraíba, desde 2016, a partir da abertura do Circuito Paladino, no município de Conde e do Autódromo Internacional da Paraíba (AIP), em São Miguel de Taipu, o Estado passou a experimentar um novo momento no automobilismo. Com os dois circuitos funcionando na Região Metropolitana da capital há pouco mais de cinco anos, hoje, já é perceptível um crescimento importante na quantidade de disputas e competições em provas de kart, pódio cup e arrancadas, por exemplo. Esse novo cenário abre caminho para um crescimento, cada vez mais forte, do esporte e para o surgimento de novos talentos.

Almejando receber uma etapa da stock car no próximo ano, o Au-

tódromo Internacional da Paraíba, já é hoje uma das principais pistas do Nordeste. Só no mês de agosto, a pista já recebeu duas etapas do Campeonato Interestadual - Paraíba e Pernambuco -, a Nordeste Drag Racing - provas de arrancada -, além de uma visita do ex-piloto da Fórmula 1, Rubens Barrichello, dando seguimento a uma série de visitas que o circuito vem recebendo, a exemplo de Nelson Piquet e a comitiva da Confederação Brasileira de Automobilismo (CBA) e da própria Federação Internacional de Automobilismo (FIA).

Enquanto isso, o Circuito Paladino, único kartódromo das Américas com certificação da FIA e, por tanto, considerado como a melhor pista dos três continentes, finaliza os últimos detalhes para receber, também no próximo ano, o Campeonato Brasileiro de Kart, disputa que já sediou no ano de sua abertura, em 2016. Além da disputa nacional, a pista será o palco da decisão da Copa do Nordeste, em novembro - competição ocorre em três etapas nos estados de Sergipe, Ceará e na Paraíba. Diante de um cenário com

Crescimento

A visão de crescimento e empolgação com o novo cenário do automobilismo da Paraíba, é compartilhada pelo piloto Léo Barbosa, da Super Fórmula - antiga Fórmula 3 -, principal categoria de veículos monopostos - com apenas um assento, do motorista, tal qual os carros da Fórmula 1 e Indy - do Brasil. Para Léo, de apenas 21 anos, as novas possibilidades abertas no Estado para o crescimento do automobilismo abrem as portas para novos competidores e também patrocinadores, de modo que seja possível, efetivamente, viabilizar carreiras e potenciais que existem e podem vir a surgir nas pistas paraibanas.

“Esse é um momento muito positivo para o automobilismo da Paraíba. Hoje temos a possibilidade de haver uma formação desde muito cedo aqui no Estado e isso faz toda a diferença. Vemos também muitas provas e competições que estão tornando as pistas paraibanas uma grande referência na região e para o Brasil. Minha expectativa é que esse movimento possa fortalecer todos os segmentos e atrair também mais investimentos e patrocínios, pois isso é fundamental para que possamos, realmente, chegar em um novo patamar dentro do automobilismo nacional e, até mesmo, internacional”, explicou Léo Barbosa.

Como começar

Com o crescimento do número de provas e competições de automobilismo no Estado, também surge uma demanda por cursos e escolinhas para novos pilotos. Segundo o instrutor de pilotagem Walter dos Santos, responsável pela GTB



O Autódromo Internacional da Paraíba, em São Miguel de Taipu, tem realizado grandes eventos desde a sua inauguração

Racing - único curso de pilotagem homologado pela FAEP e CBA, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil - esse é um movimento que também tem sido notado e que, na Paraíba, já conta com espaços apropriados para atender aqueles que desejam iniciar no automobilismo, seja como uma atividade esportiva ou até mesmo em busca de uma profissionalização.

“Hoje, aqui na Paraíba, possuí-

mos duas vertentes interessantes para quem quer iniciar no automobilismo. Uma é o kart, categoria que costuma ser a base da maior parte dos grandes pilotos, o outro caminho, é o curso de pilotagem que habilita o aluno para se tornar piloto e poder competir em disputas oficiais. Para iniciar, desde muito cedo, o caminho é o kart, onde vemos crianças começando desde os cinco anos de idade e temos escolas como a do pró-

prio Circuito Paladino. Para os mais velhos, hoje, a GTB Racing, é a única escola de pilotagem do Norte e Nordeste e aqui no Estado, temos categorias de entrada importantes como a Pódio Cup que abre caminho para disputas de turismo e marcas, por exemplo. Nesse sentido, podemos dizer que estamos prontos para formar com qualidade e seguir fomentando o automobilismo, cada vez mais”, explicou Walter dos Santos.

Foto: Reprodução/WhatsApp



Walter dos Santos, instrutor de pilotagem e responsável pela GTB Racing, destaca os caminhos para quem quer seguir no automobilismo



Foto: Isac Almeida

Pesquisa inovadora revela detalhes de povos indígenas na PB

Estudos agora passam a recontar a vida, os costumes e a trajetória de populações da pré-história paraibana

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A pesquisa desenvolvida no Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (Labap), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que levou o professor Juvandi Souza a desvendar que os índios tupis habitaram o Sertão paraibano, a partir de objetos encontrados durante escavações no município de Serra Grande, é inovadora no sentido de proporcionar aos pesquisadores recontarem um pouco da história da pré-história da Paraíba. De forma preliminar, revela muita coisa a respeito do grupo tupi, envolvendo seus rituais fúnebres, sepultamentos em urnas funerárias, peças que eram, inclusive, reutilizadas.

Na primeira parte desta reportagem publicada na edição do último dia 22, o professor Juvandi Souza, que coordena a pesquisa desenvolvida no Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, revelou que há resquícios dos tupis em pelo menos 19 localidades do Brejo, do Agreste e do Sertão paraibanos. Até então, acreditava-se que apenas os tapuias, representados pelos cariris e tarairius, haviam ocupado a região.

Em relação aos objetos encontrados, ele destacou: "A ideia que as pessoas têm é de que haveria uma espécie de fábrica de urna funerária e não é bem assim. Tanto é que nós temos, em nosso laboratório, umas dez urnas tupis e são muito diferentes umas das outras, não existe uma homogeneização", comentou Juvandi Souza.

Isso também mostra que o utensílio que os tupis usavam para depositar os ossos de seus falecidos eram materiais que usavam no dia a dia para guardar água, como se fosse uma espécie de pote, para guardar alimento, bebida. Esses objetos foram descobertos no Sítio Moconha, localizado na zona rural da cidade de Serra Grande, semelhantes a grandes panelas de barro. "O material encontrado aqui se assemelha muito aos materiais tupinícos de outras regiões do Brasil", acrescentou.

Estudo sugere período dos tupis

Ainda não é possível afirmar com precisão o período em que o povo tupi habitou o interior da Paraíba, mas pode ter sido entre 400 e 600 anos antes do momento presente. Na época em que os portugueses chegaram aqui, esse grupo já vivia nessa região. Conforme a pesquisa, os locais que eles habitavam eram áreas abreadas, de altitude mais elevada, que favoreciam maior desenvolvimento humano.

"Sabemos disso graças às atividades comparativas com outras regiões. Nós temos pesquisas do grupo tupi que vivia na região do Araripe, que hoje é o estado do Ceará. Se pegarmos em linha reta, do Araripe até Serra Grande, vai dar menos de 100 quilômetros", explicou Juvandi Souza.

Assim, através de atividade comparativa, observa-se uma grande probabilidade de os tupis terem habitado em Serra Grande, no Sítio Moconha, e nos outros três sítios onde ainda será iniciado o trabalho. "Acreditamos que esse grupo é oriundo de onde hoje é a região do Araripe, onde existiam os tabajaras. Isso, a literatura de época, do período colonial, vai informar".

A partir da datação com carbono 14 ou termoluminescência do material cerâmico, os pesquisadores irão conseguir provar ou refutar. "Por enquanto, trata-se de uma hipótese que a gente está levantando que esse grupo já estava ali no período do contato. Isso, repito, através de estudo comparativo que a gente tem feito com o material do Ceará, do Araripe", ressaltou o pesquisador.



Pintura rupestre identificada em área do Sítio Caxingó, no município de Prata, no interior do Estado da Paraíba



Cemitério Cariri, localizado na região de Caraúbas, ainda será escavado pelas equipes de arqueólogos



Materiais arqueológicos do Sítio Moconha, em Serra Grande

Sepultamentos e a moeda com efígie de Dom Pedro I

Através dos estudos que vêm sendo desenvolvidos dos tupis, foi descoberto que existiam dois tipos de sepultamento: o primário, em que o indivíduo era inumado ao solo, envolvido em esteira de caroá, coberto com pedras. Um ou dois anos depois, o corpo era exumado, limpo e colocado numa urna funerária, um pote de barro. Havia uma nova cerimônia e aquele pote era depositado novamente ao solo.

No Sítio Chã das Laranjeiras, em Pilõezinhos, foram encontradas algumas urnas funerárias com fragmentos de ossos humanos e, numa delas, havia uma moeda de ouro com a efígie de Dom Pedro I. "Claro que alguém pode ter mexido, depositado essa moeda, mas se ela foi colocada no indivíduo quando ele morreu e passou por esse segundo estágio de sepultamento, se a moeda for da época de Dom Pedro I, temos uma data daquele sepultamento", declarou Juvandi Souza.

Esse período teria sido durante a vigência do primeiro império brasileiro, comecinho do século XIX, segunda ou terceira década. Isso, conforme o pesquisador, é o que se chama na arqueologia de datação relativa. Porém, para comprovar que esse material arqueológico de Pilõezinhos é desse período, tem que ir para uma datação carbono 14.

A equipe de pesquisadores não teve acesso à moeda. Juvandi acredita que ela pode ter sido retirada por quem exumou a urna funerária. O restante do material foi resgatado na casa de um morador da cidade. Foi ele quem avisou sobre a existência do achado. "Se tivéssemos conseguido essa moeda lá em Pilõezinhos, seria um show. Na parte de educação patrimonial que a gente realiza, bate-mos muito nessa tecla, para o povo não mexer, não tirar o material do contexto, porque, se mexer, perdemos muitas informações", frisou.

Endocanibalismo foi confirmado em sítio arqueológico

Com atuação, desde a década de 1990, com pesquisas e publicação de artigos e livros relacionados aos estudos pré-históricos no Estado, o pesquisador Juvandi Souza relatou que cada sítio arqueológico onde trabalha revela alguma coisa. Uma das grandes escavações, que chamou a atenção dos pesquisadores, foi na década de 2000, em São Vicente do Seridó.

Ele contou que era um abrigo rochoso dos índios tarairius e foi confirmado que o povo praticava o endocanibalismo. Segundo a literatura holandesa, isso significa que os tarairius não sepultavam seus mortos. "Eles praticavam o endocanibalismo, ou seja, comiam os seus falecidos, o que não deve ser confundido com canibalismo. O que nós temos são provas científicas de que havia a prática de rituais mágicos religiosos, que é diferente e a antropologia explica isso muito bem", ressaltou.

Essa escavação realizada no Sítio Tanque do Capim, em São Vicente do Seridó, foi fantástica na avaliação do pesquisador, porque permitiu a descoberta ainda de fragmentos de ossos humanos calcinados em três graus diferentes de queima - 200, 400 e 600 graus. "Os achados que temos encontrado pelo interior também vão dar uma sacudida na história da pré-história da Paraíba. Lembrando sempre que todo sítio tem sua história, sua contribuição para os estudos da pré-história da nossa região", concluiu.

Arlindo Almeida

Profissionalismo e marca na imprensa paraibana



Ilustração: Tônio

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

No ano de 2006, o jornalismo paraibano se despedia de Arlindo Almeida, vítima de um câncer de pulmão. O jornalista e advogado era conhecido por seu profissionalismo e marcou uma época importante para a imprensa do Estado, em especial no Jornal A União, onde, por mais de uma vez, integrou a equipe.

Os colegas de profissão afirmam que a equipe de reportagem em que ele fez parte atuava com garra e produzia matérias de qualidade e impacto social, saindo na frente de outros jornais diários em diversas reportagens. Natural de Campina Grande, Arlindo iniciou a carreira profissional no próprio Jornal A União.

Entre os profissionais que atuaram na equipe do jornal à época de Arlindo Almeida, estavam Wellington Farias, Edmilson Lucena, José Carlos dos Anjos Wallach, Napoleão Ângelo, Geraldo Varela, Hilton Gouveia, Gisa Veiga, Eloíse Elane, Antônio Barreto Neto, Walter Galvão, Linaldo Guedes, Petrônio Souto, Fernando Moura, Franco Ferreira, além de seu irmão, Agnaldo Almeida, e Naná Garcez, atual diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), à qual está integrado o Jornal A União.

Como chefe de reportagem na redação instalada na Praça 1817, no Centro da capital paraibana, Arlindo era "considerado paciente, um professor para muitos colegas e dedicado às matérias", personalidade que manteve quando se tornou diretor técnico já na sede de A União - Superintendência de Imprensa e Editora, nome do veículo no período em que já estava localizado no Distrito Industrial. E por duas vezes, em 1985 e em 1996, foi editor-geral do periódico.

"Era um ótimo profissional. Na época em que Arlindo trabalhou em A União, o exercício da profissão era mais livre, pois o jornalista estava

em várias funções e não exclusivamente em uma só. Arlindo também era dessa forma", comentou o jornalista Carlos Aranha, com quem Arlindo dividiu a redação por alguns anos.

Em A União, marcou um período de mudanças na comunicação no Estado, conforme explica o jornalista Sílvio Osias, com quem Arlindo trabalhou em dois períodos, sendo a primeira oportunidade entre o final dos anos de 1970 e início da década de 1980. "Agnaldo era meu colega de curso de Jornalismo e Arlindo também. Eu deixei o jornal e fui trabalhar na Secretaria da Comunicação do Estado e, mais tarde, Arlindo foi ser editor do jornal e me chamou para voltar a trabalhar com ele. Aí ele foi para a direção técnica do jornal e continuei trabalhando", conta.

Osias destaca a sua "grande aproximação", tanto com ele quanto com o irmão, pois, na década de 1970, Agnaldo Almeida era o editor-geral e Arlindo era o secretário de redação. Na época, Sílvio Osias fazia crítica de cinema e começou a aprender outras atividades na redação. Foi quando se aproximou ainda mais de Arlindo.

"Fazíamos as páginas juntos, os títulos, enfim. E mais do que isso, ele se tornou um amigo, não só um companheiro de trabalho, mas um amigo, com quem eu tive uma relação muito boa. Em 1985, Arlindo era editor, já me conhecia e via em mim um perfil que coincidia com os projetos dele. Daí, fui para A União novamente", ressaltou.

Sílvio Osias descreve que, naquela época, o grupo de trabalho era "tão interessante e unido" que as dificuldades eram superadas. E Arlindo era um reconhecido personagem desse cenário. "Era um momento de ebulição no jornal. Agnaldo Almeida era editor, e Arlindo Almeida, chefe de redação... Ainda havia Frutuoso Chaves, Martinho Moreira Franco, Walter Galvão, Carlos Aranha, Gonzaga Rodrigues, Lena Guimarães etc. Era um grupo muito diferenciado e, para mim, que era muito jovem, um menino de 20 anos, aquilo foi um aprendizado extraordinário", declarou.

Um dos pioneiros nos primórdios dos sites de notícias

Arlindo também gostava de cinema, música e, ao lado da mesma equipe, nos últimos anos da ditadura militar, período em que não era possível fazer muitas alterações no noticiário, o caderno cultural do periódico foi enriquecido, segundo Sílvio Osias. Ele acrescenta que Arlindo e essas pessoas se envolveram bastante em coberturas importantes da época destinadas principalmente ao Jornal de Domingo (segundo caderno de A União).

O jornalista Werneck Barreto, por sua vez, afirmou que Arlindo sempre é lembrado como um profissional dedicado e com um bom texto. "Ele inclusive ganhou um prêmio da Telpa na época. Ele fez um texto sem sair de casa e ganhou o prêmio. Era aquilo muito capaz. Sempre foi considerado uma ótima pessoa e um amigo leal", pontuou.

Formado também em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Arlindo Almeida, por vários anos, foi correspondente na Paraíba do jornal Estado de São Paulo. Também foi assessor do ex-governador Wilson Braga e atuou na comunicação da Secretaria da Saúde da Paraíba.

Ele também idealizou um portal de notícias, em uma época em que os sites paraibanos ainda estavam "engatinhando". Para isso, contou com a colaboração do filho, Isac Almeida, que caracteriza o pai como uma pessoa exemplar e companheira. "Eu convivi mais com ele, porque eu retornei de Roraima em 1996 e morei com ele em João Pessoa. Sempre o via em casa, com as pessoas da imprensa. A convivência era ótima", lembrou o filho.

Arlindo morreu há

quase 15 anos, na madrugada de uma terça-feira, no dia 19 de setembro de 2006, no Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa. Ele tinha 58 anos. Está sepultado no Cemitério Parque das Acácias, na capital paraibana. Deixou cinco filhos (quatro homens e uma mulher), dez netos e a ex-esposa, Terezinha Gonçalves de Almeida.

Na família, segundo o filho Isac, ficou lembrado como um marido, um pai e avô "animado, além de uma pessoa comunicativa, generosa, tranquila e presente em relação aos filhos". Gostava de festas, de juntar amigos, principalmente jornalistas com quem relembra as histórias do passado.

Também formado em Direito, Arlindo Almeida foi assessor do então governador Wilson Braga e atuou na comunicação da Secretaria da Saúde da Paraíba



Foto: Arquivo A União

Angélica Lúcio



Arlindo Almeida foi correspondente na Paraíba do jornal Estado de São Paulo

angelicallucio@gmail.com

MP 1.045, censura e intimidação: e fora do story, você está bem?

Sem um tanto de piada, a gente não aguenta mesmo o Brasil. A semana que teve memes e milhares de comentários sobre a foto do ex-presidente Lula de sunga (com pernas turbinadas e outro atributo em evidência) também contou com muitos desafios para os jornalistas. Perdemos Nilson Lage, reportagem da Piauí foi censurada e o repórter Pedro Nakamura, do Grupo Matinal Jornalismo, foi vítima de ataques cibernéticos.

Não sei bem como anda a vida de outros profissionais, falo pela minha aldeia. E quando olho para os lados, vejo dezenas e dezenas de colegas à procura de oportunidades no mercado; cada vez mais, também observo jornalistas com emprego, mas numa luta árdua para dar conta dos desafios da profissão.

Não por acaso, muitos (empregados ou não) tiveram de recorrer a terapia e medicação controlada nos últimos meses, para poder continuar em frente. Seguir adiante, aliás, é algo que assusta quando o futuro se mostra prenhe de adversidades.

Intimidação

A tática de expor conversas com jornalistas é uma forma de intimidação cada vez mais frequente no Brasil. No dia 23 deste mês, o repórter Pedro Nakamura, do Grupo Matinal Jornalismo, começou a sofrer ataques cibernéticos após uma reportagem sobre estudos clínicos de proxalutamida, sem supervisão de comitês de ética e com medicamentos importados sem supervisão da Anvisa. O site também sofreu ataques. O profissional foi bombardeado por mensagens ofensivas e ameaças, como a que dizia que ele "merecia ser empalado em praça pública na frente de seus filhos".

Censura

A revista Piauí está proibida de publicar uma reportagem sobre desdobramentos do caso Marcius Melhem, humorista acusado de assediar sexualmente de ao menos oito mulheres. No dia 12 de agosto, a juíza Tula Corrêa de Mello, da 20ª Vara Criminal da Justiça do Rio de Janeiro, acatou pedido de Melhem e determinou "a suspensão, pelo tempo que

durarem as investigações, da publicação de matéria na revista Piauí ou seu respectivo site". A publicação está contestando a decisão judicial que submete a revista à censura.

Luto

A semana foi de grande tristeza para o jornalismo com a partida do jornalista e professor Nilson Lage. Com mais de 50 anos dedicados à profissão, deixou grande legado para todos nós e foi um grande formador de várias gerações de jornalistas. Obrigada por tudo, mestre!

Precarização

O cenário atual é difícil para os jornalistas e deve ficar bem pior, caso a Medida Provisória 1.045 seja aprovada no Senado. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a MP promove desmonte de direitos e prejudica enormemente a classe trabalhadora brasileira. A MP 1.045 liquida jornadas específicas de várias categorias profissionais, incluindo a dos jornalistas, que podem passar a receber menos. Isso

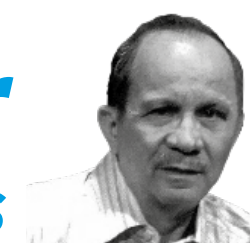


Professor Nilson Lage

porque, caso a matéria seja aprovada pelos senadores, possibilita a ampliação da jornada de trabalho, com redução no pagamento das horas-extras. Na prática, trata-se de uma nova reforma trabalhista, que amplia a precarização do trabalho no país e afeta diretamente os jornalistas.

E fora do story, você está bem?

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A pré-Jovem Guarda - parte II

Tony Campello, sua irmã Celly Campelo e Sérgio Murilo formam a trindade que praticamente "deu o pontapé" inicial e alavancou o movimento que embalou os sons cultivados pela juventude na encantada passagem dos anos de 1950 para os 1960, desaguando no movimento musical cantado e "batizado" como Jovem Guarda. Os dois primeiros foram musicalmente descobertos por Mário Zan, através de quem assinaram o primeiro contrato com a consagrada gravadora Odeon.

Entre nós, é deveras extenso o universo musical dessa época, sendo praticamente impossível uma referência completa aos seus ídolos, razão pela qual nos detemos mais demoradamente na tríade supracitada que nos proporcionou os primeiros contatos com o que, tempos depois, viria a ser o iê-iê-iê, onomatopeia advinda do anglicismo yeah-yeah-yeah, que nos foi passado pelos Beatles, desde um dos seus primeiros hits: 'She Loves You' (Lennon - McCartney, 1963).

Mas o chamado rock brasileiro já havia "sentado praça" por aqui, com a permuta dos violões acústicos pelas guitarras elétricas, dos pianos pelos órgãos eletrônicos (aliás, há notícias, lá pelas bandas dos States, de que Bob Dylan, amante do folk americano, foi severamente criticado quando passou a incorporar a guitarra elétrica em seus sons: estaria renegando a sua formação musical. Mas, aí, já seria outra estória).

Voltando à fase embrionária do rock tupiniquim, em 1959 já havia muita gente fazendo rock por aqui. É que eu fui criado o primeiro programa televisivo dedicado ao som da juventude: 'Crush em Hi-Fi', pela TV Record/SP, e cuja apresentação foi confiada aos irmãos Tony e Celly Campello, essa já sendo cognominada de a "Rainha da Juventude", enquanto o irmão era identificado como um "norte-americano que veio morar em São Paulo" ou como o "Elvis Presley brasileiro". No Rio, é a TV Tupi que dita as cartas. Numa praça e noutra, começam a surgir os conjuntos musicais e vocais que viriam, no início dos anos de 1960, a dominar o cenário nacional da chamada música da juventude: Snakes, de que Erasmo fez parte; The Sputniks, do qual Roberto Carlos participou e convidou Tim Maia, passando depois a fazer parte de Os Terríveis, de Carlos Imperial, grupo de que também participou Carlos Lyra antes de seguir outros rumos musicais (é dessa época a decisão que tomou RC de passar para a incipiente Bossa-Nova, o que, "para honra e glória" da cognominada juventude rebelde não prosperou); The Rebels, que nos daria José Galgardi Jr., depois chamado Gall Jr. e, por fim, conhecido como Prini Lorez, uma espécie de papel carbono de Trini Lopez; os Blue Caps, de Renato Barros, com os irmãos Edson, Paulo César e o primo Carlos Alberto, que já vinham, com a orientação do pai, se apresentando em festas e bailes escolares, desde 1956; Trio Esperança, criação familiar dos irmãos Mário, Regina e Evinha; Golden Boys, com os irmãos Roberto, Ronaldo e Renato Corrêa e o amigo de bancos escolares Waldir que, logo no início da carreira, estreou no cinema com a chanchada 'Cala boca, Etelvina', cuja figura central era a irreverente Dercy Gonçalves. Nela,

os garotos de ouro interpretam um sucesso da época, 'Meu Romance com Laura', calypso do nosso conterrâneo de Jaguaribe, Jairo Aguiar, que assim os lançava ao mundo da mídia musical.

Mas, parodiando Roberto Carlos quando diz que "são tantas as emoções...", eu digo que são tantos os nossos ídolos musicais que tenho de me conter e retornar à trindade de que lhes falei.

Sérgio Beneli Campello (1936), o Tony, e Célia Campello Gomes (1942-2003), a Celly, eram paulistanos, mas foram criados em Taubaté. Juntos, antes mesmo do sucesso alcançado na TV Record, já brilhavam em programas radiofônicos locais da Rádio Cacique e no programa 'Clube do Guri', da Rádio Difusora de Taubaté. Aos quinze anos, Celly grava, na capital, o seu primeiro disco (1958), com produção de Tony. No mesmo embalo, os dois já estreiam na TV Tupi, no programa 'Campeões do Disco'. Em 1959, passam para a Rede Record, quando Celly "estourou" nas paradas com as versões de 'Estúpido Cupido' ('Stupid Cupid'), a que se seguiu 'Banho de Lua' ('Tintarella di Luna'), 'Broto Legal' ('I'm in Love') e dezenas de outros hits. Enfim, ela chega ao reconhecimento nacional, com títulos como 'A Namoradinha do Brasil' e 'Primeira Popstar do Rock Nacional'. No auge do sucesso, aos vinte anos, casa-se com o namorado de adolescência e vai morar em Campinas-SP, deixando de lado a meteórica carreira artística, num momento em que era cogitada para apresentar, na mesma TV Record, o futuro programa 'Jovem Guarda'.

Em 1970, numa tentativa de revival, a mídia a leva a apresentar-se em um festival de rock, no Rio de Janeiro, sempre escudada por Tony, já consagrado intérprete de versões de rocks e baladas ('Lobo Mau' e 'Boogie do Bebê'

são dessa época), desenvolvendo, em paralelo, a atividade de diretor artístico de gravadoras e produtor musical. Do evento, foi produzido o documentário 'Ritmo Alucinante'.

Em 1976, a Globo produz a novela 'Estúpido Cupido', em que Celly tem uma participação especial e volta a gravar a versão de um hit internacional ('It's a Heartache', sucesso de Bonnie Tyler) que recebeu o nome de 'Saudade'. Curiosamente, em 2008, a Globo colocou as gravações de Celly para 'Banho de Lua' e 'Broto Legal', mas essas, certamente por questões de natureza contratual, não figuraram na trilha editada pela Som Livre.

O tempo passou, ou nós vamos passando por ele, sem esquecer também de outro ícone do nosso rock: Sérgio Murilo, de quem falaremos na próxima coluna.

Foto: Reprodução



Tony e Celly Campello, em revista da época



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Como é minha empresa

Nem sempre nosso negócio tem que ter a nossa cara e, principalmente, o que nos convém.

Eu não posso ter o meu restaurante ou qual meu ramo de alimentação com as comidas que eu gosto, nem muito menos ter um comércio que venda alinhamentos baseados naquilo que eu quero fazer ou vender, ao meu bem querer.

Um restaurante ou qualquer linha de alimentação para ser aberto tem que ser pensado em tudo, tipo de música, climatização local, decoração, espaço kids, cor, público-alvo... É uma série de fatores que vai fazer com que seu cliente queira passar mais tempo no local e indiretamente haja uma consumação maior que o normal, até porque o ambiente estará favorável ao cliente e não ao dono do local.

Essa semana fui a uma rede de supermercados no Bairro dos Estados, em João Pessoa. Notei que ele cresceu muito, mas ainda continua no formato de mercadinho, pois tudo que eu perguntei

sobre não ter, e falta de modos de fazer que outras empresas do mesmo ramo atuam, eu era informado que não poderia saber, pois o dono não permitia. Isso é uma forma de pensar errada, só para o proprietário e não para o cliente. É uma visão empresarial errada.

Vou citar dois exemplos bem simples: sempre compro nesse mesmo supermercado um pão pequeno de fabricação própria que vem em um pacote contendo em média 24 minipães. Por mais que tenha um prazo de validade de nove dias, mais da metade mofa, porque na minha casa o consumo é pouco. Perguntei o porquê de não fazer a metade para não ter desperdício e fui informado que o proprietário não permitia. Da mesma forma foi na bandeja de sobrecoxa resfriada que leva até o rótulo de uma empresa paraibana de frango, que o proprietário também não permite fazer de forma diferente e a resposta foi a mesma. Ah, e a pior de todas foi o calor que estava no local. O ar-condicionado

não dava conta. Quando fui falar com um funcionário pra perguntar, fui informado que era para a economia de energia, por ordem do proprietário. Assim fica difícil!

Se o local é agradável com um clima frio, tem um sistema de som de uma boa música, você irá consumir e comprar muito mais do que vai precisar. Isso é provado.

Como vamos muito a Santa Luzia, cidade do interior da Paraíba, entramos num supermercado que não dá vontade de sair, pois, além de ter um super preço, o ar-condicionado não é desligado e o clima fica uma delícia.

Não deixe que seu negócio seja um local onde seu cliente fique na obrigação de ir e sair rápido, principalmente com os preços absurdos que estão em tudo, mas que o local seja tão agradável, que ele possa consumir e comprar mais coisas, com muito prazer.

Isso é a diferença de quem sonha o pensamento de seu cliente e faz com que ele esteja à vontade e se sinta em casa.

Foto: Walter Ulysses



PRATO DO DIA

Barquinha de alface americana

Ingredientes

- 4 folhas de alface americana
- 10 fatias de pepino bem finos e picados
- 1 tomate sem semente picada
- Folhas de hortelã
- 1 folha de couve cortada em tiras finas
- 100 gramas de peito de frango grelhado e cortado em pequenos cubos
- Tempero a gosto



Modo de preparo:

- Pegue as folhas em formato de barquinho e coloque um pouco de cada ingrediente citado acima cortadinho e tempere ao seu gosto; sirva como na imagem à esquerda.



QUENTINHAS

Você conhece a Sublime Dolci? Se a resposta foi não, deveria conhecer o mais rápido possível. Principalmente para quem ama bolo de rolo. Pois é uma forma de amor em doces diferenciados, com a variedade fantástica de tortas de bolo de rolo de sabores deliciosos. Dá uma conferida no seu Instagram: @sublimedolci; ou pelo telefone (83) 99801-6096.

Quem gosta dos chocolates da Copenhagen tem um motivo a mais pra conhecer a loja do Cabo Branco, em João Pessoa. Eles estão com a máquina de sorvetes da marca que usa os próprios chocolates para fabricar o gelato. Uma delícia. Vale a pena conhecer!

PITADAS A GOSTO

Originária do leste do Mediterrâneo, a alface (*Lactuca sativa*) é uma hortaliça pertencente à família Asteracea, a mesma da alcachofra, do almeirão, da chicória e da escarola. Sabe-se que ela era conhecida no Antigo Egito, por volta do ano 4.500 a.C. A hortaliça foi trazida para o Brasil pelos portugueses, no século XVI.

A alface é uma hortaliça tipicamente folhosa, de grande aceitação. Ao lado do tomate, é o principal ingrediente da maioria das saladas. Provavelmente, esse grande consumo se dá em razão de seu sabor agradável e seu fácil preparo. Existem espécies de alfaces que apresentam folhas lisas, crespas, roxas etc. A alface americana é a espécie que possui as folhas mais crocantes.